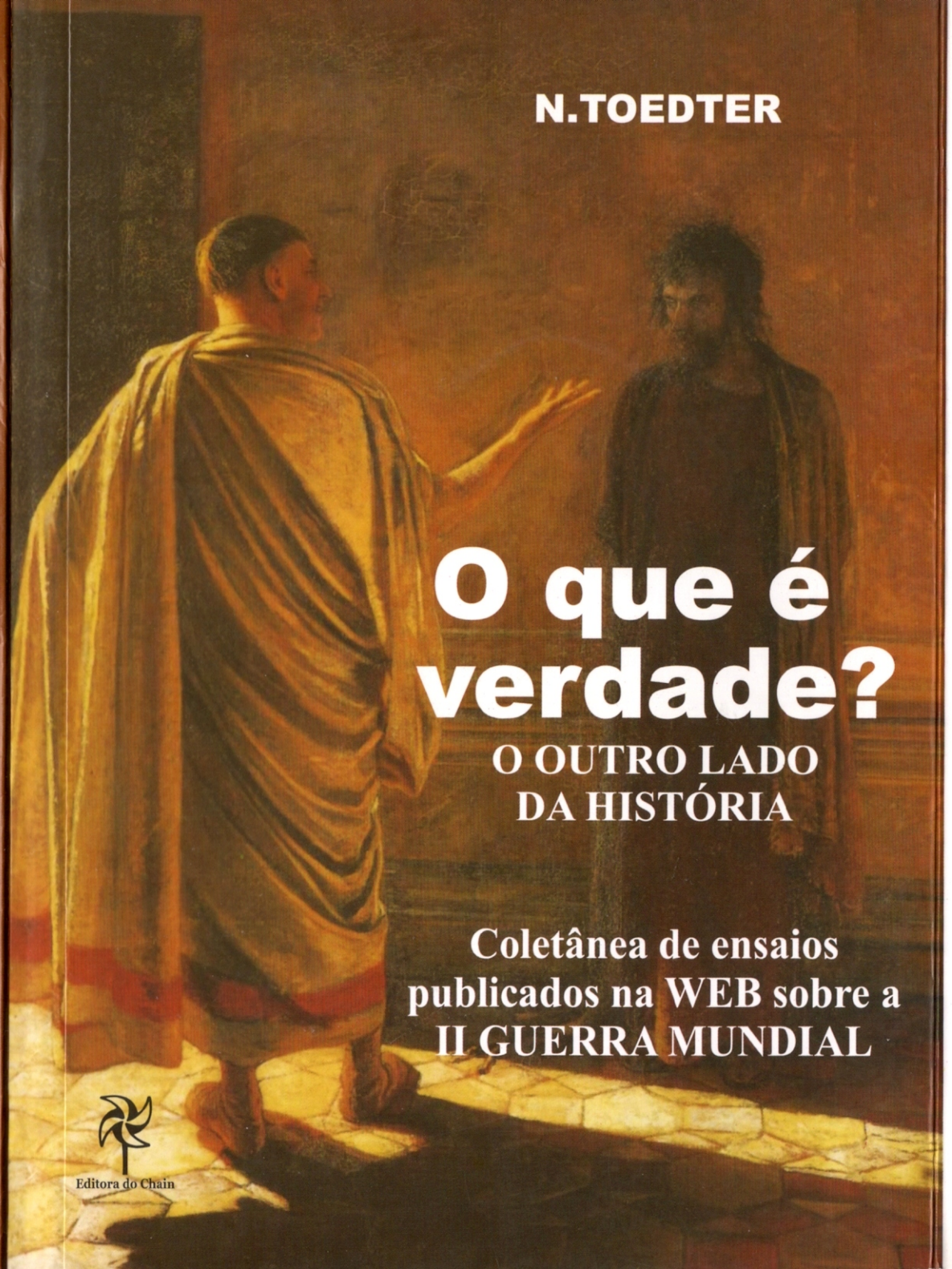
O QUE É VERDADE?

N.TOEDTER



N.TOEDTER

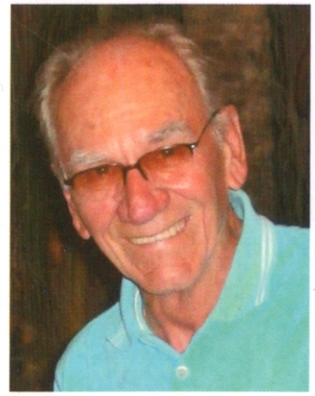
O que é verdade?

O OUTRO LADO DA HISTÓRIA

Coletânea de ensaios publicados na WEB sobre a II GUERRA MUNDIAL

Editora do Chain

O que é verdade?



O autor Norberto Toedter nasceu em Curitiba, Estado do Paraná, em 1929. Os caprichos do destino fizeram com que fosse levado daqui, do tranquilo e ensolarado Brasil, à Alemanha, já então envolvida numa guerra sangrenta, brutal e inclemente. Filho de pais alemães, foi plenamente integrado à população civil e quase convocado a participar da luta armada nos estertores da guerra. Não deixou de viver, ouvir, falar, fazer e aprender com tudo o que acontecia ao seu redor, a ponto de hoje poder dizer: "Eu estive lá!"

Já publicou o livro **...e a GUERRA CONTINUA,** relatando aquela sua experiência, e prosseguiu neste seu trabalho mantendo um blog na internet e difundindo a visão de quem viveu mais perto dos acontecimentos. Os 65 ensaios publicados na WEB estão agora reunidos neste livro.

II GUERRA MUNDIAL

Conflito sangrento que aconteceu de 1939 a 1945, pouco mais de 20 anos depois da primeira grande guerra, que também já envolvera grande número de países. Nesta 2a.GM estiveram em campos antagônicos de um lado o "Eixo" Alemanha, Itália e Japão, mais algumas nações européias, do outro Reino Unido, França, Estados Unidos, União Soviética, além de meio mundo, inclusive o Brasil.

As grandes personalidades condutoras da contenda foram Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos, Winston Churchill, primeiro ministro britânico, Joseph Stalin, ditador soviético e Adolf Hitler, "Führer" alemão. Morreram nesta guerra cerca de 50 milhões de pessoas, sendo mais da metade constituida de não-combatentes.

Os grandes derrotados foram a Alemanha e o Japão, tendo sido impostos os maiores sacrifícios à Alemanha, tanto em indenizações, quanto em perdas territoriais, patentes e instalações industriais. Ambos os povos também foram alvo de campanhas difamatórias, sendo que o alemão é mantido refém das mesmas até os dias atuais.

9 788561 874018

Editora do Chain

N.TOEDTER

O que é verdade?

O outro lado da História

EDITORA E LIVRARIA DO CHAIN
CURITIBA
2009

Direitos autorais © : Norberto Gastão Toedter

Ilustração da Capa: Pintura "Quid est veritas?" (1890)
de Nikolai Nikolajewitsch Ge

Editoração: N.Toedter

Revisão: N.Toedter conf. novo acordo ortográfico.

ISBN: 978-85-61874-01-8

Impressão: Vitória Gráfica – Rua Jacarezinho, 1763
80810-130 Curitiba/PR – Tel/Fax (41) 3335 1617

Toedter, Norberto (1929)
O que é verdade?
Curitiba: Editora do Chain, 2009
174 p.

1. Segunda Guerra Mundial 1939-1945
2. História/Ética

EDITORA E LIVRARIA DO CHAIN
Rua General Carneiro, 441
Curitiba/PR – CEP 80050-120
Tel.(41) 3264 3994 ou 3264 3484 Fax (41) 3263 1693
http://www.livrariadochain.com.br

Para
Irene

Este livro está sendo publicado
no ano em que o Paraná comemora
180 anos de imigração alemã.

"A VERDADE ÀS VEZES SUBMERGE, MAS NÃO MORRE AFOGADA."

Ditado húngaro

SUMÁRIO

Título	Data da publicação	Página
1. Objetivo deste blog	29/09/06	11
2. Um país contra o mundo	01/10/06	12
3. Navios brasileiros torpedeados	05/10/06	14
4. Imagem de um povo	11/10/06	17
5. Soldados nazistas	20/10/06	19
6. Ultimato inglês e resposta alemã (4 partes)	27/10/06	22
7. Declaração de guerra desconhecida	02/11/06	27
8. Superioridade racial	10/11/06	29
9. Entre a 1ª e a 2ª guerra mundial	15/11/06	31
10. Quem agrediu quem?	20/11/06	34
11. Livro de soldo	28/11/06	35
12. O Bush está nu	11/12/06	37
13. Perfídia americana	23/12/06	39
14. Memórias de um estadista tcheco	10/01/07	40
15. Discurso de 10 de dezembro de 1940	12/02/07	40
16. A guerra e o povo	09/03/07	43
17. Hitler versus Stalin	18/03/07	45
18. Lobos em pele de cordeiro	23/03/07	47
19. De novo: Nossos navios torpedeados	30/03/07	49
20. Filmes documentários	07/04/07	51
21. Liberdade de pensamento	28/04/07	52
22. Revisionistas	05/05/07	54
23. Pesquisa proibida	18/05/07	56
24. Responsabilidade coletiva	07/06/07	58
25. Monte Cassino	17/06/07	60
26. Um pingo de sinceridade	30/06/07	62
27. Quem faz governos, revoluções, guerras?	10/07/07	64
28. A morte do general Maurice Rose	24/07/07	67
29. Por quem os sinos dobram	03/08/07	69
30. O papa a serviço da difamação	17/08/07	71
31. O livro "Minha Luta"	07/09/07	73
32. A solução final	22/09/07	76
33. Dois pesos sem qualquer medida	05/10/07	79

34.	EIXO destemperado	17/10/07	81
35.	"Armas desumanas"	02/11/07	84
36.	Rádio Maria	16/11/07	86
37.	Livro Memorial	02/12/07	87
38.	Globalismo x Nacionalismo	20/12/07	90
39.	Matéria paga contra o revisionismo	08/01/08	92
40.	Crime de guerra de Katyn	12/01/08	94
41.	Vítimas do Holocausto	29/01/08	96
42.	Do Holocausto à Sapucaí	05.02.08	99
43.	Pobre Nação	21/02/08	102
44.	Tribunal de Nurenberg	05/03/08	103
45.	Violência sexual	14/03/08	105
46.	Liberdade para mentir	25/03/08	108
47.	A 2ª. Guerra e as nações envolvidas	04/04/08	110
48.	A Segunda Guerra Mundial e o preconceito	20/04/08	112
49.	"Libertando" a Itália	06/05/08	115
50.	Congresso Nacional	21/05/08	117
51.	Ecologia	04/06/08	119
52.	Formação do oficial "nazista"	17/06/08	122
53.	Uma princesa em Buchenwald	04/07/08	126
54.	Bertrand Russel e o domínio mundial	23/07/08	129
55.	Roosevelt, um dos "falcões " de Versailles	08/08/08	131
56.	Olimpíada da China	18/08/09	133
57.	Marechal de Campo Rommel e o 20 de julho	11/09/08	135
58.	Existem poderes supranacionais?	26/09/08	138
59.	Herrenvolk (Povo de soberanos)	11/10/08	140
60.	Enganaram o mundo	28/10/08	143
61.	Obaobamania	10/11/08	146
62.	Campos de concentração	25/11/08	149
63.	Comentários e respostas	02/12/08	152
64.	Buchanan inocenta a Alemanha	19/12/08	155
65.	Unanimidade é burra	30/12/08	158
	CRONOLOGIA	-	161

Vivemos num mundo não só virtual como verdadeiramente do "faz de conta".Um enorme exército de meios de informação colocou a humanidade em situação de saturação mental, restando um espaço cada vez menor para a crítica. Temos que nos preservar este espaço, se não quisermos nos tornar rebanho.

Já se fala em "chip" que todos terão implantado sob a pele. Para que o aceitemos dirão que terá gravada a nossa identificação (para o caso de acidente), a nossa história clínica (o que facilitará o trabalho dos médicos) e outros argumentos mais. Tal implante nos permitirá que paguemos nossas contas, que embarquemos em meios de transporte, que seja registrada nossa entrada e saída do local de trabalho, que se saiba onde estamos – que sejamos constantemente controlados! Sim, que tenhamos que rezar por cartilha determinada. Se não o fizermos, uma central simplesmente nos desligará...

Já existe "chip" para cachorro.

O leitor perguntará: e daí? Devemos construir barricadas, nos revoltar? Mas, revolução contra o que e contra quem? Como evitar que o "Maravilhoso Mundo Novo" de Aldous Huxley chegue a nós? De fato, mosquetão, bomba ou cara pintada são meios ultrapassados. Agora, o que está ao nosso alcance, é preservar a nossa capacidade crítica. Também em relação ao passado. Entender o passado é compreender o presente. Por este motivo estou disponibilizando neste livro todos os ensaios que até aqui publiquei na internet sobre a 2ª.Guerra Mundial no assim chamado "blog"sob o endereço http://2a.guerra.zip.net.

Curitiba, dezembro de 2008 *O autor*

1. OBJETIVO DESTE BLOG 29/9/2006

Há neste mundo um povo muito injustiçado. Quero me referir a um povo ordeiro e trabalhador, sempre admirado por suas tradições, competente no que faz e produz. Teve grande participação no desenvolvimento do Brasil. Este povo foi acusado de crimes hediondos. Foi acusado de genocídio. Foi acusado de agredir outros povos. Imputaram-lhe intenções imperialistas, desejo de dominar o mundo. A acusação serviu-se de tantas técnicas, métodos e expedientes, isto durante 60 anos, que hoje este próprio povo está convencido de sua culpa coletiva. Chegou ao ponto de incluir no seu Código Penal o parágrafo 130 que capitula como crime a tentativa de negar esta culpa.
Pois, apesar de ser brasileiro, aqui nascido, pertenço também àquele povo maldito. Não só genética ou eticamente, meus pais eram imigrantes alemães, mas porque senti pessoalmente durante os últimos três a quatro anos daquela 2ª.Guerra Mundial junto à população alemã os sofrimentos cruéis que o conflito impunha a homens, mulheres e crianças. Isto solidariza. Acho que isto me credencia também a tentar advogar sua causa, a dizer que não há culpa coletiva e a questionar acusações que me pareçam improcedentes.

Por isso escrevi o livro "... e a guerra continua". Custeei a primeira edição. Para a segunda felizmente encontrei um editor. A divulgação e distribuição são difíceis, porque os livreiros do país têm medo (!) de se envolver. Parece que são patrulhados. O livro está no mercado desde o ano 2000 e pode ser encontrado com certeza na Livraria do Chain em

Curitiba, telefones (41) 3015 9484, ou (41) 3264 3484. Até hoje nada do que escrevi foi contestado. Muito pelo contrário, houve muita aprovação. Depois de publicado recebi e tive acesso a grande número de livros e publicações sobre o assunto, muita informação nova que alicerça, complementa e endossa a matéria que abordei. Poderia inspirar um novo livro, mas vejo-me tentado a usar este novo meio de comunicação e talvez até a interatividade que a internet nos oferece. Não pretendo agitar, não pretendo ofender, nem incitar. Quero disponibilizar matéria que normalmente não aparece na mídia tradicional ou nos livros de história. Quero convidar à reflexão.
É este o objetivo deste blog

2. UM PAÍS CONTRA O MUNDO, OU VICE-VERSA

1/10/2006

Cerca de 470 mil quilômetros quadrados. Era esta a extensão territorial da Alemanha em 1939, ano em que começou a 2ª.Guerra Mundial. Um país de oitenta milhões de habitantes, portanto densamente povoado, porém altamente dependente de trocas na área econômica. Exportava tecnologia e importava matéria prima, isto ainda na base do

escambo, pois o que mais lhe faltava eram reservas cambiais. Em síntese, um país pouco maior que o nosso vizinho Paraguai.

A história nos conta que este pequeno país desafiou o mundo todo.

É bem verdade que o seu governo, em apenas seis anos de gestão, havia realizado o milagre da recuperação econômica de uma nação falida, extirpara o desemprego, contabilizara sucessos diplomáticos, cobrira o território com uma teia de estradas de primeira grandeza, as famosas *autobahnen*. Realmente feitos que poderiam ter provocado uma arrogância doentia. Mas seria esta tamanha a poder levar pessoas inteligentes — o que realizaram comprova que não eram burros — conscientemente ao suicídio coletivo?

Poderia mesmo a minúscula Alemanha enfrentar todo este enorme mundo franco-britânico?

Basta olhar para o mapa *mundi* acima e como este se apresentava na época. Analise-se a correlação de forças entre o que representa a pequenina Alemanha de um lado e

Inglaterra e França do outro, ainda sem contar com as alianças que se formariam. Apenas vinte e cinco anos antes o mundo já havia sido mobilizado para acabar com as veleidades desta nação nanica, mas de crescente importância econômica. Dá para aceitar a tese de que, seja em 1914, seja em 1939, a Alemanha queria dominar o mundo?

3 – NAVIOS BRASILEIROS TORPEDEADOS 5/10/2006

Escrever sobre a 2ª.GM exige que se aborde estes atos de guerra praticados contra um país ainda neutro. Aliás, chamam de "ato de guerra", mas na realidade, agredir navios de país não envolvido no conflito, em águas territoriais do mesmo (os três casos citados a seguir aconteceram na costa de Sergipe), portanto não na área de exclusão*, é um ato criminoso de brutalidade inominável. Só nestes três navios torpedeados nos dias 15 e 16/08/1942 tivemos 432 vítimas entre tripulantes e passageiros, segundo informa o site www.naufragiosdobrasil.com.br/. Trata-se do BAEPENDI, do ARARAQUARA e ANIBAL BENÉVOLO respectivamente. Somente uma motivação de transcendental importância pode explicar, não justificar, ato tão revoltante.

Afinal, tudo aconteceu em alto mar e, como no encontro de dois aviões na imensidão do céu sobre a selva amazônica, não há muito o que testemunhar ou atestar sobre o que ali acontece, abrindo caminho ao afloramento dos mais baixos instintos ou projetos os mais diversos. Segundo o relato citado os três navios foram agredidos pelo submarino alemão U-507. Uma pesquisa na internet pelo U-507 não remete propriamente à história do mesmo, mas a de um outro submarino alemão, o U-156, na qual o U-507 é figurante. Segundo o diário de guerra do mesmo, que operava na costa da África, no dia 16 de setembro daquele ano, portanto um mês depois do caso na costa de Sergipe, o U-156 ali torpedeou o transportador de tropas inglês LACÔNIA. Constatou-se que havia 1700 prisioneiros de guerra italianos e 200 tripulantes com suas famílias a bordo e que desesperadamente tentavam a salvação em botes salva-vidas ou simplesmente jogando-se ao mar. O comandante Hartenstein do U-156 imediatamente, como então era costume, dirigiu seu submarino ao local para iniciar o processo de salvamento. Como era muita gente pediu por rádio ajuda a outros submarinos que operavam nas proximidades e divulgou sua posição. Pediu também que cessassem todas as hostilidades até que os náufragos estivessem em segurança. Identificou seu barco com bandeira da cruz vermelha de 2 por 2 metros. Dois submarinos alemães, o U-506 e U-507, acorreram ao local e participaram dos salvamentos. Note-se que aí apareceu o mesmo que foi acusado de ter causado o morticínio na costa brasileira, onde não se tem notícia de ter havido tentativa de resgate de vidas humanas. Conclu-

indo a história: De repente apareceu um avião quadrimotor americano, que operava desde a ilha de Ascencion e jogou duas bombas em meio aos submarinos que rebocavam barcos salva-vidas ou acolhiam pessoas. O U-156 registrou danos. Em consequência desta ocorrência o almirantado alemão proibiu aos seus submarinos participarem de processos de salvamento.

Fica difícil de entender como o mesmo U-507, que ali se arriscava salvando gente de uma embarcação inimiga, participara um mês antes da agressão covarde a navios de uma nação que nada tinha a ver com a guerra. Mas, em função do acontecido, poucos dias depois o Brasil declarou guerra à Alemanha. Temos aí um momento da história da 2ª. Guerra Mundial que convida à reflexão. Talvez alguém entre os visitantes deste blog possa contribuir com algum comentário que nos ajude a saber mais sobre o assunto.

*Área de exclusão: No hemisfério norte, onde se processava o suprimento da Inglaterra pelos americanos, havia uma área que os alemães declararam como "de exclusão". Isto queria dizer que todo o navio que ali fosse encontrado, estava sujeito a ser torpedeado sem prévio aviso. Idêntica medida, agora em relação a aviões, os americanos tomaram recentemente no caso da guerra com o Iraque.

4 – A IMAGEM DE UM POVO 11/10/2006

Depois do último campeonato mundial de futebol realizado na Alemanha passou a ser comum dizer que "o povo alemão mudou muito". Os próprios comentaristas de TV já se surpreenderam com os aspectos humanos que lá encontraram, com o colorido, com a animação nas ruas, com a hospitalidade. De repente o alemão era um ser igual aos outros. Com suas diferenças regionais, é claro. O do sul é mais comunicativo que o do norte, o do leste fala um tanto diferente daquele do oeste, mas é gente igual à gente do resto do mundo. E sempre foram. O alemão não é, nem nunca foi, aquele bruto, insensível, soldadesco como foi

pintado pelos spielbergs da vida e pelos historiadores de encomenda.

Bem a propósito veio ter às minhas mãos uma publicação, hoje certamente raríssima — na época com uma tiragem de 600 mil exemplares — que documenta em dois volumes outro evento de repercussão mundial realizado na Alemanha. Foi a XI Olimpíada. Aconteceu em Berlim três anos após o governo nacional-socialista ter assumido o poder e três anos antes do começo da 2ª.guerra. Reuniu representações esportivas de 51 nações. Construira-se um estádio para cem mil pessoas que, reformado, agora, 70 anos depois, ainda serviu como uma das sedes da Copa.

Os pintores acima referidos também usaram estes jogos olímpicos para criar uma imagem negativa do povo germânico. Sempre voltaram a alegar que os atletas negros foram discriminados. Certamente não é o que se lê neste documentário. Eles mereceram as mesmas loas e fotos de igual tamanho aos dos atletas brancos. Especial destaque mereceu o homem mais veloz do mundo, Jesse Owens, que conquistou quatro medalhas. Seu nome também foi gravado em pedra ao lado do portal da maratona. Quanto à repetida afirmação de que Hitler teria propositalmente evitado cumprimentar este vencedor por se tratar de um negro, o nosso Oswaldo Domingues, 89, atleta brasileiro que participou e competiu com aquele campeão, declarou à Folha de S.Paulo (19/3/06): "Os atletas não eram cumprimentados na pista. Não havia como Hitler descer, era tudo na hora e rápido." Nas fotos que abrem este capítulo , tiradas do documentário, vemos o movimento na rua *Unter den Linden*

que conduz aos estádio, vemos também ruas embandeiradas como estiveram agora. Abaixo podemos ver o Jesse Owens descansando ao lado da atleta também americana Helen Stephen e finalmente o próprio Owens em ação maravilhando o mundo expectador.

Volto a afirmar: o alemão não mudou. É que de tanto ele ser difamado você esperava vê-lo diferente.

5 – SOLDADOS NAZISTAS 20/10/2006

Há poucos dias nossos jornais noticiavam: (Gazeta 15/10/06) *CONFUSÃO em KIEV – A polícia da Ucrânia teve de trabalhar duro para separar manifestantes de esquerda e naciona-*

listas que defendem a causa nazista. A questão não é nova. Grupos nacionalistas inspirados em movimentos alemães e russos resistiram à derrota na Segunda Guerra Mundial e permanecem ativos na Ucrânia.

Aqui cabe lembrar que a Ucrânia, hoje novamente independente, durante a 2ª.Guerra Mundial era parte da União Soviética e, como tal, teoricamente inimiga da Alemanha. Entretanto, farta então do jugo comunista, grande parte da população aproveitou a ocupação pelas forças armadas alemãs para se aliar a estas no combate às forças soviéticas. Para tanto e sob o comando do Marechal Wlassow foi constituído um contingente na grandeza de um exército, ou seja, cerca de oito a nove divisões. Apesar das represálias que seus integrantes sofreram após o término das atividades bélicas, nota-se pela notícia acima que aquelas forças, ou suas motivações, subsistem até hoje. Mas nos lembra também que a Segunda Guerra Mundial não foi exatamente o que um Mr.Bush chamaria de luta do BEM, as forças anglo-americanas e seus aliados, contra o MAL, a Alemanha. Identificavam-se com esta e com seus objetivos, nações aliadas como Itália, Japão, Hungria, Croácia, Bulgária, Romênia, Finlândia e a hoje Ucrânia. Entretanto, as forças que deturparam a história e a manipulam até hoje, concentraram a difamação sobre um único povo. O MAL é representado pelos alemães, pelos soldados nazistas, dando até a impressão de que estes não estavam lá lutando e se sacrificando pelo seu país, pelo seu povo, por suas famílias, mas, sim, por um partido político. Qualquer soldado, com exceção do mercenário, só se dispõe a empenhar sua vida por

um motivo muito maior que um interesse político. Não é aceitável que o finlandês ou o ucraniano tenha pego em armas para defender o partido nacional-socialista — nazista — lá daquele país estranho.

Explica-se assim por que aqueles que escreveram a história da 2ª.Guerra Mundial baixaram um condescendente e interesseiro silêncio sobre a participação destes outros povos no conflito. Silenciam também sobre as centenas de milhares de voluntários holandeses, franceses, belgas, espanhóis, noruegueses que reunidos por nacionalidade em Divisões da Waffen SS lutaram ao lado dos alemães contra a ameaça soviética. Eram voluntários, não mercenários.

Entre eles temos a figura emblemática de Leon Joseph Marie Ignace Degrelle, criador e comandante-chefe da Legião Walloine depois convertida na 28ª.Divisão da Waffen-SS e constituída por voluntários belgas. Dizia ele em entrevista a *O Independente* Nr.215, Portugal 26/6/92: *"Que sabem aqueles que nos insultam a respeito da grandiosa tentativa de criação de uma Europa carnal, na Frente Leste, de 1941 a 1945*

20 de fevereiro de 1944. Hitler entrega a Degrelle a Cruz de Ferro com Folhas de Carvalho.

e representada por seiscentos mil voluntários não alemães? (...) Em quatro anos de luta tremenda participamos dos mesmos sofrimentos, unimos nosso sangue no furor das batalhas, levamos fraternalmente, todos juntos, o mesmo ideal. Nunca a História havia conhecido uma epopéia comum de semelhante tamanho: centenas de milhares de voluntários de vinte e oito países distintos(...)."

Diante de todos estes fatos também não é justo deixar de reconhecer que o próprio soldado alemão não era um soldado de um partido político, não era um soldado nazista. Era um ser humano em luta por sua terra, por sua família, por seus valores.

Ilustrando a matéria uma foto de Degrelle recebendo honrosa distinção das mãos de Hitler. Condenado à morte em sua pátria, viveu o restante dos seus dias em Málaga, na Espanha, até 31/3/1994.

6. – ULTIMATO INGLÊS E RESPOSTA ALEMÃ

27/10/2006

Era praxe diplomática que, antes de iniciarem hostilidades, governos litigantes trocassem uma intimação formal também chamada Ultimato. Estas notas são de relevância histórica por demonstrarem as respectivas posições. São raríssimos os historiadores que dedicam alguma atenção às

declarações oficiais feitas naqueles momentos cruciais. Aqui este Blog se propõe a preencher esta lacuna.
No dia 1. de setembro de 1939, data do início da guerra entre Alemanha e Polônia, a Inglaterra fez sua embaixada em Berlim exigir do governo alemão a cessação das hostilidades e providências para retirada de suas tropas até às 11 hrs. do dia 3 do mesmo mês. Às 11.15 deste dia o Secretário de Estado para Assuntos Exteriores britânico, Lord Halifax, "deu-se a honra" de comunicar ao embaixador alemão que, dado o não cumprimento das exigências, seus países se encontravam em estado de guerra.

Resposta alemã ao Ultimato de Londres

Berlim, 3de setembro de 1939

O governo alemão recebeu o Ultimato do governo britânico datado de 3 de setembro de 1939. Dá-se a honra de responder com o que segue:

1. O governo alemão rejeita receber ou aceitar exigências ultimativas do governo britânico e, muito menos, dar-lhes atendimento.

2. Há muitos meses nossa fronteira oriental é dominada por um estado de guerra de fato. Depois que o Tratado de Versailles dilacerou a Alemanha, negou-se a todos os governos alemães uma solução pacífica. Também o governo nacional-socialista tentou por repetidas vezes após 1933 negociar por meios pacíficos a correção das mais graves violações e quebras desse Tratado. Foi, principalmente, o gover-

no britânico que fez malograr toda revisão prática através de sua postura intransigente. Sem a interferência do governo britânico – disto o governo e povo alemão têm certeza – já teria sido encontrada entre a Alemanha e a Polônia uma solução sensata e justa para ambos os lados. A Alemanha nunca teve a intenção ou estabeleceu a exigência de eliminar a Polônia. O Reich apenas exigiu a revisão daqueles artigos do Tratado de Versailles, que, já ao tempo da redação deste Ditado, eram caracterizados por estadistas lúcidos de todos os povos como sendo, na continuidade, insuportáveis para uma grande nação, assim como para todos os interesses políticos e econômicos da Europa Oriental e, portanto, inviáveis. Também estadistas britânicos declararam então que a solução imposta à Alemanha no Leste era a semente para guerras posteriores. Eliminar este perigo foi o desejo de todos os governos do Reich alemão e especialmente a intenção do novo governo popular nacional-socialista. Ter impedido tal revisão pacífica é culpa da política do Conselho Britânico de Ministros.

3. O governo britânico – num procedimento singular na História – deu ao Estado polonês um procuração com plenos poderes para todas as ações que esse Estado pudesse intentar contra a Alemanha. O governo britânico assegurou ao governo polonês apoio militar sob quaisquer circunstâncias em que a Alemanha viesse a se defender contra qualquer provocação ou agressão. Depois disto o terror polonês contra os alemães que vivem nos territórios arrancados da Alemanha assumiu imediatamente proporções insuportáveis. A Cidade Livre de Danzig recebeu tratamento

contrário a todas as disposições legais, primeiramente ameaçada de forma econômica e aduaneira, depois encurralada militarmente e estrangulada pelas vias de transporte. Todas estas infrações ao Estatuto de Danzig, de conhecimento do governo britânico, foram aprovadas e cobertas pela carta branca dada à Polônia. O governo alemão, comovido pelo sofrimento da população alemã atormentada e tratada de forma desumana pelos poloneses, manteve-se mesmo assim paciente durante cinco meses, sem que perpetrasse uma única vez ações agressivas semelhantes contra os poloneses. Apenas advertiu a Polônia de que estes acontecimentos não seriam suportáveis e que estaria disposto, caso esta população não fosse socorrida, partir para a autoajuda. Tudo isto era detalhadamente do conhecimento do governo britânico. Para ele teria sido fácil utilizar sua grande influência sobre Varsóvia, a fim de admoestar aqueles governantes para que fizessem imperar a justiça e o humanitarismo e respeitassem os compromissos existentes.

O governo britânico não o fez. Ao contrário, sempre ressaltando sua obrigação de apoiar a Polônia em qualquer circunstância praticamente estimulou o governo polonês a prosseguir no seu comportamento criminoso e comprometedor da paz européia. Dentro deste espírito o governo britânico também rechaçou a proposta de Mussolini, que ainda poderia ter salvado a paz na Europa e à qual o Reich já havia demonstrado sua posição favorável. O governo britânico carrega agora a responsabilidade por toda a desgraça e sofrimento que advirão sobre muitos povos.

4. Depois que foram frustradas pelo governo polonês, protegido pela Inglaterra, todas as tentativas de encontrar e acordar uma solução pacífica; depois de o estado existente junto à fronteira leste do Reich, semelhante a uma guerra civil, evoluir para agressões abertas contra o território do Reich, sem que o governo britânico interviesse, o governo alemão decidiu por um fim a esta persistente, e para uma potência intolerável, ameaça à paz externa e finalmente também interna do povo alemão, com aqueles recursos que unicamente lhe restaram para defender a segurança e a honra do Reich alemão. Depois que os governos das democracias sabotaram praticamente todas as demais possibilidades de revisão, ele respondeu às últimas agressões ao seu território com providências idênticas.

O governo alemão do Reich não está disposto a tolerar no Leste, em função de quaisquer intenções ou compromissos britânicos, condições que se assemelham às que encontramos na Palestina que está sob protetorado britânico. O povo alemão também não está, sobretudo, disposto a se deixar maltratar pelos poloneses.

5. Conseqüentemente o governo alemão do Reich repele as tentativas de obrigar, através de exigências ultimativas, a Alemanha a chamar de volta suas forças armadas, alinhadas para a proteção do Reich, e com isto voltar a tolerar a velha desordem e a velha injustiça. A ameaça de, em caso contrário, combater a Alemanha com a guerra corresponde à intenção proclamada há anos por numerosos políticos britânicos. O governo alemão do Reich e o povo alemão asseguraram inúmeras vezes ao povo inglês o quanto desejam

um entendimento, sim, uma estreita amizade com ele. Se o governo britânico sempre recusou nossas ofertas e agora responde com clara ameaça de guerra, isto não é culpa do povo alemão ou do seu governo, mas, exclusivamente, responsabilidade do Conselho de Ministros britânico ou daqueles homens que há anos pregam a destruição e o extermínio do povo alemão. Este e o seu governo não têm como a Grã-Bretanha o propósito de dominar o mundo, mas estão decididos a defender sua própria liberdade, sua independência e, sobretudo, sua vida.

Tomamos conhecimento pelo que nos foi transmitido pelo senhor King Hall em nome do governo britânico da intenção de aniquilar nosso povo ainda mais do que já fora feito pelo Tratado de Versailles e responderemos a cada ação de ataque da Inglaterra com as mesmas armas e da mesma forma.

7 – Declaração de guerra desconhecida 2/11/2006

Reproduzimos nas quatro últimas mensagens o texto das notas trocadas entre Inglaterra e Alemanha nos dias 1. e 3 de setembro de 1939. Com elas deu-se o início oficial da

2ª. Guerra Mundial. Mas existe outra "Declaração de Guerra" anterior, nunca mencionada nos nossos livros de História. Seis anos antes, no dia 24 de março de 1933, portanto apenas seis semanas após Hitler ser empossado no cargo de 1º Ministro da Alemanha, o jornal "DAILY EXPRESS" londrino estampava em sua primeira página, com

Daily Express

JUDEA DECLARES WAR ON GERMANY

Mr. Churchill's Withering Attack On Premier

Officer Describes The Girl

DAYS OF LOVE IN BERLIN

'BROUGHT US NEARER TO WAR'

FOUR YEARS WORK WITHOUT ANY SUCCESS

Mrs. George Lansbury Dead

JEWS OF ALL THE

destaque, um artigo sob o título: "JUDEIA DECLARA-GUERRA À ALEMANHA"

Tem como subtítulos: "Judeus de todo o mundo se unem - Boicote a produtos alemães - Demonstrações em massa". Da longa matéria que segue destaque-se: "(...) Adolf Hitler, que chegou ao poder apelando ao patriotismo, fará História de uma maneira que ele menos esperava. Ele pensava apenas em unir a nação alemã numa conscientização racial, mas fez com que todo o povo judaico renascesse nacionalmente. O aparecimento da suástica como símbolo da nova Alemanha fez surgir o Leão da Judeia, velho sím-

bolo de luta dos judeus. Quatorze milhões de judeus, espalhados por todo o mundo, uniram-se como um só homem, para declarar a guerra aos perseguidores alemães dos companheiros de religião. (...) A Alemanha terá que pagar um preço elevado por esse antagonismo de Hitler aos judeus. O Reich está diante de um boicote total no comércio, nas finanças e na indústria. (...) O velho, agora novamente unido, povo de Israel se levanta para encetar com novas e modernas armas o antiquíssimo combate aos seus opressores."

8. – Superioridade racial 10/11/2006

Uma das afirmações falsas e tendenciosas mais repetidas pela mídia e pelos historiadores é a que se refere ao alemão soberbo, crente de pertencer a uma raça superior. Graças à frequência com que a ela somos expostos é geral a sua aceitação como verdadeira. Mas justamente nós aqui no Brasil, terra de imigrantes, temos tido oportunidade de observar etnias provindas dos mais diversos recantos do mundo. Consultando nossa experiência pessoal, seja em

relação a colegas de escola, seja no dia a dia que vivemos social ou profissionalmente, podemos constatar que existem outros grupos que podemos qualificar como bem mais arrogantes e presunçosos que o dos alemães, ou seus descendentes.

Mas vejamos o que Hitler disse a respeito em seu livro *Minha Luta* – pgs. 436/7:

"Nossa etnia alemã não mais repousa num núcleo racial uniforme. O processo de fusão dos diversos componentes originais também ainda não progrediu tanto que se pudesse falar da formação de uma nova raça. Pelo contrário: a poluição sanguínea que atingiu o corpo do nosso povo, principalmente desde a Guerra dos Trinta Anos, levou não somente a uma decomposição do nosso sangue, mas também da nossa alma. As fronteiras abertas da nossa pátria, a contiguidade com corpos estranhos não-germânicos ao longo destas regiões fronteiriças, mas, principalmente, a forte e contínua corrente de sangue estranho para o próprio interior do Reich, não deixam o tempo necessário para uma fusão completa em consequência de sua constante renovação. Não vem a ser cozida uma nova raça, porém os componentes raciais permanecem um ao lado do outro, fazendo com que, em momentos especialmente críticos, nos quais costumeiramente um rebanho se une, o povo alemão se dispersa em todas as direções. (...) Falta ao povo alemão aquele seguro instinto gregário, alicerçado na uniformidade sanguínea e que protege nações do naufrágio em momentos perigosos, porque então, nestes povos, costumam

desaparecer as pequenas diferenças internas e ao inimigo comum se apresenta uma frente coesa duma grei unida." (O livro foi escrito nos anos vinte, quando Hitler era ainda um simples líder político).

9 – Entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial 15/11/2006

O interregno entre as duas guerras, portanto entre o armistício de Compiègne, em 11.11.1918, e a eclosão da Segunda em 1.9.1939, não foi na Alemanha um tempo de paz. Por vezes assumiu condições de guerra civil e se o resultado desta tivesse sido outro o próprio mundo em que vivemos hoje seria bem diferente. Travara-se ali o embate que decidiu se o comunismo, que acabara de submeter a Rússia, teria um caminho livre para se alastrar pela Europa em direção ao oeste. Com o fim da 1ª.Guerra os comunistas tentaram assumir o poder no país debilitado econômica e politicamente através levantes armados. Recrutaram suas forças entre desertores e ex-integrantes das forças de combate

alemãs, passando a se chamar de "proletários". Seus instrutores, armas e dinheiro provinham da Rússia bolchevista. Os distúrbios se concentravam principalmente em Berlim, na região do Ruhr, Munique, Alemanha Central e cidades portuárias. Já em 1923 contavam com cerca de 133.000 combatentes e uma revolução planejada para este ano só não teve maior êxito, porque uma transmissão errada de ordem a fez eclodir prematuramente em Hamburgo e porque a Greve Geral programada não aconteceu. Foi diante deste adversário que cresceu e criou forças o Partido Nacional-Socialista alemão que acabou conquistando a maioria parlamentar e, consequentemente, o poder em 1933. Foi naqueles anos e naquela luta entre dois partidos pelo comando da nação que nasceu a tropa de elite que na 2ª.Guerra teria significado tão discutido, a SS. Esta sigla vem da palavra Schutzstaffel, o que quer dizer Esquadrão de Proteção. Este tinha como objetivo proteger dirigentes e oradores do partido durante os comícios, que na época eram a principal forma de propaganda eleitoral. Foi cri-

ado em 1926 e em 1929 tinha 280 integrantes. Quatro anos depois eram 50.000.

Estes acontecimentos, bem como a resistência alemã às forças soviéticas durante a 2ª. guerra talvez tenham tido um significado transcendental para o destino do mundo. Já em 13 de outubro de 1933 o ex Primeiro Ministro britânico David Lloyd George declarava no *Daily Mail*: "Se Hitler falhar, virá o Comunismo."

Communism Must Follow
IF HITLER FAILS
By The Rt. Hon.
D. LLOYD GEORGE

10 - Quem agrediu quem? 20/11/2006

Quando em 22 de junho de 1941 as forças armadas alemãs começaram a marchar em direção ao leste, iniciando a guerra contra a União Soviética, os verdadeiros donos do mundo em seus confortáveis gabinetes devem ter festejado com baterias de Dom Perignon a concretização dos seus planos. A pobre daquela figura do Hitler que até então se batera contra os inimigos ao oeste, teve que deixar os ingleses fugirem incólumes, ou quase, para, apressadamente, orientar suas tropas em direção às vastíssimas estepes russas. Com isso sangraria de forma irrecuperável e, ao mesmo tempo, enfraqueceria a grande besta da foice e do martelo.

É Victor Sukov, ex-oficial do serviço secreto soviético, que em vários livros trata do assunto. É ele quem diz que não compreende "porque se acredita que Hitler foi o agressor e Stalin a vítima". Como informa Sukov os exércitos soviéticos haviam tomado posição em grande supremacia, preparados e equipados para atacar. Hitler apenas os antecedeu na iniciativa. Por isso de início fracassaram na defesa e sofreram grandes perdas. Na opinião de Sukov os alemães protegeram então a Europa inteira, inclusive o Vaticano, do domínio de Stalin e do Arquipélago de Gulag.

Em outra ocasião (UN4/99) Sukov disse: "O enorme sacrifício da Alemanha e dos demais paises do Eixo, evitou que o exército vermelho elevasse seu estandarte rubro também sobre Paris, Amsterdã, Copenhague, Roma, Estocolmo

e talvez também sobre Londres. Stalin queria subjugar a Europa, portanto não só a Alemanha, é esta a dimensão histórica revisionista".

11 – Livro de soldo 28/11/2006

Faz parte da História que nos é contada sobre a 2ª.Guerra Mundial a lenda sobre a brutalidade característica do soldado alemão, que teria sido autor das mais abomináveis atrocidades. Fosse isso verdade, ficaria muito difícil entender porque constavam do seu Livro de Soldo (documento tipo Carteira de Trabalho) as ordens abaixo transcritas:

10 MANDAMENTOS
para a conduta em guerra do soldado alemão.

1. O soldado alemão luta cavalheirescamente pela vitória do seu povo. Crueldades e destruições desnecessárias lhe são indignas.
2. O combatente deve estar uniformizado ou identificado com sinais especiais visíveis à distância. Lutar em trajes civis sem a aludida sinalização é proibido.
3. O inimigo que se entrega não pode ser morto, nem mesmo o guerrilheiro ou o espião. Estes serão punidos pelos tribunais.

4. Prisioneiros de guerra não podem sofrer maus tratos, nem ser ofendidos. Armas, planos e anotações lhes devem ser retirados. Não serão despojados do restante de suas posses.
5. Munição Dum-Dum é proibida. Projéteis também não podem ser nela transformados.
6. A Cruz Vermelha é inviolável. Inimigos feridos devem receber tratamento humano. Enfermeiros e assistentes religiosos não podem ser tolhidos em suas atividades médicas ou espirituais.
7. A população civil é intocável. O soldado não pode saquear nem destruir despropositadamente. Monumentos históricos e edificações que se destinam a culto religioso, às artes, à ciência ou à beneficência devem merecer respeito especial. Préstimos em serviços ou em espécie por parte da população só podem ser aceitos mediante ordem superior e contra indenização.
8. Áreas neutras não podem ser envolvidas nas atividades de guerra, nem por incursão, sobrevôo ou tiros.
9. Quando um soldado alemão é feito prisioneiro deve responder a perguntas sobre o seu nome e posto. Em hipótese alguma poderá informar sobre a tropa a que pertence, nem sobre condições militares, políticas ou econômicas vigentes no lado alemão. Nem promessas nem ameaças devem induzi-lo a tanto.
10. Transgressões às ordens aqui enumeradas são penalizáveis. Violação dos princípios citados sob 1 a 8 por parte do inimigo deve ser reportada. Represálias são permissíveis apenas mediante ordem do superior comando militar.

12 - O Bush está nu 11/12/2006

Revista de circulação nacional apresentou recentemente na capa uma caricatura do atual presidente americano acompanhada do título O BUSH ESTÁ NU. Referia-se ao erro de cálculo cometido pelo governo dos Estados Unidos na guerra ao Iraque. Na verdade, o que está desnudado perante o mundo não são somente as más intenções e a falsidade que caracterizam a atuação do atual presidente ianque. Há muito tempo o mundo vem sendo alvo das mentiras que escondem os propósitos imperialistas norte-americanos. Talvez valha a pena recapitular alguns episódios dos últimos duzentos e poucos anos.

Na virada do século 18 para 19 travam uma guerra marítima contra a França, na qual perdem 300 navios. Já emendam com uma guerra de quatro anos contra o Pachá de Tripolis e "compram"a Louisiana dos franceses por 15 milhões. Em 1812 declaram guerra contra a Grã-Bretanha quando esta estava envolvida no conflito com Napoleão (pretendiam incorporar o Canadá). Em 1810 ocuparam a Flórida ocidental e em 1822 obrigam a Espanha a lhes vender a Flórida oriental. Em seguida começam a brigar com o México, de quem tiram a metade de suas terras na "Paz de Guadelupe"em 2/2/1848, a saber: Texas, Califórnia, Arizona, Nevada, Utah, parte de New México, Kansas, Colorado e Wyoming num total de quase 2 milhões de quilômetros quadrados. É verdade que "pagaram" por tudo isto 15 mi-

lhões de dólares. De 1861 a 1865 estão ocupados com uma guerra interna, a da Secessão. Em 1887 instalam uma base naval em Pearl Harbor no Havaí. Onze anos depois seu Ministro da Defesa Theodore Roosevelt provoca a guerra contra a Espanha ao final da qual anexam o Havaí, Porto Rico, ilha de Guam e a base naval de Guantánamo e, ainda, ocupam por 47 anos as Filipinas onde são exterminados 200.000 filipinos. A cada americano morto eram arrasadas aldeias inteiras. Th.Roosevelt se rejubila com a "americanização do mundo" e se torna 26° presidente dos EEUU. Em 1906 recebe o Prêmio Nobel da Paz, apesar de reivindicar o direito à intervenção armada na América Latina. Intervenção que acontece no México (1914, 1916), Honduras (1907,1911,1913), Cuba (1901,1906, 1917), Nicarágua (1909, 1912 a 25), Rep.Dominicana (1916 a 24), Haiti (1915 a 34). Isto sem falar na Colômbia e sua ex-província do Panamá.

Quem conhece esta história pregressa dos EEUU, bem como a mais recente desde a Coréia, Vietnam, Afeganistão, Iraque; quem se lembra que eles hoje têm centenas de bases militares em todo o mundo, não pode mais acreditar que as duas guerras intermediárias, a de 1914 e a de 1939, tenham sido a obra e iniciativa da pequena Alemanha. O Tribunal de Nuremberg errou na escolha dos réus.

13 – Perfídia americana 23/12/2006

1940 foi ano de eleição para a presidência dos Estados Unidos e Franklin Delano Roosevelt candidato à reeleição. Toda a sua campanha eleitoral foi baseada na promessa de manter o país fora da guerra, aproveitando-se dos anseios pacifistas da população.

Segundo o historiador Charles Callan Tansill – *A Saída para a Guerra* – Roosevelt falou em 23.10.1940 "O Presidente e o Ministro do Exterior de vocês perseguem o caminho da paz (..) Não nos armamos para uma guerra de conquista ou para intervir em conflitos externos." E em discurso em Boston no dia 31.10.1940 "Falando para vocês, mães e pais, faço-lhes outra assertiva. Até agora eu disse e tornarei sempre a dizer: Seus filhos não serão mandados para a guerra dos outros."

Sobre a garantia dada pela Inglaterra à Polônia Tansill escreve no mesmo livro: "Hoje parece estar claro que o verdadeiro *mad hatter* foi Franklin Delano Roosevelt, que pressionou Chamberlain (primeiro ministro inglês) a fazer promessas aos poloneses quando não havia qualquer possibilidade de cumpri-las."

Foi Roosevelt que disse em discurso no rádio em 11.9.1941: "Quando a gente vê uma cascavel levantando a cabeça, não se espera que dê o bote, mas arrebenta antes com ela".

14 - Memórias de um estadista tcheco 15/1/2007

Eduard Benesch, presidente da República Tcheca no exílio durante a 2ª. Guerra Mundial, portanto um dos mais ferrenhos inimigos de Hitler, escreveu em suas memórias, publicadas em Praga, que a União Soviética só assinou o pacto de não-agressão com a Alemanha em 1939 para ganhar tempo. Pretendia entrar na guerra mais tarde, quando as partes digladiantes já estivessem enfraquecidas, a fim de espraiar a Revolução Mundial. E, referindo-se às declarações de Benesch, a *Contemporary Review* (Londres) escreve em janeiro de 1948: "Realmente foi um dos fatos estranhos desta guerra tumultuada, ter sido justamente Hitler quem desvendou este jogo russo". Hoje não existem mais dúvidas. Em 22 de junho de 1941 a Alemanha apenas antecipou-se a uma agressão soviética que estava prestes a acontecer. Também é bom não esquecer que junto à Alemanha marcharam então Itália, Romênia, Hungria, Eslováquia e Finlândia.

15 - Discurso de 10 de dezembro de 1940 12/2/2007

Fora do ar por um mês devido a férias e falta de acesso à Internet, volto hoje com um assunto bem interessan-

te. Chegou às minhas mãos a gravação de um discurso feito por Hitler um pouco após um ano do início da guerra. Foi depois de terminado a "Blitzkrieg" contra Polônia e França, depois de ter enfrentado vitoriosamente a invasão britânica na Noruega, depois de ter desistido de perseguir os ingleses, que em Dunquerque haviam deixado o continente europeu. Acabara de ser firmado o pacto do Eixo Alemanha, Itália e Japão ao qual logo aderiram Hungria, Romênia e Eslováquia. Era, portanto, um momento de alto astral para o chefe de governo alemão.

Além, evidentemente, do conteúdo a gravação nos apresenta o fato interessante de revelar uma época em que a mídia de massa era o rádio. A televisão já fora inventada, mas ainda não existia como veículo de comunicação. Assim, nesta ocasião, Hitler falou pessoalmente diante de milhares de operários de uma fábrica de armamentos e sua fala foi ouvida simultaneamente pelo rádio em toda a Alemanha e acompanhada pelos jornais dos demais países da Europa. Era destinada aos operários alemães e durante o seu decurso todas as empresas suspenderam seus serviços.

Hitler inicialmente se defende contra a acusação de dirigir um estado totalitário. Diz que seu partido tem milhões de integrantes, representando todas as camadas do povo. Pergunta o que é Democracia senão o governo de uma oligarquia que alega estar no poder pela vontade de um povo. Esta vontade, porém, é livremente manipulada. Pergunta, como pode se falar em liberdade de imprensa, se todo jornal tem um dono e ai do redator ou chefe de redação que não rezar pela cartilha de dono. No ocidente quem

governa é o egoísmo de poucos, enquanto a Alemanha construiu um estado social pelo qual é invejada. Não se é contra o lucro das empresas, mas, sim, contra o lucro exorbitante, contra o lucro de 160 ou 200% de quem se aproveita de uma guerra ou da desgraça dos outros. Deve se merecer o que se ganha. Como justificar um deputado que faz parte de um Conselho de Administração de uma empresa, participa de uma reunião anual e ganha um jeton de 100 mil marcos? A Alemanha não reconhece o ouro como padrão de valor, mesmo assim o Reichsmark é estável. "Nosso capital é a força do nosso trabalho, portanto queremos produzir trabalho. É o trabalho que produz trabalho e não o capital." Em 1933 fizeram uma revolução sem quebrar uma vidraça e construíram uma unidade nacional com o objetivo de formar uma sociedade comunitária. Fez-se uma revolução social também nas forças armadas, qualquer cidadão tem hoje acesso à escala hierárquica. Que democracia é esta da Inglaterra que tem 46 milhões de habitantes e domina uma extensão territorial de 85 milhões de km2. Domina países ricos em recursos com habitantes pobres. Cita os indianos. Afirma que nunca quis a guerra. Sem a guerra poderia estar realizando melhor seus ideais, sua visão de um futuro fantástico para a Alemanha. Fizera inúmeras propostas contra a guerra. Quer apenas unir os alemães e que recebam de volta o que lhes foi tirado. Esta guerra representa o encontro de dois mundos. Do outro lado estão os mesmos lideres que pretendiam acabar com a Alemanha na 1ª.guerra. "Se nós perdermos esta luta isto será o fim do nosso povo. Estamos lutando contra dinastias

financeiras, lutamos contra a plutocracia. O mundo pode escolher: Ou todo o poder ao capital, ou a vitória do trabalho."

16 – A guerra e o povo 9/3/2007

No meu livro "...e a guerra continua" conto uma experiência sexual vivida em Cracóvia, Polônia, no período candente do conflito. O livro suscitou muitos comentários, inclusive uma carta de um senhor de S.Paulo que achou aquela passagem perfeitamente dispensável, apesar de elogiar o restante da matéria abordada.

Mas a inclusão daquele fato de caráter íntimo, aparentemente estranho dentro de um contexto histórico, não foi impensada. Foi proposital. Pareceu-me importante demonstrar que não são os povos que fazem a guerra. Ali, naquele momento, estavam convivendo poloneses e alemães (e um brasileirinho) na maior paz e entendimento, enquanto, não longe dali, bombas e granadas semeavam morte e desolação.

Isto me faz voltar ao ano de 1942 em Curitiba. Aconteceram então os ataques de submarinos alemães a navios brasileiros (pretendo ainda voltar a este assunto), em cuja consequência o "povo" foi às ruas protestar. Na verdade houve quebra-quebra de casas comerciais, sociedades e instituições que tivessem alguma ligação com alemães. Sobre isto tive uma conversa com um senhor cuja família de origem alemã mantinha uma padaria em Curitiba. Ele estava prestando serviço como sargento do exército brasileiro no Quartel General que se situava a poucos metros da padaria. Na hora de folga foi dormir no quarto que ficava sobre o espaço térreo onde durante o dia os fregueses eram atendidos. Em meio da noite foi acordado pelo irmão: "entraram na nossa loja!". Vestiu rapidamente a farda e desceu a escada. Na loja viu que haviam arrebentado a janela e já no interior duas pessoas, que identificou e cujo nome me citou. Eram os lideres das arruaças. Um era o mesmo judeu que citei no meu livro como sendo o chefe da equipe de policiais que poucos meses antes prendera o meu pai. O outro se chamava Moisés. Surpreendidos, um gritou: "Aqui não, são brasileiros!". Pularam a janela e levaram a turba uma esquina adiante, onde depredaram um açougue. Aquilo foi protesto do POVO, ou ação de marginais e desocupados liderados por dois agitadores?

O povo, aqui, na Polônia, ou em qualquer parte do mundo quer paz. Povo algum merece ser estigmatizado como agressor e mau-caráter.

17 – Hitler versus Stalin 18/03/2007

Sente-se uma satisfação especial quando nossas mensagens merecem um comentário. É um sinal daquela interatividade tão desejada pelo escritor. Creio que não é boa praxe responder a um comentário. Em um caso ou outro poderia provocar polêmica, o que não é o objetivo de um blog. Aqui, entretanto, parece aconselhável, pois pode aprofundar um pouco o que já foi dito na mensagem de nr. 10 (Quem agrediu quem) a respeito da qual o visitante Renato pede que eu cite fontes.

Destas a mais clara é o mencionado Viktor Suworow, ex-oficial do Estado Maior do exército soviético, que em seu livro "Stalins verhinderter Erstschlag"(O evitado golpe inicial de Stalin) – Editora Pour le Mérite – Alemanha, afirma que o ditador bolchevista nunca se afastara do objetivo da revolução mundial e que o propósito do seu ataque planejado para julho de 1941 era a conquista de toda a Europa e suas colônias. Suworow ainda publicou outros livros sobre o assunto. Não sei dizer se existem traduções para outros idiomas, mas os interessados certamente podem encontrar alguma informação na internet. Independente disto gostaria de convidar meus visitantes para uma linha de raciocínio à base de uma investigação cronológica.

Vejamos:

Set.1939 – Stalin exige ocupar metade da Polônia.

Nov.1939- Stalin inicia guerra contra a Finlândia.

Jun.1940 – Dunquerque. Inglaterra consegue retirar suas forças derrotadas do continente. Até hoje ninguém sabe

explicar porque Hitler desistiu de dar o golpe final nos ingleses quando tinha o exército britânico à sua mercê. Estaria pensando num perigo maior do outro lado?

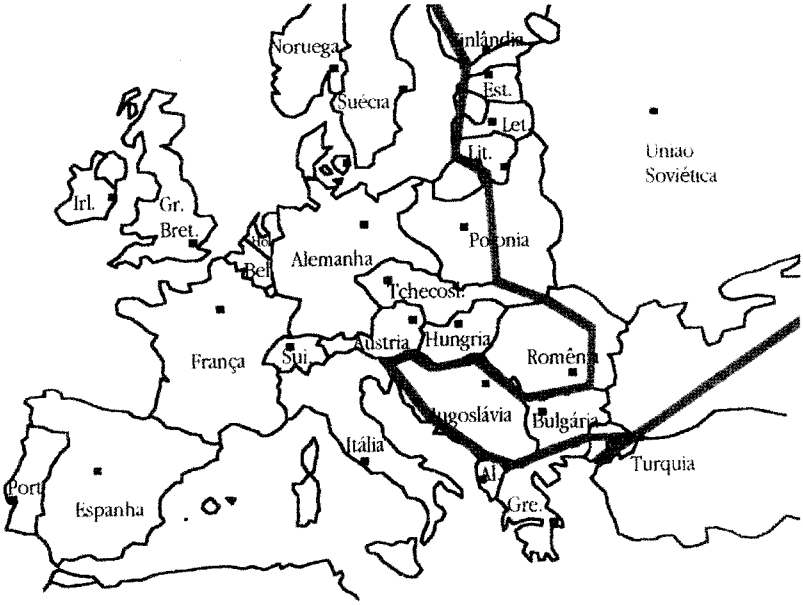
Jun.1940 – Stalin ocupa os Estados Bálticos e parte da Romênia (Bessarábia e Bucovina). A Romênia é aliada da Alemanha e seu único fornecedor de petróleo.

Nov.1940 – Conferência de Berlim. Stalin exige liberdade de ação na Finlândia, base militar na Turquia, controle do mar de Marmara. Quer que Bulgária seja inclusa na área de interesses soviéticos.

Mar.1941 – Revolução comunista na Jugoslávia.

Veja-se no croqui abaixo que está pronta a PINÇA VERMELHA prestes a se fechar sobre a Europa Central.

Jun.1941 – Hitler ataca a União Soviética.



18 – Lobos em pele de cordeiro 23/3/2007

Um comentário feito há poucos dias por um leitor menciona esse transformismo. Aproveito-o para lembrar uma passagem da 2ª.GM pouco conhecida, mas que pode ser um paradigma da hipocrisia reinante na política mundial até hoje. Refiro-me à CARTA DO ATLÂNTICO, que documenta a declaração conjunta assinada por Franklin Delano Roosevelt, Presidente dos Estados Unidos e Winston Churchill, Primeiro Ministro do Reino Unido. Para tanto estes dois lideres mundiais se encontraram em meio ao Oceano Atlântico em agosto de 1941. A guerra já estava por completar seu segundo ano. Os EEUU ainda aparentavam ser um país neutro. Os dois maiorais conferenciaram e acabaram revelando ao mundo que:

1.- seus países não ambicionam ampliações de domínio ou outras;

2.- não desejam mudanças territoriais que não coincidam com os anseios livremente expressos pelos respectivos povos;

3.- reconhecem o direito dos povos de escolher o regime político sob o qual querem viver e desejam que sejam devolvidos os direitos de soberania e autodeterminação àqueles que os perderam mediante uso da força;

4.- esforçar-se-ão, respeitando compromissos existentes, no sentido de prestar ajuda de fomento a todos os países,

grandes ou pequenos, vencedores ou vencidos, para que tenham iguais condições de acesso ao mercado e às matérias-primas necessárias ao seu desenvolvimento;

5.- desejam promover a total cooperação econômica entre todas as nações com o objetivo de garantir a todos um elevado padrão de trabalho, progresso econômico e segurança social;

6.- esperam que depois da definitiva destruição da tirania nazista seja criada uma paz que dê a possibilidade a todas as nações de viver em segurança dentro de suas próprias fronteiras e assegure a todas as pessoas em todos os países do mundo poderem viver suas vidas livres de medo e de privações;

7.- pretendem uma paz que deva permitir a todas as pessoas cruzar mares e oceanos sem impedimentos;

8.- creem que todas as nações do mundo devem conseguir renunciar ao uso da violência tanto por motivos materiais quanto ideais. Como tal paz não pode ser mantida para o futuro, se nações, que são ou podem ser uma ameaça de agressão além de suas fronteiras, continuarem a produzir seus armamentos de terra, mar e ar, eles (os dois) acreditam que o desarmamento destas nações é essencial até que possa ser criado um sistema abrangente e permanente de segurança. Também pretendem apoiar e fomentar todas as demais medidas possíveis que aliviem os povos amantes da paz da esmagadora carga do armamento.

Obs.: Em 24 de setembro de 1941 o Conselho Interaliado, constituído por representantes dos governos da Bélgica, Tchecoslovaquia, Grécia, Luxemburgo, Países Baixos, No-

ruega, Polônia, União Soviética, Iugoslávia, bem como do General de Gaulle, líder dos "Franceses Livres", examinou, endossou e prometeu apoio aos princípios enumerados na Carta do Atlântico.

19 – De novo: Nossos navios torpedeados 30/3/2007

Prometi voltar ao assunto, pois na crônica de nr.3 ficou aberto um convite à reflexão. Como foi possível ocorrer tamanha burrice, tal erro estratégico ao governo alemão, provocando um país neutro a se aliar aos inimigos?

Consultei o historiador Dr.Heinz Magenheimer, em Vienna, considerado um perito em assuntos da guerra naval. Recebi a confirmação: "Sim, o governo alemão mandou o submarino U-507 operar na costa brasileira em represália à quebra da neutralidade por parte do Brasil." Como? O Brasil, país pacato e pacífico, governado pelo germanófilo Getulio Vargas, teria cometido algum ato que comprometesse sua imparcialidade? Em seguida o esclarecimento fi-

nal. Este veio do historiador brasileiro Dr.Dennison de Oliveira, professor de História da UFPR, de saber enciclopédico e sempre generoso em compartilhá-lo. Atendeu-me cordialmente e esclarece que desde 1940 os EUA pressionavam o Brasil a permitir a instalação de bases militares no seu território nordestino. É que ali o Atlântico é mais estreito e mais fácil de ser cruzado. Seis meses antes de receberem a declaração de guerra da Alemanha, em meados de 1941, os EUA já estavam com suas bases ali instaladas e permitindo a operação de milhares de aeronaves de transporte e de combate. Além disto, ainda segundo o Dr.Dennison, o Brasil passou a fornecer importantes materiais estratégicos aos Aliados, tais como minérios e borracha.

Portanto o governo do Brasil já tomara partido, estava em guerra. Só que disto não avisou sua população. Esta só começou a tomar conhecimento de que teria havido uma tomada de posição no final de janeiro de 1942, quando houve o rompimento das relações diplomáticas com os paises do Eixo. Está explicado porque temos a lamentar cerca de 900 mortes em conseqüência do torpedeamento dos nossos navios.

Leia mais do Dr.Dennison de Oliveira sobre esta matéria em:
http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp

Muito oportuna também a crônica de hoje do veterano comentarista Carlos Chagas sob o título: "Acorda Lula" onde ele descreve o maior ou menor grau de submissão

demonstrado pelos sucessivos governos brasileiros ao Grande Tio Sam. Seu relato começa com Eurico Gaspar Dutra. Pena que não tenha falado do antecessor. Talvez pudesse nos dizer como o Brasil foi levado a abandonar sua condição de país neutro.

20 - Filmes documentários 7/4/2007

Já faz alguns meses que vi uma pequena notícia no jornal, dizendo que o filme "Olympia" finalmente foi "liberado" para nosso mercado de locadoras. Para quem não sabe, "Olympia" é um clássico do cinema, produzido pela precursora da moderna arte cinematográfica, Leni Riefenstahl, também difamada como promotora ideológica.

"Olympia" realmente acaba de chegar às locadoras e é uma obra prima do cinema com cerca de três horas de duração, hoje em DVD. É uma sensação imperdível para os apreciadores da sétima arte. Mas, é mais. Historicamente é muito significativa. Documenta a olimpíada de 1936 realizada em Berlim, três anos depois de o governo do novo estado alemão ter assumido um país pobre, arrasado, de po-

pulação deprimida e sem esperança. Também três anos antes da deflagração da 2ª.Guerra Mundial.

Agora, porque digo que é historicamente importante. Veja-se da mesma diretora o filme "Triunfo da Vontade" realizado em 1934, já disponível nas locadoras há mais tempo. Nestes dois documentários nos vemos um povo com os olhos voltados para a construção de um futuro sorridente e promissor. Unido e confiante. Gratificado e feliz diante do progresso conquistado no dia a dia. É mais difícil acreditar que ali se preparava uma guerra mundial. Ali não se propala o ódio, nem se busca destruir.

21 – Liberdade de pensamento 28/04/2007

Alguns dias atrás a mídia teve oportunidade de rememorar o acontecimento mais divulgado dos últimos 60 anos: o Holocausto. O que eu me atrevi a escrever a respeito, já o fiz no meu livro. Mas sobre consequências, sobre fatos relacionados que vão surgindo no decorrer do tempo, sempre caberá uma observação, um comentário, uma reflexão. Isto não pode ser pecado, nem proibido. Não é propó-

sito deste blog, entrar em conflito com a lei, principalmente considerando que hoje as leis começam a ter efeitos internacionais. Vejam o caso do historiador inglês David Irving. Antes festejado e disputado pelos editores graças à consistência e profundidade de suas pesquisas, ele é hoje um desterrado, maldito, condenado e até encarcerado (na Áustria, foi posto em liberdade em dezembro do ano passado). Tudo isto porque ousou contestar. O mesmo que fez Ernst Zündel. Foi sequestrado nos Estados Unidos, processado e absolvido (graças ao famoso relatório Leuchter) no Canadá. Mesmo assim expulso ou extraditado deste país responde agora a processo na Alemanha. Porque ousou contestar.

Na Alemanha não é crime ser ateu, nem duvidar de Jesus Cristo. A liberdade de expressão e de pensamento, como um dos direitos humanos, é assegurada pela lei básica. Mas o Holocausto é, pela lei, considerado fato notório e incontestável pelo § 130 do código penal daquele país. Consequentemente os tribunais alemães estão cheios de processos contra cidadãos ou cidadãs (como a extremamente combativa Ursula Haverbeck) que de alguma forma se rebelam contra aquele estado de coisas. Acompanhando o desenrolar destes processos vamos encontrar na defesa da citada Ursula Haverbeck uma declaração de Richard Lynn, Prof.em. da Universidade de Ulster na Irlanda do Norte, que teria sido escrita em 5/12/05: "Eu revisei a "Segunda Guerra Mundial" de Churchill e confirmei o depoimento - nenhuma vez são mencionados »câmaras de gás« nazistas, »genocídio« de judeus ou »seis milhões« de vítimas judias da guerra. Isto é surpreendente. Como se explica? O "Cru-

zada na Europa"de Eisenhower, é um livro com 559 páginas; os seis volumes da "Segunda Guerra Mundial" de Churchill perfazem 4.448 páginas e os três volumes de memórias de deGaulle 2.054 páginas. Em tal montante de escrito que represente a soma de 7.061 páginas, publicadas entre 1948 e 1958 não se encontrará menção nem a »câmaras de gás« nazistas, nem a »genocídio« de judeus, nem a »seis milhões« de vítimas judias da guerra."

A acusada mesmo se defende completando que leu as "Memórias1945-1953" do primeiro chefe de estado alemão pós-guerra, Konrad Adenauer, em cujas 589 páginas não se encontra a palavra Holocausto, tampouco Auschwitz, nem assassinato por gás, nem seis milhões de judeus.

22 – Revisionistas 05/05/2007

Em qualquer reunião em que se comente a 2ª Guerra Mundial a opinião dominante será sempre a de que foi a Alemanha que desencadeou o conflito. À Alemanha é atribuída toda a responsabilidade. Foram os alemães que co-

meçaram a guerra e foram os alemães que cometeram as maiores barbaridades no seu transcurso. Como argumento ouvir-se-á que todos os livros, todas as publicações, enfim, tudo que se escreveu ou falou sobre o assunto confirma tal juízo. Nas escolas é isto o que se aprende. O que não se divulga é que, principalmente fora da Alemanha, existem estudiosos e historiadores que apresentam trabalhos sérios que abalam essa unanimidade. Não são poucos estes revisionistas no mundo inteiro que buscam fazer da História uma ciência honesta e justa. Aqui vão alguns nomes:

Os ingleses Russel Grenfell e A.J.P.Taylor e F.J.P.Veale.

Os americanos Harry Elmer Barnes, David Leslie Hoggan, Frederic R.Sanborn, William Henry Chamberlin, William L.Neumann, Charles Callan Tansill e Freda Utley.

Os franceses Maurice Bardèche, René d'Argile, J.Ploncard d'Assac, Jacques Béarn, Henri Cocton, Pierre-Antoine Cousteau, Raymond Geouffre de la Pradelle, Henri Lèbre, Michel de Neuny, Paul Rassinier e, um dos mais importantes, Jacques Benoist-Méchin.

E falta muita gente nesta lista extraída do livro de Erich Kern *"Verbrechen am deutschen Volk"*(Crime contra o povo alemão) publicado em Göttingen em 1964, página 13.

O cientista americano Burton Klein (universidade de Harvard), por exemplo, no seu trabalho *"Germany's Economic Peparation for War"* (Cambridge, Mass. 1959) não analisa propriamente culpa deste ou daquele país, porém demonstra claramente que nos anos de 1937 e 1938 o governo alemão não priorizou de forma alguma a produção de armamentos nem os investimentos neste ramo industrial. Ne-

gou-se mesmo a aumentar os impostos quando houve um déficit orçamentário. Outra proposta de reduzir a importação de alimentos em favor do aumento da de matérias primas foi descartada em 1937. Não queriam impor sacrifícios à população. Pois certamente não são estas as medidas de um governo que se prepara para uma guerra.

23 – Pesquisa proibida 18/5/2007

Nosso último ensaio, o de número 22 sobre os Revisionistas, suscitou um comentário do leitor Marcus e agradeço pelas referências positivas a este nosso trabalho. Quanto à pergunta sobre mais nomes dos que se dedicam a questionar os dogmas criados após 1945, poderiam ser citados o já mencionado Viktor Suworow, Hrowe H.Saunders (Fórum da Vingança), Louis Fitzgibbon (Katyn), James Baque, que fala sobre outros culpados. Até o próprio Norman G.Finkelstein, judeu que critica a Indústria do Holocausto. Mas, por ser emblemático, é interessante

destacar aqui um nome citado pelo próprio leitor: Germar Rudolf.

Germar Rudolf, pai de três filhos, é alemão nascido em 1964. Portanto longe de poder ser um nazista empedernido, pois tal partido e seus ideais então já eram malditos e silenciados há quase vinte anos. Germar Rudolf, engenheiro químico, trabalhava no famoso Instituto Max-Planck. Durante o seu doutorado teve contato com o Laudo Leuchter, também conhecido como Relatório Leuchter. Do ponto de vista do químico restaram a Rudolf muitas questões não respondidas pelo relatório. Assim ele começou pesquisas sobre as propriedades do gás venenoso Zyklon-B, que teria sido utilizado em Auschwitz, onde Rudolf completou seu trabalho. Daí nasceu o Laudo Rudolf (The Rudolf Report), segundo o qual, nas câmaras de gás ali mostradas, nunca ocorreram execuções com Zyklon-B.

Perseguido na Alemanha Germar Rudolf foi para os Estados Unidos onde continuou seus estudos e se tornou um dos mais conhecidos pesquisadores da temática. Tem várias publicações impressas e online. Processado e condenado a 14 meses de prisão na Alemanha, foi extraditado e cumpre ou cumpriu o seu encarceramento. Desde novembro de 2006 é réu em nova ação judicial por incitação ao ódio e negação de evento público e notório.

24 – Responsabilidade coletiva 07/06/2007

Durante a história que se conhece povo algum sofreu tamanha, contínua e duradoura campanha difamatória, como a que se infligiu durante e depois das duas grandes guerras mundiais ao povo alemão. Será muito difícil conjecturar a respeito de possíveis razões para tanto. Aliás, razão certamente não existe. O que se fez e ainda se faz é um verdadeiro genocídio moral. Poderia se perguntar pelo motivo de tanto ódio. E não era nem o Kaiser na virada do século, nem, na história mais recente, o Hitler e seu regime nacional-socialista. Não gostaram do regime stalinista, mas deixaram o russo em paz. Não gostaram de Saddam, mas não caluniaram o povo iraquiano. Fidel Castro mandou milhares para o "paredón", porém os cubanos são boa gente. Atualmente implica-se com o Chavez, sem que se fale mal dos venezuelanos. Já o alemão são aqueles soldados que na 1ª.Guerra Mundial decepavam as mãos de bebês (!), notícia que correu o mundo naquela época. O alemão também é aquele que mandou cobrir abajur com pele humana ou que depositava no seu Banco Central sacos com dentes de ouro, coletados nos campos de concentração ou, ainda, fazia sa-

bão dos seus prisioneiros. Aliás, essa do sabão também já fez a ronda por ocasião da 1ª. Guerra.

A história dos abajures de pele humana é uma das mais torpes mentiras postas em circulação desmascarada justamente por um americano, Arthur Lee Smith jr. da Califórnia State University. Em livro publicado em 1983 ele revelou o resultado do estudo de 9000 documentos originais sobre o caso segundo o qual:

Em 11/4/1945 tropas americanas ocupam o campo de concentração de Buchenwald. São seguidas por unidade de propaganda que apresenta o primeiro abajur pretensamente fabricado com pele humana e pertencente à moradia do comandante do campo Karl Koch e sua mulher Ilse Koch. Já a partir de 13 de abril o noticiário cinematográfico americano mostra em todo o mundo as provas encontradas na moradia do casal Koch sob o título "Os abajures de Ilse Koch". Acontece que Karl Koch já fora destituído do comando do campo em 1941 e condenado à morte em 1944 por um tribunal da SS por corrupção e assassinato de três prisioneiros. O mesmo tribunal absolveu Ilse Koch por falta de provas. Karl Koch foi executado em Buchenwald no dia 5/4/1945, portanto antes da chegada dos americanos. Ilse Koch, agora a mais famosa e desprezível alemã, segundo a mídia mundial, foi condenada a prisão perpétua por um tribunal americano em 12 de agosto de 1947 sem que pudessem lhe comprovar crimes juridicamente sustentáveis. A história do abajur de pele humana não mais aparece nos autos. Um ano depois o General Clay, comandante das forças americanas na Alemanha, reduz a pena para quatro a-

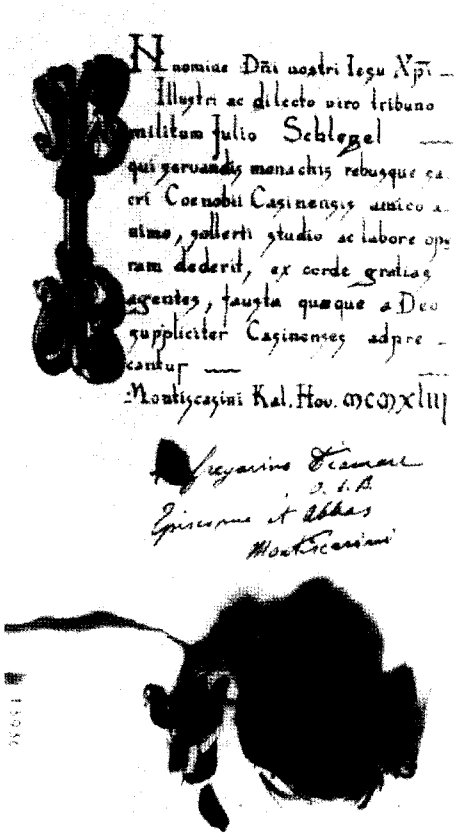
nos, mas, devida a indignação mundial pela "clemência à Bruxa de Buchenwald" , Clay transfere a jurisdição aos tribunais alemães que em 1951 voltam a condenar Ilse Koch a prisão perpétua. Em 1967 ela comete suicídio na prisão de Aichach.

25 – Monte Cassino 17/06/2007

Complexo montanhoso no sul da Itália, que não deve ser confundido com Monte Castelo, onde a FEB Força Expedicionária Brasileira conquistou suas láureas na 2ª. Guerra Mundial, Monte Cassino foi palco de encarniçadas batalhas. A cidade de Cassino, ao pé do monte, constituiu importante baluarte da defesa alemã em sua resistência às tropas aliadas desembarcadas na Itália. Tanto que resistiu por quase cinco meses até 18 de maio de 1944.

No topo do Monte Cassino fora edificado o mais antigo mosteiro do mundo ocidental, na verdade a instituição mãe monacal, fundada em 529(?) por Benedito de Nursia. Já em 8 de dezembro de 1943 o Vaticano divulgou que re-

cebera das forças beligerantes a garantia de que o monte seria mantido fora da área de combate e que o complexo da abadia não seria exposto a ataques aéreos. Mesmo assim na manhã do dia 15 de fevereiro de 1944 uma onda de 100 Fortalezas Voadoras americanas despejou sua carga de bombas sobre o mosteiro. A isto segui um fogo cerrado da artilharia aliada e à tarde outra leva de mais 100 aviões de bombardeio completou a destruição. A abadia de Monte Cassino, bem cultural da humanidade, foi totalmente arrasada. Ali eram guardados 80.000 pergaminhos e documentos. Tinha uma biblioteca com 70.000 volumes e um tesouro de valor incalculável em obras de arte.



Estes bens não foram perdidos. Tudo foi posto a salvo e os próprios monges foram evacuados antes que o campo de batalha se aproximasse do local. Sob as ordens do tenente-coronel Julius Schlegel soldados da *Wehrmacht* com auxílio

de 120 caminhões transportaram tudo a Roma e entregaram os valores à guarda do Vaticano. O Arce-abade Don Gregório Dimare, último a deixar as ruínas no dia 16, mais tarde manifestou sua gratidão firmando um documento com o seguinte teor:
"Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Ao ilustre e amado tribuno militar Julius Schlegel, que salvou os monges e os bens do santo Mosteiro Cassino, os Cassinenses agradecem de todo coração e pedem a Deus pela continuidade do seu bem-estar." Também declarou "a bem da verdade"que em momento algum soldados alemães haviam ocupado o interior do monastério.

Isto muda um pouco a imagem que o mundo foi ensinado a fazer dos alemães, pois não?

26 – Um pingo de sinceridade 30/6/2007

Por mais que a mídia internacional possa ser patrulhada, alguma coisa escapa. Assim a gente vai encontrar na

edição de 17 de setembro de 1989 do *Sunday Correspondent* de Londres a seguinte e interessante constatação:
"Agora temos que ser honestos a respeito da Questão Alemã, por mais desconfortável que seja para os alemães, para os nossos parceiros internacionais e para nós próprios. A questão permanece a mesma em sua essência. (O problema)Não é como impedir que os blindados alemães transponham os rios Oder ou Marne, mas, sim, como a Europa convive com um povo cujo número, talento e eficiência fazem com que se torne uma superpotência regional. Em 1939 nós não entramos na guerra para salvar a Alemanha do Hitler ou os Judeus de Auschwitz ou o continente do Fascismo. Assim como em 1914 nós entramos na guerra pelo motivo não menos nobre de não podermos aceitar uma supremacia alemã na Europa."

Nada mais que uma gota no deserto? Mas é um pingo aqui, outro ali... É possível notar que o número de questionamentos vem aumentando. Acabo de receber de um leitor a indicação de mais manifestações que trazem alento aos que não se conformam com a leitura enganosa da história que nos vem sendo impingida. Trata-se de uma página dinâmica e bem estruturada, que pode ser encontrada sob o seguinte endereço: http://www.inacreditavel.com.br. Uma vez acessada, clique-se em INTERNACIONAL. Ali vai se saber que no recente 4° Festival de CurtaMetragens realizado no México o cineasta Bradley Smith apresentou como convidado surpresa a sua produção O GRANDE TABU. Uma obra declaradamente revisionista. A matéria interessante não se esgota com isto. Vale a pena conferir.

Certamente esperava-se que ao passo que os coetâneos, aqueles que vivenciaram os acontecimentos de então, fossem morrendo, acabariam os contestadores da história mal contada. Mas, é o contrário o que está acontecendo. Muita gente jovem está fazendo perguntas...

27 - Quem faz governos, revoluções, guerras? 10/7/07

Preciso hoje fazer um pedido especial de compreensão àqueles que distinguem este blog com sua atenção: Fugiria muito ao objetivo deste trabalho responder individualmente aos comentários que são feitos aos meus ensaios, apesar de serem estas manifestações muito importantes para mim e pelas quais sou deveras agradecido. Entretanto, pode acontecer que um assunto, como este, que acaba de ser levantado por um leitor após a última mensagem, desafie a gente a tentar expor uma reflexão mais abrangente. Fui perguntado, qual teria sido a intenção dos judeus ao apoiarem Hitler em sua trajetória. Efetivamente o banco dos

Warburg financiou o partido nacional-socialista. Gary Allen em seu livro *"None dare call it Conspiracy"* confirma isto. E diz mais que a Casa dos Warburg pertence ao Império Rothschild e que ele não soube de Warburgs ou Rothschilds que tivessem frequentado algum campo de concentração. As duas famílias, ou dinastias, tiveram sua origem na Alemanha e passaram a integrar a cúpula financeira do mundo. Realmente é muito estranho que estes judeus tivessem auxiliado Hitler financeiramente em sua ascensão ao poder, quando ele nunca fizera segredo do seu antagonismo. Sabe-se também que dirigentes sionistas, portanto não a área financeira, teriam buscado o apoio do governo nacional-socialista à criação do estado de Israel na Palestina. Era um objetivo que perseguiam há quase meio século, mas que era obstacularizado pela Inglaterra, sob cujo domínio se encontrava aquela região. E Hitler estava disposto a colaborar naquela empreitada, tanto que no tratado de paz que fez com a França teria constado que esta cederia a ilha de Madagascar, colônia francesa, àquela finalidade.

Então, ao nível das cúpulas, há muito mais entendimentos do que nós pobres mortais imaginamos. O financiamento de partidos políticos — de preferência ambos os contendores — é prática por demais conhecida. Mas o que deixa a gente "com a pulga atrás da orelha" é outro fato. Alguns anos antes, em 1917, o tal Max Warburg também foi o principal financiador da revolução soviética. Recorro novamente ao livro citado de Gary Allen. Segundo ele a revolução bolchevique foi financiada por um sindicato de banqueiros internacionais ao qual pertenciam os Schiffs, os

Warburgs, mas, também, os Morgan e os Rockefeller, que não são judeus. Rockefeller é batista, se não me engano. Outro financiador foi o rico inglês Lord Alfred Milner. Este Milner, bem como Paul, Felix e Max Warburg representaram em 1919 os seus paises na Conferência de Paz de Versailles, que produziu o famigerado Tratado de Versailles, estopim da 2ªGuerra Mundial. Lord Alfred Millner era também o organizador e dirigente do grupo *"The Round Table"*, apoiado pela Casa Rothschild.

Bom, meus amigos, com esta "Távola Redonda" entramos no âmbito de grupos que pretendem a NOVA ORDEM, o governo mundial. Fazem parte *o CFR Council of Foreign Relations* e, principalmente, os *Bilderberg*. Sobre estes está no mercado agora o livro *"A verdadeira história do CLUBE BILDERBERG"*. É arrepiante. No meu modesto entender este movimento, que busca o domínio mundial, nasceu em 1. de maio de 1776, quando ADAM WEISHAUPT fundou na Alemanha a Ordem dos ILUMINADOS. Entre seus objetivos constavam: - A formação secreta por elites intelectuais. - Assumir o poder no estado, na igreja e na sociedade. Seu método: Infiltração dos membros em cargos chave. Afirma-se que Adam Weishaupt teria sido agente dos Rothschilds. Em 1787 os Iluminados já tinham 16 lojas nos Estados Unidos.

Assim, parafraseando a pergunta do prezado leitor, por que os ricos e poderosos financiaram o movimento bolchevique, cujo principal objetivo teria sido o de despojá-los de suas posses? Única resposta: Não o temiam porque o controlavam.

28 – A morte do general Maurice Rose 24/07/2007

Aconteceu em março de 1945. Estertores da guerra. Os combates já eram travados em território alemão. Próximo à cidade de Paderborn soldados alemães aprisionaram três americanos e mandaram que depusessem suas armas. Um deles, o general Maurice Rose, tinha sua pistola no coldre abotoado na cintura. Quando foi ali mexer, provavelmente para seguir à ordem, o movimento foi mal interpretado. A arma do alemão disparou. Na confusão os dois outros americanos fugiram. No Museu Patton em Fort Knox nos Estados Unidos o acontecimento está corretamente registrado. O que não está relatado é o que aconteceu depois e vem contado pela *Paderborner Zeitung* em sua edição de 4.4.1992: Em represália os americanos executaram 110 prisioneiros alemães, soldados que não haviam participado do sucedido, entre eles jovens da Juventude Hitlerista e homens de idade, integrantes do *Volkssturm*, derradeiro chamamento às armas.

Nesta guerra foram executados reféns em ambos os lados. Os alemães também o fizeram, porém, ao que se sabe, dentro das regras internacionais então vigentes e não em represália a fato ocorrido em campo de batalha. A partir da guerra na frente oriental as ações dos *partisans* e, mais

tarde também na frente ocidental, as dos *maquis*, assumiram dimensões que exigiram das forças de ocupação medidas excepcionais. Então, repito, por mais cruel que pareça, execução de reféns não era, quando devidamente justificada, represália contrária às convenções internacionais. Tanto, que constava também do *Manual of Military Law* britânico sob os parágrafos 386 e 458. Também o manual americano *Rules of Land Warfare* afirma em seus parágrafos 358 e 359 que é lícito tomar reféns como proteção contra ações ilegais das forças ou da população inimiga e que, caso estas ações mesmo assim fossem praticadas, estes reféns poderiam ser castigados ou executados. Numa guerra se parte do princípio de que ela é travada entre forças armadas, devidamente caracterizadas. Para tanto existe a farda, o uniforme. Assim, se um paisano mata um soldado, isto é considerado um ato ilícito e traiçoeiro, pois a vítima não teve chance de defesa.

Os americanos, certamente condicionados pelo seu histórico de matança dos índios, tinham o dedo sempre no gatilho. Existem muitos relatos de como se aproveitavam de situações de se encontrarem diante de um odiado inimigo indefeso. Aquela frase "alemão bom é alemão morto" foi decalcada do que disse Theodore Roosevelt, presidente dos EEUU de 1901 a 1909 (Prêmio Nobel da Paz em 1906): "Não chego ao ponto de dizer que só um índio morto é um bom índio, mas acho que isto vale para nove entre dez casos."

Dentro de todo este contexto um detalhe final. Nestes sessenta e tantos últimos anos a todo momento a mídia noticiava a abertura de um processo judicial contra algum

alemão acusado de ter comandado execuções ou, em outras palavras, crimes de guerra. Um dos mais recentes foi o caso de Erich Priebke diante de tribunal italiano, um processo que se estendeu de 1995 a 2000. Nunca se soube de processos contra russos, americanos, britânicos, franceses.

29 - "Por quem os sinos dobram" 03/08/2007

Genialidade não é necessariamente sinônimo de humanidade. Sempre tive o autor do livro, que hoje serve de título, em conta de um caráter excepcional, mesmo sabendo do seu antigermanismo. Atribuira esta sua adversidade àquela sua fase quando se aliou aos comunistas na guerra civil da Espanha e sobre a qual versa o livro "Por quem os sinos dobram". Ernest Hemingway, Prêmio Nobel de Literatura de 1954, nascera em 1898 em Oak Park, Illinois. Era americano portanto. Foi jornalista, repórter, toureiro, pescador de alto mar, caçador na África, lutador de box. Personalidade bem eclética. Suicidou-se em 1961. Teve quatro casamentos. O pai também já se suicidara. Mas He-

mingway está entrando aqui neste blog, porque em 1944 fez parte como correspondente de guerra de uma divisão de infantaria americana na França e atuou como líder dos *Maquis* franceses.

Uma carta, que escreveu em 27 de agosto de 1949 ao seu amigo Charles Scribner, revela que ele não foi nada desta imagem que o mundo faz dele e que ele só não foi parar diante de tribunal, porque fazia parte do lado vencedor da guerra. Nesta carta ele descreve como deu três tiros na barriga de um soldado da SS e, quando se curvava, mais um na cabeça ("o cérebro saíu pelo nariz e pela boca") , tudo porque o SS não acreditou que ele seria capaz de fazê-lo por ser ato proibido pela Convenção de Genebra.

Em outra carta (Ernest Hemingway, *Selected Letters 1917-1961*) ele se gaba de como matou um soldado alemão que fugia de bicicleta atirando-o pelas costas ("um menino, da idade do meu filho Patrick").

Em outra página desta seleção de cartas ele diz: "Agora eu tenho certeza absoluta, foram 122 os que eu matei".

Em 1942, os Estados Unidos tinham acabado de entrar na guerra, Hemingway publicou o livro *"Men at War"*. Neste livro ele recomenda uma esterilização geral dos alemães, colocando-se ao nível de um Theodore N.Kaufmann (*Germany must perrish*). Textualmente este ídolo da literatura diz: "Quando ganhamos aquela guerra (1ª.Guerra Mundial, N.R.) a Alemanha deveria ter sido destruída de maneira tal que não mais tivéssemos que combatê-la, ou nunca mais, caso se fizesse a coisa certa. Isto provavelmente só seria possível através de esterilização, um procedimento

pouco dolorido, como uma vacina, e pode ser feito de forma obrigatória. (...) É esta a solução final."

Como disse o Bush? América é uma nação do Bem!

30 – O papa a serviço da difamação 17/08/2007

Revirando os meus "guardados" — os recortes de jornais que fui juntando nestes últimos anos — encontrei um de 22/6/2001 informando que o papa João Paulo II fará uma visita a Kiev, capital da Ucrânia. Diz mais: "Na segunda-feira (...) o papa rezará no monumento consagrado aos judeus que foram vítimas do nazismo, em Babij Yar, no lugar onde 120 mil foram massacrados e enterrados".

Aí estamos diante de mais uma dessas estórias escabrosas que até os dias atuais são divulgadas pelo mundo afora, sem que haja um menor esforço de verificação de sua autenticidade. Para começar vamos encontrar enormes discrepâncias quanto aos números informados. A saber:

Em novembro de 1943, duas semanas após a retirada das forças alemãs, os soviéticos chamaram jornalistas ocidentais a Kiev. Aos repórteres foi dito que seis semanas an-

tes os alemães ali teriam dinamitado e queimado 70 mil cadáveres ao ar livre, cujos restos depois foram juntados e enterrados por buldôzers no desfiladeiro de Babij Yar. O repórter do New York Times, que lá esteve, publica no dia 29 daquele mês o seguinte subtítulo na matéria correspondente: *"Remaining (physical) Evidence (of the massacre) Is Scanty"* Evidência remanescente (do massacre) é escassa. Através dos anos e das publicações as informações variam entre 300 e 3 mil vítimas. Por exemplo: Vitaly Korotych, editor soviético-ucraniano, declarou diante do *Institute of International Affairs* canadense, em abril de1990, um número de 300.000. – A *Encyclopaedia Judaica* e a *Encyclopaedia Britannica* falam em 100.000. – Os alemães, com a precisão de sempre, informam no *Groβe Lexikon des Dritten Reiches*, editado em 1982, que se lamenta a morte de 33.371 judeus em Babij Yar. – A universidade de Toronto, em sua Encyclopedia of Ukraine, editada em 1988, fala em 3.000 vítimas. Isto quanto aos números.

Quanto ao fato propriamente dito existe uma documentação sugestiva de autoria de Michael Nikiforuk, presidente do *Babi Yar Research Commitee,* publicada pela *Ukrainian Friends of Fairfield Association* nos EUA. Segundo a mesma os arquivos nacionais de Washington guardam 1,1 milhão de fotos aéreas do tempo a 2ª.guerra, dentre elas 600 de Kiev incluindo 20 voos sobre o desfiladeiro de Babij Yar. As primeiras datam das 12:23 horas de 17.5.39, mostrando detalhes como carros, sombras de postes, arbustos e pequenas árvores. Fotos aéreas são uma tradição na pesquisa arqueológica. Mesmo sob áreas cultivadas elas descobrem

ruínas de cidades antigas, cemitérios etc. Pouco antes (desta documentação) foram descobertas através de fotos aéreas, também na região de Kiev, em Bykivina, Bielhorodka e Darnitsa, valas comuns de milhares de vítimas da era de Lazar Kaganowitsch, governador soviético de Kiev. Pois daquela série de 20 voos sobre o local as últimas fotos datam de 18.6.44 e comprova-se que a superfície do desfiladeiro de Babij Yar não sofreu alteração proveniente de atividade humana durante os dois anos de ocupação alemã. E o autor da documentação afirma que em Babij Yar não foram mortos e enterrados 35.000 (sic) judeus.

Estranho que o Vaticano se preste a atuar num assunto tão polêmico, ou será que as agências de notícias andaram informando por conta própria?

31 – O livro "Minha Luta" 07/09/2007

Dias atrás assisti na *Deutsche Welle* , TV estatal alemã, retransmitida aqui pelos nossos serviços a cabo, um programa referente a atualidades políticas. Num dos blocos o tema foi o livro que Hitler escreveu quando cumpria pena

de prisão em Landsberg (1923). Estaria havendo o propósito de se editar o livro *Mein Kampf* (Minha Luta) na Alemanha, propósito este que o apresentador condenava. Ele não negou o fato de o livro estar sendo publicado sem qualquer censura em todo o mundo, em várias línguas, ser acessível até pela internet. Mas editar na Alemanha, dizia o comentarista, onde sua comercialização ainda é proibida, não seria recomendável. Deu a entender que o povo alemão ainda estava empenhado em administrar todo aquele período e que não seria prudente confrontá-lo com aquele ideário. Passou a si e à coletividade dos seus concidadãos um atestado de pobreza mental ou confessou que o trabalho de reeducação do povo ainda não terminou. Está se tentando manter o alemão num estado de robotização intelectual, negando-lhe acesso ao controverso. É este também o motivo da existência do tal § 130 do seu código penal, o que proíbe e penaliza o questionamento do Holocausto.

A todo transe pretende-se conservar aquela imagem que foi construída do ditador nazista, inclemente, louco, mordedor de tapetes, que se comunicava aos berros, figura ridícula, aparvalhada. Mas foi esta figura que em quatorze anos se metamorfoseou de simples soldado a primeiro ministro ou chanceler de importante nação europeia. Em ensaio anterior já divulguei aqui o que o *Premier* inglês Lloyd George dissera sobre Hitler em 1936. E aqui vai mais uma opinião de personagem que certamente não pode ser considerado adicto. Lord Rothermere, então dono do *Daily Mail*, disse em seu livro *"Warum, woher – aber wohin?"* (tradução de Hans Grimm para o alemão, editada em 1954,

pág.147): "Nele há algo que se impregna rápida e indelevelmente ao ânimo. Seus olhos têm uma força atrativa notável. Sua voz de timbre baixo parece eloquente e convincente. Mas atrás destes sinais exteriores de um homem, que já conseguiu deixar profunda impressão na história da Europa, sente-se durante a conversação estar ele convicto de ter sido chamado para uma tarefa predestinada, qual seja reerguer a Alemanha."

Voltando ao livro "Minha Luta" há que se dizer que muito do seu conteúdo não é necessariamente favorável a uma glorificação do seu autor. Em entrevista concedida em 1936 ao jornalista francês Bertrand de Jouvenel (Paris Midi) Hitler disse: "Meu livro é um desafio à luta, recheado de insolências e imprecações, porque escrito na prisão. Eu o redigi com a indignação do apóstolo perseguido, mas entre os programas políticos do livro e os do chanceler do Reich alemão existe uma diferença fundamental. Ocorreram mudanças e compromissos, como sempre, quando uma oposição assume o governo. Deveria eu me corrigir e eliminar do livro as passagens que hoje são ultrapassadas? O político não se corrige com palavras, mas sim através do seu comportamento, de suas ações. Eu retifico o que disse em *Mein Kampf* sobre a França da melhor maneira buscando com todo empenho um entendimento alemão-francês."

Pobre cidadão alemão de hoje, não lhe é permitido estudar sua própria história.

32 – A "Solução Final" 22/09/2007

A mais citada prova de que teria havido um programado assassinato em massa de judeus durante a 2ª.Guerra, explicitamente ordenado pelo alto comando alemão, é um documento que acabou sendo denominado de "Protocolo de Wannsee". Wannsee é um lago próximo a Berlim, a cuja margem está situada uma mansão, que hoje serve de memorial do Holocausto, abrigando exposições e seminários sobre o tema. Em 20 de janeiro de 1942 esta vila, então sede da Interpol, foi palco de uma reunião de altos representantes ministeriais e da SS, onde, segundo participantes sobreviventes, foi analisado um plano de evacuar judeus para o leste europeu. Na verdade não teria se chegado a uma decisão e, muito menos, a um protocolo da reunião que durara menos de duas horas. Entretanto, em 14 de abril de 1947 no processo contra o ex-ministro alemão de exterior, Ernst von Weizsäcker, a acusação, representada por Robert W.M.Kempner, apresentou um documento que seria a 16ª. via, de um total de 30, e que constituiria a ata daquela reunião. Segundo a mesma os participantes, cumprindo ordem de Hitler, ali decidiram a criação de campos

de extermínio na Europa Oriental para dar uma solução final ao problema judeu. Existem inúmeros motivos para acreditar que se trata de falsificação. Citarei alguns:

• Entre os documentos devolvidos pelos americanos depois de 1949 ao Ministério do Exterior alemão havia uma segunda "16ªvia" do mesmo documento, com os mesmos dizeres, porém datilografado em outra máquina de escrever, com outros tipos.

• Tratava-se de *Geheime Reichssache*, de segredo de estado, por que tal proliferação de cópias? Trinta cópias para quinze participantes? A 16ª em duplicata?

• Até hoje mais nenhuma das pretensas 29 cópias restantes apareceu onde quer que seja, muito menos o seu original.

• As repartições e órgãos oficiais da Alemanha têm normas definidas que devem ser observadas na elaboração de documentos que nestes não o foram.

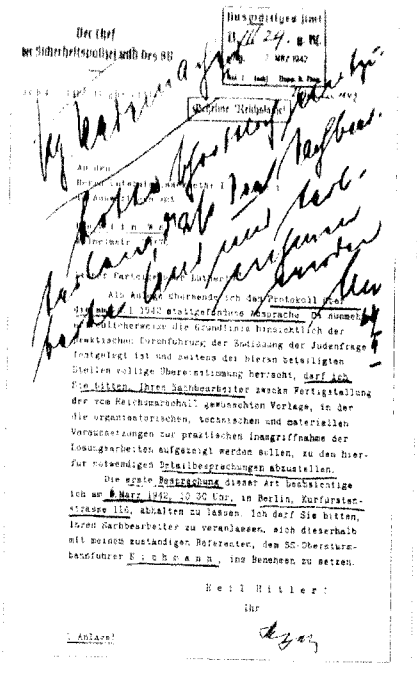
• O texto usa expressões incomuns no idioma alemão, como se nós disséssemos "profissões livres" no lugar de autônomos ou profissionais liberais.

• Vários participantes da reunião, tais como G.Leibrandt, G.Klopper, W.Stuckart, Hoffmann, Neumann, Adolf Eichmann, que sobreviveram ao final da guerra, não foram processados pelo fato, nem inquiridos como testemunhas.

Para uma boa avaliação da questão existe uma nota de arquivo registrada por Franz Schlegelberger em março

de 1942, dois meses depois da reunião citada, enviada a lideranças do estado e com o seguinte teor:

"O senhor Ministro do Reich Lammers (era chefe da chancelaria) me comunicou que, por repetidas vezes, o *Führer* lhe declarou que deseja que seja postergada para após o final da guerra a solução da questão judaica. Consequentemente o que se discute atualmente, segundo o senhor Ministro, só tem valor teórico. De qualquer forma ele cuidará para que de outra parte não seja tomada qualquer decisão fundamental surpreendente."



Der Chef
der Sicherheitspolizei und des SD

Geheime Reichssache!

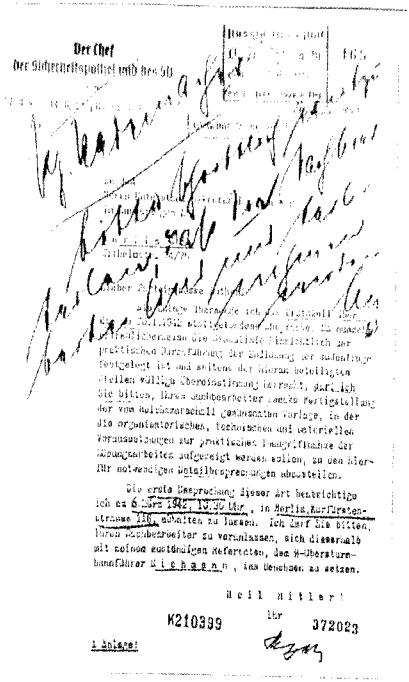
Als Anlage übersende ich das Protokoll über die am 1.1.1942 stattgefundene Besprechung, die zunächst grundsätzlich die Grundlinie hinsichtlich der praktischen Durchführung der Endlösung der Judenfrage festgelegt ist und weiterhin bei hierzu Beteiligten Stellen völlige Übereinstimmung herrscht, darf ich Sie bitten, Ihren Sachbearbeiter zwecks Fertigstellung der vom Reichsmarschall gewünschten Vorlage, in der die organisatorischen, technischen und materiellen Voraussetzungen zur praktischen Inangriffnahme der Lösungsarbeiten aufgezeigt werden sollen, zu den hierfür notwendigen Detailbesprechungen abzustellen.

Die erste Besprechung dieser Art beabsichtige ich am 6 März 1942, 10.30 Uhr, in Berlin, Kurfürstenstrasse 116, abhalten zu lassen. Ich darf Sie bitten, Ihren Sachbearbeiter zu veranlassen, sich dieserhalb mit meinem zuständigen Referenten, dem SS-Obersturmbannführer Eichmann, ins Benehmen zu setzen.

Heil Hitler!

Ihr

Anlage!



Der Chef
der Sicherheitspolizei und des SD

K210399

372023

Anlage!

Na página anterior está reproduzida a primeira página da 16ª cópia do tal "Protocolo de Wansee". À esquerda a versão de 1947 e à direita a que apareceu depois de 1949.

33 – Dois pesos e sem qualquer medida 5/10/2007

Periodicamente a mídia abre espaço para noticiar mais uma ação execrável de um grupo de jovens que ou agrediram um judeu ou um negro ou um homossexual. Geralmente já foram apanhados pela polícia, tendo esta encontrado em poder dos mesmos farto material de propaganda nazista. Isto vem acontecendo no mundo todo. Não pretendo me deter aqui hoje, relacionando os casos comprovados de farsas que foram montadas para manter viva na opinião pública a indignação para com o malfeitor alemão e — o mais importante — o apreço e a compaixão para com o grupo de vítimas, no qual o negro e o homossexual só entram de coadjuvantes.

Como resultado de uma persistente doutrinação não há como esperar do público um questionamento dos casos noticiados. A facilidade, por exemplo, com que se usa o carimbo de NEONAZISTA. Navegue o leitor pela internet a busca do nome deste autor e irá encontrá-lo adjetivado inúmeras vezes como "neonazista". Ora, eu tenho procurado deixar claro que o objetivo dos meus escritos é exclusivamente enfrentar a difamação que o povo dos meus ancestrais vem sofrendo. Povo que aprendi a amar, respeitar e com ele me solidarizar quando fomos alvos do terrorismo aéreo anglo-americano. Nada tenho de político, nem veleidade a respeito. O nacional-socialismo (nazismo) foi um movimento político, representado por um partido político, com um programa político definido. Nasceu na Alemanha em 1919 com apenas sete membros, cresceu, teve apoio da maioria do povo alemão e acabou extinto com o fim da 2ª.guerra. Aliás, subsistiram ainda por algum tempo representações na Inglaterra e nos Estados Unidos, representações legais, mas inexpressivas. No Brasil existiu, acabou e permanece proibido. Então, concluindo esta linha de raciocínio, para que alguém possa ser qualificado de petista, peronista, chavista, sabatista, sionista, comunista ou nazista este alguém deve ser adepto de uma organização política ou religiosa correspondente. Uma organização ou partido nacional-socialista não existem. Portanto, chamar alguém de neonazista revela intuito injurioso e má fé de quem o faz.

E por falar em questionamento: Leio ainda agora na revista Veja, edição 2028, página 87, que o comunismo é "a

ideologia que será lembrada como a responsável pela morte de 100 milhões de pessoas". Sabemos que o comunismo efetivamente buscou o domínio mundial, até pela força. Mesmo assim o partido comunista é legalizado e chamar alguém de comunista não é xingamento. Nos pesos aplicados há uma diferença imensurável.

34 – Eixo destemperado 17/10/2007

Já falei e repito: alemão pode ser bom em muita coisa, mas lhe falta esperteza política. Alemão é ingênuo. A guerra mundial em que se envolveu, ou foi envolvido, é um exemplo muito claro. Hitler e seu grupo batalharam, batalharam — por 14 anos, de 1919 até 1933 — enfim chegaram ao poder. Rodeado de animosidade apareceu um general espanhol pedindo ajuda no seu combate ao comunismo. Apesar de ainda estar cuidando da própria estrutura institucional o alemão montou a Legião Condor e a mandou em socorro às tropas federais espanholas. Quando três anos depois precisou do auxílio do Generalíssimo Franco foi solenemente desiludido.

E o vizinho do sul? Mussolini já comandava a Itália desde 1922 e olhava com máxima desconfiança para o austríaco, que estava a chamar a atenção do mundo. Temia por uma reativação da questão do Tirol. Mas, pelo sim e pelo não, e dentro de uma orientação anticomunista comum, já falou em 1936 na constituição de um eixo Berlim-Roma. Enfim tudo culminou num pacto econômico-militar em maio de 1939. No artigo III deste pacto Itália e Alemanha se comprometeram a um apoio recíproco e imediato com todas as suas forças de terra, mar e ar, caso um dos pactuantes fosse envolvido em conflito bélico com outras nações. Nesta altura a Itália já havia ampliado suas possessões coloniais na África através da conquista da Etiópia. No próprio ano de 1939 simplesmente ocupou a Albânia, botando os pés na península balcânica. Entretanto, quando a Alemanha precisou do apoio da Itália — uma simples declaração teria sido suficiente — este foi negado. A história do começo da 2ª guerra mundial todos conhecem, mas é pouco divulgado que Hitler, depois de invadir a Polônia e ciente do propósito inglês de declarar a guerra à Alemanha, comunicou ao primeiro ministro britânico Chamberlain a sua disposição de recuar suas tropas e indenizar danos havidos, se a Grã-Bretanha assumir a mediação no conflito alemão-polonês. Este contato foi feito através do editor-chefe da agência de notícias alemã em Londres, Fritz Hesse, com Sir Horace Wilson, assessor de Chamberlain. A resposta foi que já tinham conclamado a França à ação conjunta de declaração de guerra. O que não se sabia, àquela altura, é que a França não estava nada decidida. O seu chefe do Estado Maior

Gamelin se recusava a endossar uma declaração de guerra à Alemanha enquanto houvesse o perigo de a Itália abrir uma segunda frente. Tranquilizou-se logo, porque Mussolini optou por ficar neutro.

O Duce entrou na guerra quando a França estava batida e depois que os ingleses se retiraram do continente. Na seqüência só arrumou encrenca, pela ordem: na África Oriental, na do Norte e na Grécia.

Hitler não perdeu a paciência com o seu amigo, porém em 20 de maio de 1943 declarou: "Se naquela ocasião (1939) a Itália tivesse demonstrado solidariedade, tal como os tratados a obrigavam, então a guerra não teria eclodido, então nem ingleses, nem franceses teriam começado."

35 – "Armas desumanas" 20/11/2007

Sabemos, apenas extra-oficialmente, que os americanos usaram no Iraque armas que até hoje estão contaminando o ambiente. Assim também procuraram guardar segredo por dezenas de anos do fato de terem embarcado para a Europa 640 toneladas de bombas do proscrito gás mostarda. Não se sabe se pretendiam usá-lo, mas sabe-se que:

Dia 28 de novembro de 1943 chegou, proveniente de Baltimore, ao porto de Bari, no sul da Itália, o cargueiro "John Harvey" sob o comando do capitão Edwin F.Knowles. Tinha a bordo o citado carregamento de armas proibidas. Da sua natureza só tinham conhecimento os sete soldados americanos, sob ordens do primeiro tenente Howard Beckström, destacados para o seu acompanhamento. Na noite do dia 2 de dezembro havia mais de 30 navios de transporte americanos ancorados naquele porto, quando aviões de bombardeio JU-88 alemães realizaram um ataque, afundando 19 e danificando 8 severamente. O "John Harvey" pegou fogo, explodiu e afundou. Nisto houve liberação do gás mostarda. Os que sabiam do que se tratava morreram na hora. Os Estados Unidos se envolveram em silên-

cio, impedindo que centenas de envenenados recebessem tratamento adequado. Segundo informações aliadas foram feridos 628 soldados e marinheiros, dos quais morreram 96. As consequências para a população civil foram encobertas, falando-se apenas em queimados ou problemas pulmonares.

Desde 1925 44 nações vinham discutindo em Genebra o problema do gás como arma de guerra. Dez anos depois 38 haviam assinado o protocolo que determinava a sua proscrição. Entre outras não o ratificaram os Estados Unidos, Japão, Checoslováquia e Luxemburgo. Mas, na realidade as convenções de Genebra pouco representaram de garantia efetiva. A Alemanha também dispunha de granadas de gás guardadas para eventual uso em represália, sujeito à liberação expressa pelo próprio Hitler. Tudo indica que não possuía bombas de gás para possível lançamento pela *Luftwaffe*.

A Convenção de Genebra também proibia bombardeios de áreas situadas fora do campo de batalha propriamente dito, seja por artilharia, seja através de ataques aéreos. É justamente a arma que mais se tem usado desde a segunda guerra. Se é que se pode falar em "arma de guerra desumana", o bombardeio aéreo da população civil, longe dos campos de batalha, é, com toda certeza, a exteriorização mais abjeta da crueldade da qual o ser humano é capaz. Pergunte-se aos sobreviventes de Hamburgo, Dresden, Colônia, Berlim, Hiroshima, Nagasaki, Belgrado, Kandahar, Kabul, Beirute e tantas outras, sem falar das menos conhecidas na Coreia e no Vietnam.

36 – Rádio Maria 16.11.2007

Passaram às minhas mãos cópia de uma recente coluna do jornalista Elio Gaspari em que este aparentemente censura o Papa Bento XVI por este ter se deixado fotografar ao lado do Padre Tadeus Rydzyk. Pela crônica ficamos sabendo quem é monsenhor Rydzyk: É um clérigo polonês, sustentáculo da Rádio Maria, "uma das emissoras católicas de maior audiência" na Polônia. Opa! Da mídia e dos contadores de história nós sabemos que os poloneses são o povo que mais ódio tem dos alemães. Foi com eles que começou a segunda guerra mundial. Mas então é duplamente significativa a afirmação divulgada pela Rádio Maria de que em Auschwitz (fica na Polônia) não havia um campo de extermínio, era um centro de trabalho e lá não foram mortos 1,1 milhão de prisioneiros. Isto, disse a emissora polonesa, é coisa da "Indústria do Holocausto". Parece muito sugestivo. Vamos nos lembrar que a Polônia, ao contrário de diversos outros países, nunca teve um partido nacional-socialista (nazista). Seria uma heresia dizer que lá há um movimento neonazista. Certamente há "skin-heads", mas ninguém os ligaria aos nazis. Mesmo assim ousam negar um fato, dito notório e histórico, ousadia que em outros países daria cadeia, inclusive na própria Alemanha.

É verdade que do leste europeu já vieram outras notícias que tendem a desmentir este "público e notório" que vem nos sendo servido há tanto tempo. Lembrando que foi a União Soviética quem ocupou e libertou Auschwitz. Teve, portanto, acesso a toda área administrativa deste campo de concentração. Em 1989 ela liberou os registros de óbitos apreendidos segundo os quais ali morreram 66 000 pessoas. E foi o propagandista mor dos bolchevistas, Ilja Ehrenburg, que já divulgava ao mundo, ANTES que suas tropas lá chegassem, que em Auschwitz os alemães chacinaram 4 milhões de judeus.

O campo de Auschwitz deve ter sido verdadeira cidade. Foi construído em 1942 e, ao que informaram os jornais da época, destinado a abrigar até 100.000 prisioneiros de guerra (soldados) soviéticos.

37 – Livro Memorial 2.12.2007

A revista bimensal *Stimme des Gewissens* "Voz da Consciência" nr.5 de 9/10 de 2007, editada pelo COLLEGIUM HUMANUM de Vlotho, Alemanha, trouxe informa-

ções interessantes, que tentarei aqui resumir para os meus leitores.

Em 1961, atendendo à sugestão e com futuro apoio da Yad Vashem de Jerusalém, bem como do governo de Israel, o governo alemão decidiu editar um LIVRO MEMORIAL, dedicado aos judeus assassinados pelo regime nacional-socialista. Trabalharam 25 anos contando com a cooperação do Serviço Internacional de Busca em Arolsen, Alemanha, assim como com o Arquivo Público e com o Departamento de Estatística deste país. Em 1986 saiu a 1ª edição. Vinte anos depois, em 2006, a segunda. Entre a primeira e a segunda existem algumas diferenças. Os números da primeira edição cobriam apenas a área da então Alemanha Ocidental e apresentaram como resultado 128.091 vítimas. A 2ª. edição já se referiu à toda população judaica que viveu na Alemanha limitada pelas fronteiras de 31 de dezembro de 1939, incluindo a Áustria, listando agora um total de quase 150.000 nomes, ou seja 16,792% a mais. Enquanto o livro 1 detalhava o número de desaparecidos, de deportados, declarados mortos, de mortes registradas e de retornados, o livro 2 é mais genérico.

O que chama a atenção são as reflexões que a citada publicação faz em torno do assunto. Por exemplo: O censo de junho de 1933 acusara uma população judaica de 499.682 pessoas. Emigraram oficialmente entre 33 e 38 169.000 pessoas. Em 1939 mais 78.000 (isto fora a emigração clandestina e a clandestina favorecida, que ocorreu até o final da guerra. N.R.). Já o censo de maio de 1939 informou uma população total de 233.973 judeus. Baseado nas faixas

etárias informadas ainda no livro da 1ª.edição um matemático contratado pela revista fez cálculos atuariais (processos usados por companhias seguradoras de vidas), segundo os quais entre 33 e 38 devem ter ocorridas 42.619 mortes naturais e 6.983 nascimentos. Para o período seguinte de 39 a 44 o mesmo matemático calculou um número teórico de 86.000 mortes naturais. Só nisto já se teria a explicação para 128.619 desaparecimentos.

Fazendo mais algumas considerações a revista chega à conclusão:

"Segundo números publicados pelos LIVROS MEMORIAIS não pode ter havido um extermínio sistemático dos judeus alemães. O governo alemão contradiz com estes livros todas as afirmações que têm sido feitas neste sentido."

Finaliza perguntando, se em função do § 130 do Código Penal o próprio governo agora vai proibir o Livro Memorial.

Deu um nó na sua cabeça, caro leitor? Na minha também. Faz três dias que estou com enxaqueca.

38 – Globalismo x Nacionalismo 20.12.2007

Durante muito tempo uma pergunta moveu meus pobres neurônios. Por que sempre o alemão? Efetivamente, perscrutando a história, não vamos encontrar outro povo que tenha sido tão combatido — e por tanto tempo — pela opinião publicada mundial. Isto aconteceu não só desde o período hitleriano. Eu diria que começou em janeiro de 1871, desde que Bismarck deu unidade a esta gente, formando o 2° Reich. Ali se criou um forte bastião do sentimento nacionalista. Já então havia o movimento dos que hoje chamamos de globalistas. Para não cansar o leitor, lembro apenas palavras chave como *iluminismo, Roundtable, Bilderberger, Council of Foreign Relations* (vide também mensagem 27 neste blog). O globalismo necessita de regimes democráticos para poder alcançar seu objetivo final, que é a implantação de um governo mundial, nada democrático, obviamente. O curioso é que o maior obstáculo que vem enfrentando é precisamente o nacionalismo, sentimento que busca ordem, progresso, autoridade.

Os alemães liderados pelos *Kaiser* Guilherme I e Guilherme II já se orgulhavam bastante da sua nacionalidade, do seu ser, do seu trabalho, da sua cultura, dos seus pensadores, a ponto de constituírem sério transtorno nos planos dos que pretendem botar todo mundo na mesma panela. Se aquilo era um fator capaz de provocar uma I Guerra Mun-

dial, imagine-se o "barraco" suscitado por uma ideia nacional-socialista. Além de nacionalista, ainda se metendo numa seara exclusiva, até então carro-chefe dos globalistas, o socialismo. Compreende-se todo o esforço que vem sendo feito para acabar com estes rebeldes. *Germany must perish.*

Nacionalismo, seja na Alemanha ou em qualquer outro lugar, não é mais politicamente correto. No Brasil morreu uma morte súbita. O governo militar ainda fez um esforço... Acabou. Hoje se propaga através da televisão o uso de um símbolo nacional, da bandeira, como canga para figuras cômicas na praia. Nosso povo, apesar de novo, 500 anos, caminhava para uma união. Pátria não era um conceito abstrato. Hoje se diferenciam etnias. E não é Lula que está fazendo isto, é uma força muito maior que rege a orquestra.

O alemão insistia em tocar sua própria partitura. Por isto acabaram com ele.

Nossos jornais de hoje falam das missões que Bush detalha para 2008: *O presidente está preocupado com a recrudescência do nacionalismo russo.*

39 Matéria paga contra o revisionismo? 8/1/2008

Continua o esforço escancarado de entidades não identificadas, que buscam impedir a análise crítica das teses e conceitos que foram gerados em relação à história da 2ª Guerra Mundial. Todo mundo sabe que a história dos conflitos bélicos é escrita pelos vencedores, que a verdade é a primeira vítima da guerra, que História é uma mentira em que todos acreditam... Sempre houve quem se propusesse a rever e reescrevê-la, mas quanto à 2ª Guerra não pode. É blasfêmia. Criaram até um neologismo: Revisionista. E, para que ninguém pense que é título honorífico, já o qualificaram: nazista!

Entrevista

Neonazistas agem na capital

O ódio que resiste

Por que tanto medo?

Veja este anúncio, desculpe, esta "matéria jornalística", publicada em página INTEIRA no último dia 2 de dezembro de 2007. Traz, além de grande e impactante ilustração, o subtítulo

"PESQUISADORA MAPEIA DISCURSO NEONAZISTA NA INTERNET E DESVENDA REDE DE AJUDA MÚTUA E COOPTAÇÃO DE NOVOS MEMBROS".

A isto segue uma introdução e entrevista com uma antropóloga mestranda da Unicamp que fica devendo esclarecimentos sobre o tal discurso mapeado e não desvenda coisa alguma sobre a rede que descobriu. Ela diz que durante os seus estudos teve o primeiro contato com a história da identidade judaica e conheceu um movimento chamado de revisionismo. Foi à internet e achou 8.000 sites revisionistas que hoje devem ser 13.000. Evidentemente todos se comunicam, são de conteúdo neonazista e seus alvos são judeus, negros e homossexuais. A entrevistada cita ainda cálculos que não são dela e segundo os quais já seriam 150 mil os adeptos no Brasil, 450 mil nos EEUU, 150 mil em Portugal e na Espanha e apenas 9 mil na Alemanha. "Dá para perceber que estão crescendo".

Eu acho que o que dá para perceber é o quanto há de artificialismo nestas declarações ou nestes "estudos". É difícil compreender como um veículo de comunicação dá guarida e destaque a matéria tão inconsistente. Para preencher o espaço ainda desenterraram sob o título "Neonazistas agem na capital" noticiário antigo sobre ataques de *skinheads* a *punks* (veja também sobre o assunto *"33 – Dois pesos sem qualquer medida"* neste blog em 5/10/07). Nestes conflitos entre gangues os *skinheads* costumam ser chamados

de neonazistas. Seriam estes os 150 mil adeptos identificados pela antropóloga?

Posso assegurar ao jornal e à estudiosa mestranda que, apesar de em atividade há mais de um ano como autor deste blog, nunca fui contatado por grupo algum, não espero ser e quero continuar o meu trabalho honesto, com motivo claro e explícito, sem me esconder, sem incitar e sem difamar.

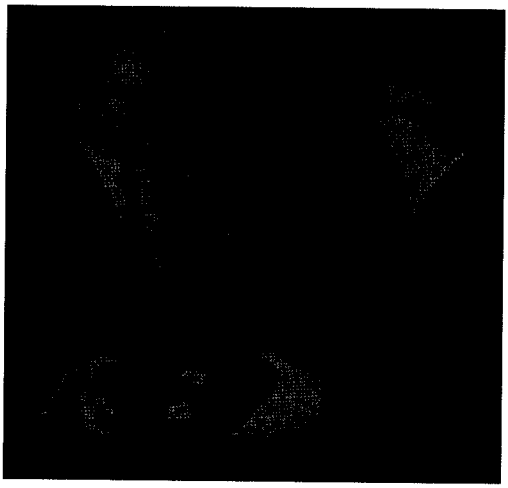
40 – Crime de guerra de Katyn 12/1/2008

Tenho certeza de que os milhões de integrantes da etnia polonesa no Brasil até hoje acreditam que o morticínio de 15.000 oficiais poloneses, em especial dos onze mil encontrados em vala comum na floresta de KATYN, foi mais um dos crimes nazistas praticados durante a 2ª guerra mundial. Aliás, constou dos pontos apresentados pelo representante soviético da acusação coronel Júri Pokrowski no dia 14 de fevereiro de 1946 perante o tribunal "internacional" de Nurenberg. Já nos meses anteriores os soviéticos processaram em Leningrado prisioneiros de guerra alemães

sob a mesma acusação e os condenaram à forca ou a trabalhos forçados.

De nada adiantara aos alemães, que no avanço de suas tropas haviam encontrado os corpos em Katyn, terem na mesma hora chamado representantes internacionais, para que comprovassem a responsabilidade soviética. Os aliados mantiveram o mundo acreditando na mentira, não hesitando em silenciar quem duvidasse. O então primeiro ministro no exílio Sikorski, por exemplo, insistira junto a Stalin em saber do destino de milhares de oficiais poloneses. Morreu em estranho acidente de avião em 4.7.1943 em Gibraltar. O piloto tcheco salvou-se. O advogado polonês Roman Martini, encarregado de averiguações no caso Katyn pelo próprio Ministério da Justiça da Polônia, foi assassinado em sua casa em Cracóvia. O russo Krivozhertzov, que alertara os alemães para o massacre, fugira para a Inglaterra após o final da guerra e em outubro de 1947 foi encontrado enforcado em Bristol. O médico legal romeno, Prof.Dr. Vassiliu, que fizera parte da comissão internacional, chamada pelos alemães em 1943, foi detido em 1948 e morreu num campo de detenção romeno.

E a mídia internacional manteve um silêncio sepulcral quando na sexta-feira santa do dia 13 de abril de 1990 o governo soviético confessou oficialmente que o seu serviço secreto NKWD sob ordem de Stalin assassinara em 1940 cerca de 15.000 oficiais poloneses, parte em Katyn, parte em outras localidades. No dia 14 de outubro de 1992 o governo em Moscou liberou ao público mundial os documentos concernentes.



Na foto vemos Gorbatchov entregando a documentação relativa a Katyn ao presidente polonês Wojciech Jaruselski.

41 – Vítimas do Holocausto 29/1/2008

Acabamos de comemorar no dia 27 de janeiro o "Dia Internacional das Vítimas do Holocausto". Não sabia deste dia, mas vi agora até o nosso presidente participar das homenagens. Parece ser boa oportunidade para procurarmos

saber mais a respeito deste assunto que há tantos anos vem sendo mantido sob os holofotes da mídia internacional.

Nos autos do Tribunal Militar(?) Internacional(?) de Nurenberg vamos encontrar sob >Gen.u.OKW (A)-1630< a declaração juramentada do Marechal de Campo Maximilian Freiherr von Weichs, datada de 8/7/1946 e mencionada na sessão de 21/8/46 (por motivos de saúde ele foi libertado ainda durante o processo). É longa, mas muito elucidativa.

"Eu, Maximilian Freiherr von Weichs, nascido a 12.11.1881 em Dessau, declaro sob juramento. De outubro de 1937 a outubro de 1939 fui General Comandante XII-I.A.K, de outubro de 39 a julho de 42 Comandante Superior do 2.Exército, de julho de 42 a junho de 43 Comandante Superior do Grupo B de Exércitos, de agosto de 43 a março de 45 Comandante Superior do Grupo F de Exércitos OB Sudeste. Minhas declarações referem-se a este período de tempo.

Nem antes da guerra, nem durante a mesma eu tive conhecimento de que houvesse intenção ou determinações de extermínio de judeus em qualquer que seja a região. Somente depois de feito prisioneiro eu soube que teria havido tal propósito e que teriam existido os assim chamados campos de extermínio. Durante a guerra circularam boatos de que no comissariado Ucrânia/Kiev alguns judeus teriam sido mortos. Ninguém pôde apresentar provas. Não ficou claro se eram notícias oriundas de propaganda inimiga, se eram boatos comuns em época de guerra, ou se era verdade. Impossível concluir dali a existência de intenções gerais de extermínio. Isto nem me passou pela cabeça.

O certo é que no âmbito das tropas da *Wehrmacht* sob meu comando estas não participaram de ações desta ordem. A tropa de per si já se recusava a uma luta contra pessoas indefesas. Sempre recebeu como instrução que a nossa guerra era contra as forças armadas inimigas e não contra a população, qualquer que seja raça ou partido a que pertença. Os capelães sob minhas ordens por diversas vezes recomendaram em suas prédicas que o amor cristão também deve ser dedicado aos judeus.

Assim só tive conhecimento de um caso em que foi morto um judeu na minha área de comando. Um tenente da polícia do exército fuzilou um judeu sem motivo aparente. Eu o mandei para a corte marcial, porque queria estatuir um exemplo através da condenação por assassinato. Ordens superiores fizeram com que o acusado fosse transferido para um tribunal na Alemanha. Minha posição pessoal era contra qualquer perseguição injusta a judeus, o que é comprovado pelo fato de ter interferido a favor de judeus por duas vezes, enviando carta particular a Himmler. Uma era o caso do judeu Prof.Dr.Meyerstein (Medicina), conhecido da minha família e que já me tratara por ocasião de severa enfermidade. Fora detido. Solicitei que lhe permitissem viajar para a Inglaterra, conforme desejava. Ele viajou. A pedido de uma amiga da minha mulher, tomei a mesma providência a favor de duas senhoras de certa idade que eu não conhecia pessoalmente e que pretendiam ir para a América. A saída foi concedida, mas não foi possível concretizá-la, devido ao estado de guerra com os Estados Unidos ter irrompido neste intermédio.

As respostas recebidas em ambos os casos do próprio Himmler bem como de órgãos a ele subordinados eram bastante atenciosas e não deram a entender que se pretendia exterminar os judeus.

Frh. v. WEICHS"

Diante disto é possível compreender que o Papa Pio XII tenha declarado ao jornal *Svenska Dagbladet* em 14/11/1945 que só soube de um Holocausto depois da guerra.

42 – Do Holocausto à Sapucaí 5/2/2008

Ou será que deveríamos dizer: De Dresden à Viradouro?

A nota especial no carnaval deste ano de 2008 foi dada pelo carnavalesco Paulo Ramos da Escola de Samba Unidos do Viradouro. Poucos dias antes do desfile a televisão anunciou com grande destaque, em horário nobre, para o Brasil e para o mundo, que, por decisão judicial a pedido da federação israelita a escola não poderia colocar na ave-

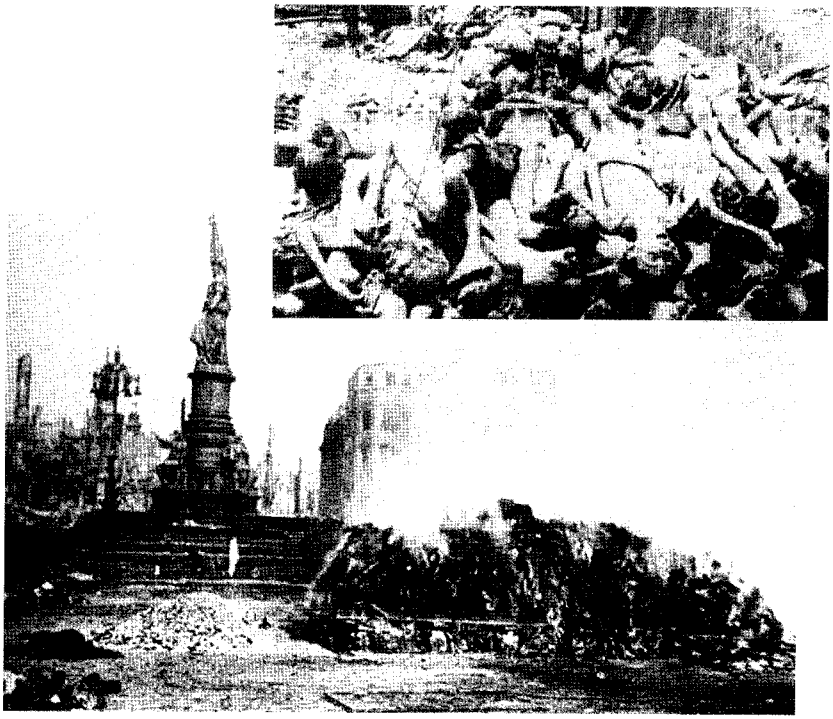
nida o seu quinto carro alegórico. E mostraram para o Brasil e para o mundo o tal carro pronto e depois sendo desmontado. O quinto carro alegórico da Viradouro representava uma montanha de cadáveres. Chocante. Seria certamente fato inusitado para a grande festa popular brasileira. Idéia própria de um carnavalesco?

Fato é que o carro foi montado, teria custado 400.000 reais e deveria simbolizar nada mais, nada menos que o Holocausto. Uma montanha de corpos, lembrando uma fotografia que durante anos circulou pela mídia mundial como prova mais evidente e repugnante do massacre de judeus durante a segunda guerra mundial. Por mais que tivesse funcionado para incriminar os alemães esta fotografia começou a sumir de circulação. Acontece que era fruto de inescrupulosa falsificação. A foto era real, porém resultado de outro massacre. Massacre da população civil alemã. Ninguém contou isto ao senhor Paulo Ramos da Viradouro?

Pouco antes do final da guerra com a Alemanha, em 13 e 14 de fevereiro de 1945, os aliados conquistaram mais um troféu glorioso em sua batalha terrorista contra civis indefesos. Foi a vez de Dresden ser reduzida a cinzas por seus bombardeios inclementes. Dresden centro cultural, cidade hospital, entroncamento das rotas de fuga dos retirantes que fugiam do avanço das tropas soviéticas. Ruas entupidas por estes fugitivos. Pois foram cobertas por tapetes de bombas explosivas e incendiárias. Parte dos caças que acompanhavam os bombardeiros receberam ordens de metralhar as ruas, estradas vicinais e margens do rio Elba "pa-

ra aumentar o caos". Até o dia 20 de março, segundo a polícia, haviam sido resgatados 208.000 mortos. É provável que o número final tenha ficado entre 280 e 300 mil. Não havia como enterrar. Às pressas fizeram grelhas com trilhos e sobre elas amontoaram os mortos para que fossem incinerados. Na época foi feito um documentário que caiu nas mãos dos aliados. Utilizado na campanha de difamação que nunca termina, quase acabou na Avenida. O Brasil merecia isto?

Um pensamento que não me sai da cabeça: será que foi tudo uma jogada de *marketing*? Abaixo fotos feitas em Dresden após o bombardeio.



43 – Pobre nação

21/2/2008

Há poucos dias assisti na *Deutsche Welle*, TV estatal alemã transmitida aqui por cabo, a um programa de entrevistas do qual participou o ex-chanceler da Alemanha Ocidental Helmut Schmidt. O homem está hoje com 90 anos, mesmo fumando um cigarro atrás do outro, até diante das câmeras. Mas não é este seu hábito motivo do meu ensaio de hoje. É que fiquei impressionado pelo fato de ter ele – comunicador, formador de opinião pública, que já foi por oito anos de 1974 a 82 o dirigente maior de um povo – a certa altura da entrevista repisado, com todas as letras, a grande responsabilidade deste povo pela morte de "seis milhões de judeus". Pergunto: precisava? Não basta os acusadores repetirem estes números *ad eternum*, números já tantas vezes questionados e o próprio fato em si posto em dúvida por pesquisadores e fontes das mais competentes? Pois, lá vem um ex-chefe de estado, deste estado que representa o povo acusado e dá todo o apoio e reforço à acusação. Faltou ali o Juan Carlos: *Porque no te calas?*

Com gente assim esta pobre nação alemã nunca mais vai readquirir sua identidade. Mas o servilismo dos políticos alemães não tem limites. Ou fariam eles parte dos executores de projetos inconfessáveis? Helmut Schmidt é, segundo Gary Allen (*The Rockefeller file*), membro da organi-

zação da Comissão Trilateral e dos Bilderbergers, ou seja, dos que pretendem instalar um governo mundial.

Schmidt, quando jovem, foi um pequeno *führer* na Juventude Hitlerista. Durante a guerra parece que ficou longe das batalhas, pois como primeiro tenente ocupou um cargo de relator no ministério da aeronáutica do Reich e acompanhou como delegado observador os processos contra o pessoal do atentado contra Hitler de 20 de julho de 1944. Era "confiável". Era confiável para os poderosos de então e é confiável para os poderosos de hoje. Hoje tão confiável que quarenta anos depois da guerra declarou ao *New York Times* que o seu avô era judeu.

44 – Tribunal de Nurenberg 5/3/2008

O meu propósito ao manter este blog é, e tem sido, desfazer esta imagem injusta que se construiu do alemão, de quem se diz e se reafirma que teria praticado as maiores barbaridades no decorrer das duas grandes guerras mun-

diais. O processo acusatório teve o seu ponto culminante no Tribunal Internacional Militar de Nurenberg em 1946, tribunal que nem foi internacional, constituído que foi apenas pelas nações que lideraram a guerra contra a Alemanha, nem foi militar, "pois 90% do pessoal daquela corte era composto por gente preconceituosa que apoiou a causa da acusação por motivos políticos ou raciais". Esta última afirmação foi feita pelo juiz americano Wennersturm ao *Chicago Tribune,* justificando porque deixou o cargo que ocupava naquele tribunal.

Não foi Wennersturm o único a criticar e arguir a competência do TIM de Nurenberg e dos demais tribunais criados para julgar e punir crimes de guerra (dos alemães). Edgar L.Jones, conhecido correspondente de guerra americano, protestou contra a difamação dos vencidos e contra a hipocrisia ali revelada pelos vencedores. Na edição de fevereiro de 1946 do *The Atlantic Monthly* ele escreveu: "Que tipo de guerra acreditam os civis foi a que nós fizemos? Nós executamos prisioneiros a sangue frio, nós pulverizamos hospitais de campanha, afundamos barcos salva-vidas, matamos ou ferimos civis inimigos, "apagamos" feridos, juntamos mortos e moribundos na mesma cova. No Pacífico descarnamos crânios dos nossos inimigos, a fim de preparar enfeites de mesa para as nossas noivas, e de ossos fizemos abridores de cartas. Coroamos com duas bombas atômicas, jogadas sobre cidades indefesas, os bombardeios que fizemos com bombas fosfóricas, nossa matança de populações civis, detendo agora o recorde absoluto em morticínio. Como vencedores arrogamo-nos o direito de arrastar

nossos inimigos aos tribunais por crimes de guerra, mas deveríamos ser suficientemente realistas para reconhecer que seríamos condenados numa dúzia de pontos da acusação se viéssemos a ser julgados por quebra das leis de guerra."

Sei que com o ensaio de hoje não estou atingindo exatamente o objetivo a que me propus. Não é acusando que se defende. Mas, é que justamente aqueles tribunais dos vencedores que serviram aos detratores no municiamento de suas campanhas do tipo *Germany must perrish* mantidas até hoje com tanto sucesso. Ainda recentemente ouvi uma senhora alemã dizer numa reunião social: "Mas a Alemanha quis dominar o mundo!".

45 – Violência sexual 14/3/2008

Dois milhões de mulheres alemãs foram violentadas pelos vencedores "libertadores" nos meses finais e depois da Segunda Guerra! Esta afirmação foi divulgada pela diretora de cinema HELKE SANDER em conjunto com a escri-

tora BARBARA JOHR através do documentário de três horas *BeFreier und Befreite* (Libertadores e Libertados), apresentado no Festival de Cinema de Berlim em 1992. Sob o mesmo título o trabalho foi publicado em livro pelo Kunstmann-Verlag e em livro de bolso pelo Fischer. Deste número de atos de violência sexual 200.000 tiveram como consequência a morte da vítima.

Não são números aleatórios ou simplesmente estimativos. São baseados nas pesquisas do Dr.Gerhard Reichling, estatístico e especialista em perdas populacionais, diretor da seção alemã da área de pesquisa da Sociedade de Estudos do Problema Mundial de Refugiados. Segundo os dados do Dr.Reichling cerca de 100.000 estupros aconteceram em Berlim, 500.000 na Zona de Ocupação soviética e 1,4 milhões nas regiões da Prússia Oriental, Pomerânia, Brandenburgo Oriental e Silésia, áreas que foram desmembradas da Alemanha e donde a população alemã foi expulsa sob inacreditáveis formas de violência. Não se incluiu aí a região dos Sudetos e da Bohêmia na República Checa, de população predominantemente alemã desterrada com intensa brutalidade. Outros estudos nos dizem que na zona de ocupação soviética da Áustria aconteceram 200.000 casos de violações de mulheres

A violência sexual não foi, segundo Sander/Johr, privilégio do exército vermelho. Quando a tropas francesas, compostas principalmente por soldados coloniais, ocuparam Estugarda (Stuttgart), a polícia local registrou 1198 casos de estupro de mulheres entre 14 e 74 anos. O estupro em massa foi um dos aspectos e das consequências trágicas

das guerras. Na Idade Média a liberdade de praticá-lo, bem como a pilhagem das cidades ocupadas, eram uma forma de pagamento dos mercenários. Um incentivo redescoberto pelo propagandista soviético ILJA EHRENBURG que não se cansou de incentivar os seus soldados com promessas dos prazeres que os esperavam. O Prof.LEW KOPELEW, oficial das forças soviéticas, tentou conter seus comandados e foi condenado a 10 anos de "Gulag" por compaixão com o inimigo.

Neste ponto alguém pode ser tentado a perguntar "e o soldado alemão não teria feito o mesmo? Afinal guerra é guerra?". A historiadora suíça BIRGIT BECK, *Wehrmacht und sexuelle Gewalt. Sexualverbrechen vor deutschen Gerichten 1939 – 1945,* estudou um milhão e meio de sentenças das cortes marciais alemãs e constatou que os 5.000 casos desta natureza (apenas 0,33%) foram julgados com severidade. Veja também o ensaio 11 – Livro de Soldo de 28/11/06.

Infelizmente todo este esforço para se trazer luz e esclarecimento sobre o que realmente aconteceu na 2ª.guerra mundial, esbarra nos efeitos da lavagem cerebral que mantém seu domínio sobre o que pensa o mundo. O documentário Sander/Johr acima citado não mereceu cobertura da mídia alemã, nem da mundial. O jornal austríaco *Profil,* em sua edição de 13.3.2005, chegou ao cúmulo de dizer que os soldados soviéticos não cometeram estupros em Viena "é que as mulheres vienenses estavam tão carentes de sexo, que os russos foram recebidos de braços abertos"! É a mesma lavagem cerebral que eternizou o número de 6.000.000, número citado pela primeira vez em 4 de janeiro de 1945

(muito antes de o exército vermelho ocupar Auschwitz) pelo mesmo ILJA EHRENBURG, acima mencionado.

46 – Liberdade para mentir 25/3/2008

O que a história nos conta sobre a maldade dos alemães alimentou-se permanentemente das mais variadas a incríveis fontes. O espanhol ENRIC MARCO foi uma delas. Em 1978 publicou o seu livro *Memória del Inferno* no qual descreve seu sofrimento como prisioneiro do campo de concentração nazista de Flossenburg. Em centenas de entrevistas e palestras divulgou ao mundo como fora maltratado nas mãos daqueles carrascos. Também exerceu a presidência da sociedade *Amical de Mauthausen* que congregava sobreviventes espanhóis deste outro campo de concentração. Em 25 de janeiro de 2005 discursou perante o parlamento espanhol em memória à libertação de

El Impostor Enric Marco.

Auschwitz. No começo de maio de 2005 foi hóspede da Áustria na comemoração da libertação do campo de Mauthausen. Deu seu testemunho no filme *Spain was their last Hope* sobre a luta dos comunistas na guerra civil espanhola e seu destino nos campos de concentração alemães.

No mesmo mês de maio de 2005 o historiador BENITO BERMEJO apresentou provas incontestáveis de que Marco NUNCA foi prisioneiro de um campo de concentração alemão. Marco teve que confessar publicamente que inventara tudo. Na verdade trabalhara num estaleiro de Kiel como operário empregado desde 1941 e voltou para a Espanha em 1943.

A única pena que sofreu por espalhar suas mentiras foi a perda dos cargos honoríficos. Já um alemão que questiona o holocausto vai para a cadeia.

47 – A 2ª guerra e as nações envolvidas 4/4/2008

Quando hoje se pensa na Segunda Guerra Mundial as nações envolvidas que vêm à mente, além da Alemanha, são Estados Unidos e ainda Inglaterra e França. Nem mesmo o pivô da história, a Polônia, costuma ser lembrada. Alguém é capaz de incluir Israel, que então nem existia.

Na realidade a lista de países que de uma forma ou outra participaram do conflito é longa e vale a pena ser lembrada. À margem seja dito que desde 1931 já grassava na Ásia a guerra sino-japonesa.

No começo eram aliados da Alemanha: ESLOVÁQUIA, ITÁLIA, ROMÊNIA, BULGÁRIA, IUGOSLÁVIA, FINLÂNDIA, HUNGRIA e JAPÃO. Citei a Eslováquia em primeiro lugar, porque esta já declarou guerra à Polônia no dia 5.9.1939 (havia se tornado independente em março daquele ano). A seguir passemos aos contrários à Alemanha e às respectivas datas em que a beligerância se estabeleceu.

01.09.1939 - Tropas alemãs atravessam a fronteira contra a POLÔNIA.
03.09.1939 - INGLATERRA, FRANÇA, AUSTRÁLIA E NOVA ZELÂNDIA declaram a guerra.
09.04.1940 - Alemanha ocupa a DINAMARCA e a NORUEGA.
10.05.1940 - Alemanha ataca HOLANDA, BÉLGICA e LUXEMBURGO.

06.04.1941 - Devido a um golpe contra o seu governo a IUGOSLÁVIA deixa de ser aliada da Alemanha e é por esta ocupada.
08.04.1941 - Em socorro à Itália a GRÉCIA é atacada pela Alemanha.
22.06.1941 - Início da guerra contra a UNIÃO SOVIÉTICA.
11.12.1941 - Alemanha declara guerra aos ESTADOS UNIDOS. Simultaneamente recebe declaração de guerra da REP. DOMINICANA, GUATEMALA, CUBA e NICARÁGUA.
12.12.1941 - EL SALVADOR, HAITÍ e HONDURAS declaram guerra à Alemanha.
13.01.1942 - PANAMÁ declara guerra.
28.05.1942 - MÉXICO declara guerra.
22.08.1942 - BRASIL declara guerra.
09.10.1942 - ABESSÍNIA declara guerra.
16.01.1943 -IRAQUE (ocupado pela Inglaterra) declara guerra.
07.04.1943 - BOLÍVIA declara guerra.
09.09.1943 - IRAN declara guerra. Antes havia sido ocupado por forças inglesas e soviéticas.
13.10.1943 - ITÁLIA muda de lado e declara guerra.
27.11.1943 - COLÔMBIA declara guerra.
26.01.1944 - LIBÉRIA declara guerra.
15.08.1944 - ROMÊNIA muda de lado e declara guerra.
08.09.1944 - BULGÁRIA muda de lado e declara guerra.
21.09.1944 - SAN MARINO declara guerra.
31.12.1944 -HUNGRIA muda de lado e declara guerra á Alemanha..

Entre 02 e 27.02.1945 - Os seguintes países declaram guerra á Alemanha: EQUADOR, PARAGUAI, VENEZUELA, TURQUIA, EGITO, SÍRIA, LÍBANO.
Entre 01 e 17.03.1945 - ARÁBIA SAUDITA, FINLÂNDIA (mudando de lado) e ARGENTINA declaram guerra à Alemanha.

Com uma série destes países o "Estado de Guerra" foi declarado findo. Verdadeiros "Tratados de Paz" com a Alemanha não existem até os dias de hoje.

48 – A Segunda Guerra Mundial e o preconceito 20/4/08

"A verdade não desaparece quando é eliminada a opinião dos que divergem. A verdade não mereceria esse nome se morresse quando censurada".

Quem disse isto foi o nosso bravo Ulysses Guimarães. Tento acreditar, mas é difícil. A campanha, que foi e está sendo feita para falsear os fatos e acontecimentos rela-

tivos ao grande conflito mundial, criou, e este foi o seu propósito, um enorme preconceito de extensão também planetária. O falso foi intensamente divulgado e impediu-se que o público tivesse outras informações ou conhecimentos adequados que lhe permitissem formar um juízo próprio. Obriga-se o leitor, o ouvinte, o telespectador, o receptor da informação a incorporá-la. Chama-se a isto de preconceito. Preconceito não é fruto de julgamento próprio. Este resultaria num conceito, que pode ser certo ou errado, mas foi elaborado pelo próprio indivíduo. É uma falácia dizer que temos liberdade de expressão e de imprensa. O jornal tem a opinião do dono e este a dos grupos econômicos que lhe dão sustentação financeira. O mais conhecido revisionista brasileiro foi condenado por racismo e o *Habeas Corpus* por ele solicitado ao Supremo Tribunal Federal foi negado com base num parecer solicitado pelo STF ao rabino Henri Sobel (o das gravatas). O meu livro "...e a GUERRA CONTINUA" está há oito anos no mercado e foram infrutíferos todos os meus pedidos aos jornais para que o comentassem ou divulgassem. A bem da verdade devo dizer que recentemente caiu na mão de um destes jornalistas jurássicos, esteio da editora, móveis e utensílios da empresa. Sem sua coluna o jornal de domingo não valeria a metade. Pois fez uma bela crítica dizendo em certo trecho: *"Seu livro (do Norberto) desperta interesse principalmente por ser uma história bem contada, coisa pouco comum em se tratando de um relato sobre o lado perdedor, quando se sabe que loas são cantadas em louvor da parte vencedora. É uma história para quem gosta de pontos e contrapontos."*

Independente de ocasiões fortuitas, como a descrita, o fato é que se busca a todo custo evitar que o público possa formar um conceito próprio sobre o que aconteceu na 2ª.Guerra Mundial. Vejam um exemplo doméstico: Em comentário ao meu último ensaio (47) o leitor Jim escreve: *"Ola Sr. Norberto?! Estou em SP e com dificuldade de achar o livro feito pelo Sr., sabe como posso conseguir?! Abraço!"*. E não vai achar, prezado Jim. Obrigado pelo seu interesse, mas, com a maior tristeza, digo-lhe, e a todos os interessados, que não encontrarão o meu livro em livrarias de São Paulo ou pelo Brasil afora. Que eu saiba apenas uma livraria, esta em Curitiba, o comercializa e mantém exposto. Seu endereço é mencionado na mensagem de número 1 - O objetivo deste blog. A dona de uma grande livraria de São Paulo chegou a me dizer que se aceitasse comercializar o meu livro perderia a sua principal freguesia.

Mas, estamos aí. Não percamos a esperança e confiemos no dito pelo velho Ulysses.

49 – "Libertando" a Itália 6/5/2008

Alphonse Juin era em 1941 Comandante Superior das tropas francesas leais a Vichy estacionadas na África do Norte. Já no ano seguinte bandeou-se para o outro lado assumindo postos de comando em contingentes da França Livre. Em 1943/44 comandou na Itália o "Corps Expèditionaire Français" constituído principalmente por soldados norte-africanos.

Ao norte de Napoli a linha de defesa *Gustav*, assim chamada pelos alemães, resistia já há vários meses aos ataques das forças aliadas. Na terceira batalha de Monte Cassino, que começou em 12 de maio de 1944, o contingente francês sob ordens do General Juin recebeu a incumbência de romper as linhas alemãs, conquistando a passagem sobre o rio Garigliano com o objetivo de vencer as montanhas e prosseguir através do vale Liri até a Via Cassilina.

No dia anterior ao ataque o General Juin assinou a seguinte ordem do dia: *"Depois de terem na próxima noite acabado com o inimigo, vocês acharão atrás das montanhas uma terra rica em mulheres e vinho. Seu general lhes promete solenemente: Se vencerem o inimigo, as casas, as mulheres e o vinho lhes pertencerão por 50 horas. Durante 50 horas poderão fazer o que quiserem."* (Os franceses queriam 70 horas, porém o alto comando americano restringiu a 50).

Venceram. A população próximo a cidade de Cassino, a de Esperia, Pontecorvo, Ausonia, SantÉlia e a de mais trinta localidades italianas, teve dois dias de inferno indescritível nas mãos da malta marrocana endoidecida. O jornal *La Stampa* de 29.11.1946 publicou um relato do acontecido e diz que até homens foram violentados, entre eles o padre de Esperia que morreu em seguida ao ato animalesco. Tampouco freiras foram poupadas.

Tivesse uma ordem destas sido dada por um general alemão naturalmente ele não sobreviveria ao primeiro tribunal dos vencedores da guerra. Já o general Alphonse Juin, representante da "Grande Nation", nunca foi acusado, sequer repreendido, mas, sim, promovido. Acabou no posto de Marechal e comandante supremo na OTAN.

Saio hoje da forma habitual de escolher os assuntos, porém sem deixar de atender aos objetivos deste blog. Quero me dirigir especialmente aos nossos representantes no Congresso onde tramita um projeto, que, se virar Lei, atestaria definitivamente que deixamos de ser nação soberana. Estar-se-ia violentando os direitos individuais e coletivos assegurados pela nossa constituição. Estaria liberada a caça também no Brasil, a caça a pesquisadores, a pensadores, a gente que busca a reparação de injustiças. Isto não em benefício do Brasil e, sim, em proveito exclusivo de um povo alienígena. Está em tramitação na Câmara o Projeto Lei 987/2007, que em síntese diz o seguinte:

"Penaliza quem negar ocorrência do holocausto ou de outros crimes contra a humanidade, com a finalidade de incentivar ou induzir a prática de atos discriminatórios ou de segregação racial."

Não há como negar que quase todas as nações que participaram do conflito mundial tiveram vítimas a lamentar. O Brasil também chorou os seus mortos. Os judeus, que então se chamavam de Judea, pois Israel não existia, foram os primeiros a se declarar em guerra e nesta guerra tiveram

suas perdas humanas. Ao contrário dos demais beligerantes tiveram o cuidado de encontrar um nome fantasia para estas perdas e o mercantilizaram com sucesso (vide Norman Finkelstein – A indústria do Holocausto). Hamburgo, a cidade em que vivi e quase morri durante a guerra teve dezenas ou centenas de milhares de mortos civis, mas deixou de criar uma logomarca para propagar suas perdas. Quem deu um nome a elas foi o autor da chacina, o comandante das forças aéreas angloamericanas. "Operação Gomorra", sugestivo não? Mas não foi muito divulgado.

Agora um deputado brasileiro (?), Marcelo Zaturansky Itagiba, propõe ao nosso Congresso a proteção legal e incondicional daquele nome fantasia, que ninguém mais pode dizer que desconhece. Com o propósito de tornar a proposta mais digerível fala em "outros crimes contra a humanidade",mas não os define nem relaciona. Justifica sua proposta alegando a existência de leis semelhantes em países da Europa. São nações-colônia Deputado Zaturansky. Quer que o Brasil se junte a eles?

Quanto à preocupação com a discriminação racial há que se perguntar: O que incentiva ou induz mais a prática de atos discriminatórios ou de segregação social ACUSAR uma etnia insistentemente durante quase três gerações ou tentar DEFENDÊ-LA?

E as Escrituras Sagradas, Deputado Zaturansky, também serão proibidas? São amplamente divulgadas, milhões lêem seus textos diariamente e lêem também em Josué 23.12,13 que o SENHOR adverte seriamente o seu povo (o eleito) a não se misturar, a não se aparentar, a não se a-

pegar ao restante das nações. Caso contrário terá grandes sofrimentos e perecerá na boa terra que o SENHOR lhe deu.

O proponente do projeto 987 também fala em ONU. Pois esta mesma ONU já chegou a condenar, com o voto do Brasil, o próprio sionismo de *racista*, mas não resistiu ao lóbi e mais tarde voltou atrás.

Finalizando, peço aos meus leitores que conhecem ou têm contato com alguém no Congresso que lhe encaminhem uma cópia deste pequeno ensaio. Talvez ajude a evitar esta vergonhosa submissão que está se anunciando.

51 – Ecologia 4/6/2008

Estamos diante de mais um Dia do Meio Ambiente, Dia da Ecologia. Cada vez mais estamos preocupados com o mundo que nos cerca. Constantemente há contagens da população dos gorilas, dos elefantes, das baleias e ficamos felizes quando novas estatísticas apontam para a recupera-

ção de determinadas espécies que se encontravam ameaçadas de extinção. Vejo agora que o IBGE acaba de publicar um mapa, ilustrado até mesmo com os desenhos dos bichinhos, que mostra 130 espécies de invertebrados que estão para desaparecer no Brasil. Entre elas vemos borboletas, besouros, aranhas e até piolhos-de-cobra. Não, não estou tratando um assunto sério com ironia, até mesmo porque já tive a oportunidade de empregar meu esforço pessoal na luta pela preservação ambiental. Achei a ocasião propícia para denunciar o perigo de extinção que paira sobre uma parcela da nossa espécie humana. Um povo inteiro está morrendo!

A Alemanha tem hoje 82 milhões de habitantes, destes cada quinto (19%) é estrangeiro ou filho de imigrantes. A maioria dos advindos é de origem oriental e com pouca qualificação profissional. A taxa de nascimento na Alemanha é de 8,25 por mil, nisto incluída a dos imigrantes, que é maior que a dos autóctones. No Brasil a taxa parece que é de 16,56 por mil. Depois da guerra o ingresso e a permanência de estrangeiros foram administrados com grande liberalidade. Considero mentira que tenham chamado os turcos porque não queriam fazer o trabalho sujo. Eu vi os alemães fazendo trabalho sujo durante e depois da guerra. Principalmente as alemãs, que mereceram até a denominação de *Trümmerfrauen*, mulheres dos escombros.

Além disto, temos os membros deste povo que acham, graças à *reeducation*, que devem ter vergonha de pertencer a essa etnia, renegam pais e avôs. Preferem dizer que são "europeus".

Teria sido a Alemanha o maior obstáculo à pretendida globalização?

Seja como for, não há como não se lembrar de certos indivíduos cujos nomes deveriam figurar entre os principais incitantes de genocídios. Estes pregaram mesmo matanças, das mais ignóbeis, mas nunca foram parar diante de um tribunal. Um Theodore Kaufman por exemplo. Assessor do Presidente Roosevelt, publicou em 1941, ainda antes de declarada a guerra entre Alemanha e Estados Unidos, o livro *GERMANY MUST PERISH.* É um verdadeiro manual do ódio e de como extinguir um povo. Diz ele: *Esta guerra não é contra Hitler, é uma guerra de povos civilizados contra bárbaros... Alemanha deve ser eliminada para sempre... deve desaparecer da face da terra...* Também já oferece receitas: *Vinte mil cirurgiões, fazendo cada um 25 operações/dia, não levariam mais de um mês para esterilizar 4.800.000 homens e mulheres.*

Não preciso falar do Plano Morgenthau, amplamente conhecido. Ideias parecidas teve Louis Nizer, membro da Loja B'nai-B'rith, que em 1943/44 publicou o livro *WHAT TO DO WITH GERMANY?* O General Eisenhower distribuiu 100 mil exemplares aos seus soldados na Europa. Louis Nizer responde à pergunta O QUE FAZER COM A ALEMANHA que formula no título: 1. Erradicação, 2. Criação selecionada (como se faz com gado), 3. Repartição política, 4. Deportação. Claro que tudo isto sempre é bem fundamentado e justificado com as maiores mentiras. Outro que sabia como praticar um genocídio "legal" foi Earnest Albert Hooton, mencionado no *site* da Harward com tendo sido uma autoridade maior em assuntos de antropologia racial.

A destruição étnica do povo alemão foi um claro objetivo da cúpula aliada nesta guerra. Daí o trabalho e a preocupação dos assim chamados Revisionistas. Na realidade são preservacionistas empenhados em salvar da extinção esta parcela da nossa espécie que já fez muito pelo nosso mundo e muito pelo nosso Brasil.

52 – Formação do oficial "nazista". 17/6/2008

Pela enésima vez a televisão brasileira repetiu agora um filme de Spielberg. Pela enésima vez o público veio a saber que o soldado alemão, o soldado "nazista", como gostam de caracterizá-lo, é um bruto, sanguinário, estúpido e selvagem. E a mentira segue caudalosamente seu caminho qual uma *tsunami* que destrói e apaga tudo que era real e verdadeiro.

Veja, caro leitor, se depois de ler o que segue ainda é possível acreditar em Spielberg.

Transcrevo abaixo a folha de instrução válida para todos os aspirantes a oficial da *Wehrmacht* "nazista". Foi elaborada pelo General Johannes Frieβner que foi Inspetor Educacional e de Formação Cultural do exército alemão entre 1940 e 44. Assumiu então um Grupo do Exército na frente oriental. Altamente condecorado acabou preso pelos americanos e 1945, sendo libertado somente em 1947. Faleceu em 1971.

"Que estas regras os acompanhem tanto na profissão, quanto no modo de viver. Elas têm validade permanente, tanto na guerra quanto em tempos de paz:

1. Sejam sempre exemplo, em todas as situações, especialmente em momentos de crises.
2. Tão logo lhes for confiada uma tropa, examinem seus próprios conhecimentos com autocrítica antes de falar perante seus homens, a fim de não se expor a perder logo a autoridade.
3. Suas intervenções instrutivas devem ser proporcionais à autoridade que lhes foi delegada.
4. Evitem um tom muito áspero. Ele geralmente denota insegurança.
5. Antes de começar a comandar é preciso analisar bem os comandados, para reconhecer neles o ser humano. O conhecimento da natureza humana é indispensável para tratá-los corretamente.

6. Ordens só têm sentido quando convencem.
7. Para poder convencer todo o trabalho de educação e formação deve evidenciar os seus objetivos e o seu porquê.
8. Evitem a vontade de criticar. Geralmente é fruto da presunção. Direito a criticar só tem aquele que provou que sabe fazer melhor.
9. Escutem pessoas ou camaradas mais experientes. Escutar e discernir só traz vantagens.
10. Quem dá palpite em assunto que não domina se expõe ao ridículo. Muitos dos seus subordinados podem saber mais do que vocês de determinados assuntos.
11. Antes de emitir julgamento sobre alguém, lembrem-se de como se houveram em situação semelhante.
12. Atuem sempre com a razão e com o coração quando forem responsáveis por vidas humanas, principalmente na guerra.
13. Preservem a coragem da verdade mais pura.
14. Sustentem o que prometeram e o que fizeram, mesmo que tenham se enganado.
15. Mantenham a distância adequada de superiores e subordinados. Isto os protege de situações difíceis.
16. Sejam sinceros perante seus superiores hierárquicos, com o tacto apropriado ao mais jovem.
17. Quando repreendidos não fiquem amuados. Isto demonstra falta de autodisciplina.
18. Aproveitem o fugaz período da juventude para se formar e educar.

19. Cuidem do seu físico. Contenção e abstinência são atitudes viris, a falta de controle é desprezível.
20. Zelem pelo seu porte e por suas roupas, mesmo que não estejam a serviço. O menor relaxamento prejudicará seu prestígio.
21. Evitem consumo exagerado de álcool. Geralmente é a causa de dissabores.
22. Não façam dívidas. Elas restringem sua liberdade e alegria de viver.
23. Escolham bem suas companhias. Por elas serão julgados.
24. Aprimorem seus conhecimentos. Formação é disciplina mental.
25. Moldem suas personalidades através do estudo de grandes homens.
26. Preservem sua fé em Deus e na Grande Alemanha; esta fé lhes dará força nas crises da vida e especialmente durante a guerra, quando a força humana muitas vezes é exigida ao extremo. Época como a nossa só se vive com fé inabalável."

53 – Uma princesa em Buchenwald 4/7/2008

Há bem um ano já comentei aqui o Campo de Concentração de Buchenwald e o absurdo caso dos "abajures feitos com pele humana". Lembro que no começo Dachau e Buchenwald eram os cavalos de batalha da grande promoção midiática antialemã até que Auschwitz assumisse finalmente, e até hoje, a precedência absoluta como borduna moral nesta campanha interminável. Mas Dachau e Buchenwald continuam lá, preservados e até adaptados para servirem de memoriais e atrações turísticas. Quando digo adaptados, penso nas câmaras de gás de Dachau que são exibidas aos turistas, sem que lhes seja dito que foram construídas por alemães, sim, porém prisioneiros de guerra e DEPOIS do término desta e sob ordens dos americanos. Também não é dito aos sensibilizados visitantes que Dachau fora palco de um barbarismo inacreditável praticado pelas tropas US-americanas, quando ocuparam este Campo. Incitadas pela mídia, simplesmente fuzilaram na hora todo o pessoal que ali estava de serviço, soldados, SS, civis, enfermeiras, serventes, todos, sem distinção e sem julgamento. Foram centenas de pessoas.

Mas é de Buchenwald e de uma princesa que quero falar hoje. Princesa Mafalda. Era filha do rei da Itália Vitório Emanuel III, nascida em 1902. Em 1925 ela casara com o príncipe alemão Philippe de Hesse, que chegou a ocupar alto cargo na administração nacional-socialista.

Quando em 1943 a Itália traiu o pacto do Eixo e mudou de lado o Príncipe Philippe foi preso e confinado no Campo de Concentração de Flossenburg. A Princesa Mafalda, que através do casamento adquirira a cidadania alemã, foi detida em Roma e levada ao Campo de Buchenwald. Ali encontrou Rudolf Breitscheid e sua mulher. Ele fora um dos lideres da social-democracia e, consequentemente, adversário de Hitler. Sua mulher o acompanhou voluntariamente ao confinamento.

A princesa morreu em Buchenwald e naturalmente isto depois foi aproveitado por publicistas como William L.Shirer que no seu livro "Ascensão e Queda do Terceiro Reich" divulgou a mentira de ter sido ela assassinada pela SS a mando de Hitler. Shirer vivera na Alemanha de 1925 a 1940 e odiava tudo que era alemão ao extremo. Na revista *Look* de 26.1.1943 ela já se manifestava *"They are all guilty, punish them"*.

A verdade sobre a morte da princesa foi outra. Quem leu o meu livro "..e a guerra continua" talvez lembre que eu narrei as diversas formas como a gente se abrigava em caso de bombardeio aéreo. Em Buchenwald também existi-

am escavações tipo trincheira onde os prisioneiros se abrigavam em casos de ataque. São proteções razoavelmente seguras enquanto não atingidas diretamente. No dia 24 de agosto de 1944 os aviões anglo-americanos espalharam mais uma vez terror sobre cidades alemãs, entre elas Weimar. Buchenwald, próximo a Weimar, também recebeu suas bombas. Estas não fazem distinção. Grande número de guardas e internados, entre estes estava Rudolf Breitscheid, morreu ali na hora. A mulher de Breitscheid sofreu sérios ferimentos, mas sobreviveu. A Princesa Mafalda teve grande parte do corpo queimada. Levada à mesa de operação não mais acordou da anestesia. Creio que seja uma surpresa para muitos saber que nos malfadados campos de concentração havia atendimento médico, buscando SALVAR vidas.

O Príncipe Philippe de Hesse, marido de Mafalda, foi "libertado" pelos americanos e em seguida aprisionado pelos mesmos por mais dois anos em um "campo de trabalho".

54 – Bertrand Russel e o domínio mundial 23/7/2008

Em 1939, quando estourou a segunda guerra mundial, Hitler dominava 0,4% da superfície da terra e 0,1% dos mares, enquanto Londres, Paris, Washington e Moscou, seus principais adversários, eram senhores de 66 e 75% respectivamente. Até hoje se acusa a Alemanha de então de ter tido intenções de dominar o mundo. Na realidade era do lado dos aliados que se conjecturava sobre um futuro governo global.

Foi em 1948, poucos anos depois da guerra, que Bertrand Russel, filósofo inglês, prêmio Nobel da Literatura (1950), publicou um artigo em que dizia:

"Se até lá não ocorrerem fatos totalmente imprevisíveis, ainda antes do término deste (daquele) século o mundo estará unificado sob um único governo, que possuirá o monopólio das mais importantes armas de guerra. (...) Segundo a minha opinião deveremos nos conscientizar de que o governo mundial deverá ser conquistado com violência." Ele espera que seja suficiente ameaçar, porém, se isto não for suficiente, a violência realmente deverá ser aplicada. Em um mundo assim, que, segundo Russel, deverá ser liderado pelos Estados Unidos, rebeliões não terão chance

de sucesso. Tal império mundial assegurará à camada dominante enormes vantagens materiais.

Betrand Russel prossegue com uma assertiva de grande atualidade: "Após a aliança alcançar determinado estágio, ou seja, quando for forte o bastante, cada estado que se negar a participar deverá ser ameaçado de ser proscrito (embargos ?), e se continuar renitente ser considerado inimigo público. Se disto resultar uma guerra, esta provavelmente não afetará a estrutura econômica e política dos Estados Unificados (assim Russel denomina o novo império mundial). (...) Conforme a força do poder da Aliança nem haverá necessidade da ocorrer esta guerra, pois todos preferirão se associar a ter que se render depois de uma guerra horrível. (...) O que o mundo mais precisa é uma legislação eficaz para regulamentar as relações internacionais." Russel prossegue dizendo que o mais difícil será a definição de sanções adequadas, que só seriam possibilitadas pela formação de uma única força armada sob controle do Governo Mundial.

Finalizando quero ressaltar, isto foi escrito e publicado em 1948. E era a Alemanha que queria dominar o mundo...

55 – Roosevelt, um dos "falcões" de Versailles 8/8/2008

Hitler nem se alistara ainda como soldado raso no exército alemão em 1914 – quando começou a primeira guerra mundial – e já existia um americano influente que odiava a Alemanha. Era Franklin Delano Roosevelt, indiscutivelmente o líder da coalizão anti-Hitler na segunda guerra mundial. Naquele tempo Roosevelt era *"Assistant Secretary of the US Navy"*, ou seja, substituto do ministro da marinha dos Estados Unidos. Enquanto o então Presidente Wilson pedia aos americanos que permanecessem neutros em ação e pensamento (*Wilson had asked the americans to be neutral in thought as well as action*) Roosevelt já revelava por escrito sua esperança de que a Inglaterra entrasse na guerra, que mal eclodira, e ditasse a paz em Berlim junto à França e Rússia. Já no início de 1915 dizia à sua mulher *"I Just know I shall do some awful unneutral thing before I get through"*. Pouco depois, em 1916, o Presidente Wilson ainda prometia neutralidade aos seus eleitores, mas Roosevelt dizia ao seu chefe *"we've got to get in this war"* (temos que entrar nesta guerra). Todas estas citações foram preservadas pelo seu biógrafo James MacGregor Burns no livro "Roosevelt: The Lion and the Fox", 1956, Editora Hartcourt, Brace and Co. New York.

Franklin D.Roosevelt também era um dos "falcões" entre a delegação americana que participou da elaboração do fatídico Tratado de Versailles. Foi um dos que exigiram que a Alemanha fosse tratada com máxima dureza e que o *Kaiser* fosse enforcado.

Como Presidente dos Estados Unidos desde 1933, fomentou a 2ª.Guerra Mundial estimulando via diplomática a Polônia a acreditar na proteção dos aliados e provocando o Japão na área do Pacífico. No diário do seu Ministro da Guerra Stimson vamos encontrar sob 5/12/1941 a seguinte anotação: *O problema proposto era manobrar os japoneses a dar o primeiro tiro sem nos expor a um perigo excessivo. Foi uma tarefa difícil.* O serviço de escuta americano já informara Roosevelt no dia anterior ao ataque japonês a Pearl Harbor que este estava por acontecer. Roosevelt não ordenou qualquer medida preventiva, optando pelo sacrifício de seus marinheiros, só para poder motivar o seu povo a ingressar no maior conflito da história.

Franklin Delano Roosevelt não teve a satisfação de ver realizado o seu sonho acalentado por tantos anos. Não ficou sabendo que o objetivo do seu ódio fora derrotado e destroçado. Morreu alguns dias antes do final da guerra na Europa em 12 de abril de 1945. Poucos meses depois seu sucessor, Harry S.Truman, apesar de saber da disposição do Japão de se render, mandou detonar duas bombas atômicas, uma sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki.

56 – Olimpíada na China 18/8/2008

Diante de todo o rebuliço em torno do grande espetáculo chinês, não há como deixar de ver certo paralelo com o que se estabeleceu a respeito da Olimpíada em Berlim de 1936. Já então existia a mídia amestrada, não tão afinada e tão bem orquestrada como chega a ser a de hoje, mas já bastante atuante. Naquela época a bola da vez era a Alemanha. A Nação do Mal. Coitada, era dirigida por um regime político que acabara de assumir apenas três anos antes, e já era odiado pelas Nações do Bem. Não a ponto de boicotarem os jogos, mas muito se fez para macular o seu esplendor. É claro que sempre existem enormes interesses, sejam políticos, sejam comerciais, por trás da vontade e da decisão de um país de hospedar os jogos. A cada quatro anos o anfitrião escolhido se esmera e desdobra seus recursos financeiros e criativos tentando oferecer ao mundo um espetáculo cada vez mais impressionante. Assim também a Alemanha em 1936, apesar de estar se recuperando de sérias dificuldades econômicas, investiu todos os seus recursos e sua capacidade, NÃO em preparar uma guerra, que eclodiria três anos depois, mas, isto sim, em apresentar algo que superasse o que em 1932 Los Angeles, ou em 1928 Amsterdam mostraram. O grandioso estádio, construído em tempo recorde,

não tinha igual. A organização foi modelar. Inovou-se no alojamento e no tratamento dado aos atletas. Inclusive aos negros! A tocha olímpica, trazida em revezamento desde a Grécia, foi uma novidade criada por Goebbels e seus "capangas". E a maior das ignomínias: aquela Nação do Mal formara atletas que destronaram os Estados Unidos do quadro de medalhas. Foram 33 contra 24 de ouro e 89 contra 56 no total.

Toda sorte de mentiras subsiste até hoje buscando denegrir o feito daquele povo. Agora parece que foi escalado um novo adversário. Os globalistas não estão gostando desta potência asiática que se desenvolveu a partir daquele seu inexpressivo aliado de 1945. Outra China acabou no lugar da de Chiang Kai-shek. Inicialmente foi ocupada territorialmente pelo ultracomunista Mao-Tse-Tung. Nada contra, pois o comunismo servia aos interesses do governo mundial. Mas parece que ali acabou surgindo um socialismo que não era bem o da escola pretendida. Daí que os deformadores de opinião do mundo todo vêm assestando suas baterias contra o país. Antes mesmo dos jogos o Tibete serviu de excelente cavalo de batalha. A Ângela, fã numero um do Bush, chanceler da Alemanha, aproveitou uma visita oficial à China para demonstrar suprema falta de educação e reclamar do desrespeito aos direitos humanos. Seu anfitrião apenas respondeu que a China cuida ela própria dos seus problemas.

Pois é, e o noticiário sobre os jogos lembra muito os esforços rebuscados de 1936 para desfigurar o mérito dos organizadores. Procurou-se botar defeito em tudo. Até o

uso de efeitos eletrônicos na cerimônia de apresentação foi criticado.

O que com tudo isto não mais deve passar despercebido é que de há muito a opinião pública do mundo inteiro está sofrendo um processo de tutela, cujos objetivos são evidentes. A Alemanha foi um obstáculo a tais interesses, removido vitoriosamente em 1945. Cabe agora descobrir qual o papel que a nova China e a Rússia de Putin pretendem desempenhar no futuro próximo.

57 – Marechal de Campo Rommel e o 20 de julho

11/9/2008

Lendo as notícias que nos vêm da Alemanha de hoje, vejo que se comemora lá a data de 20 de julho. É a data em que no ano de 1944, quando o fim da guerra se aproximava, houve o atentado a bomba relógio contra Hitler. Aconteceu no Quartel General do *Führer*, então na Prússia Oriental. A

bomba explodiu durante uma reunião, na qual estavam Hitler com mais 24 pessoas e fora ali depositada pelo Coronel Claus Schenk Conde de Stauffenberg. Este conseguiu se retirar em tempo e até pegar um avião de regresso para Berlim onde deveria ser aguardado pelos seus colegas de insurreição. Morreram ali quatro dos participantes da reunião e mais sete ficaram feridos. Além de um ferimento no braço Hitler nada sofreu. Devido à ação rápida do Major Otto Remer, comandante do batalhão de guarda em Berlim, a conspiração foi abafada no mesmo dia.

O grupo de revoltosos foi logo identificado e, evidentemente, em curto processo condenado à pena máxima. Seus personagens vêm sendo heroizados na Alemanha, prática contra a qual estão se levantando algumas vozes importantes no país. São de opinião de que se trata de homenagens a golpistas, que, em última análise, prestaram um desserviço à própria pátria e desqualificaram o sacrifício dos soldados combatentes. Na verdade parece que houve muita ingenuidade, ambição de poder ou até má fé. Segundo foi divulgado os rebelados queriam conseguir um acordo com os aliados em que fosse assegurado à Alemanha: autodeterminação dos povos, retorno às fronteiras de 1919, devolução das colônias etc., ou seja, o mesmo que Hitler sempre quis. Só que sabiam que não havia alternativa senão a rendição INCONDICIONAL.

A fim de valorizar o grupo de insurretos, vem sendo feito um esforço incomum em ligar a ele um dos nomes mais respeitados entre todos os comandantes militares da 2ª.Guerra Mundial: Marechal de Campo Erwin Rommel, a

famosa "Raposa do Deserto". Rommel já deixara a guerra de 14-18 como Capitão e com a medalha do "Pour Le Mérite", a mais alta condecoração de então. Em 1944 era Marechal de Campo agraciado com o mais alto galardão distribuído neste embate. Após a guerra foi personagem de vários filmes, representado por atores de ponta como James Mason, Marlon Brando e outros. Um dos biógrafos de Rommel, David Irving, diz que não há registro oficial da participação de Rommel na conspiração. No começo daquele mês de julho Rommel teria ouvido indícios de algo que se preparava do Segundo Tenente Cesar von Hofacker. Possivelmente comentou isto com um dos seus generais, Hans Speidel, uma figura um tanto dúbia. Por ocasião da invasão aliada, 6 de junho de 1944, Speidel comandava as forças de defesa no lugar de Rommel, que se encontrava de licença e alguns historiadores acham que Speidel facilitou as coisas para os invasores e, em consequência, recebeu como prêmio alto posto na OTAN após a guerra. Voltando ao tempo pós 20 de julho é preciso dizer que generais das forças armadas alemãs acusados de algum delito enfrentavam primeiro um Tribunal de Honra e só quando indiciados por este iam ao Tribunal Popular. No curso das investigações Speidel foi ao Tribunal de Honra, não sofreu punição e, tudo indica, acusou Rommel.

No dia 14 de outubro de 1944 os generais Burgdorf e Maisel foram à casa de Rommel em Herlingen e comunicaram a ele que seu nome foi comprometido e por ordem do Führer lhe davam a opção de escolha entre Tribunal Popular e a cápsula de veneno. Rommel se despediu da mulher e

do filho. Ao despedir-se do seu ajudante, Capitão Hermann Aldinger, disse: "Chegou o fim (...) Sinto-me inocente, não participei do atentado. Servi à minha pátria a vida toda e fiz o melhor." Acompanhou os dois generais. Um médico do hospital de campanha em Ulm atestou o óbito por ataque cardíaco. Rommel teve um funeral de Honra do Estado.

58 – Existem poderes supranacionais? 26/9/2008

Quando perguntamos pela origem das guerras, neste nosso caso especialmente pela culpa no desencadeamento da Segunda Guerra Mundial, somos obrigados a passar ao largo de uma entidade fantasma. Algo impalpável, intocável, não sabemos se existe, mas temos motivos para desconfiar.

Diante das convulsões em que se debate atualmente o mundo financeiro internacional talvez seja oportuno voltar atrás um pouco no tempo. Voltar ao dia 20 de junho de 1782. Neste dia o Congresso dos EUA aprovou, após seis

anos de debates, o desenho das duas faces do brasão daquele país. É o mesmo que até hoje ilustra a nota de 1 dólar. A comissão encarregada era composta por: Benjamin Franklin, John Adams e Thomas Jefferson, os mesmos homens que posteriormente passaram longa temporada em Paris, onde, supõe-se, a Ordem dos Iluminados estava em plena atividade pré-revolucionária. Neste brasão podemos reconhecer uma série de coincidências bem interessantes, todas relacionadas ao número 13. Procure observar à esquerda: Treze degraus na pirâmide inconclusa, treze letras ANUIT COEPTIS. À direita: Treze estrelas na aura, que no conjunto formam a estrela de David; treze folhas no ramo de oliveira e treze bagos de olivas; treze flechas e treze listas no escudo.

TREZE é um número repleto de simbolismos, seja na magia, seja na Cabala. Também é o número do Conselho de Dirigentes da antiga Ordem de Sion (prieuré de Sion), inspiradora da Ordem dos Iluminados. Esta foi fundada em 1776 na cidade de Ingolstadt, Alemanha, por Adam Weishaupt. Entre os pontos ideológicos de Weishaupt se destacam: Marcha através das instituições (infiltração e domínio de posições chave) e sistema de república de cidadãos do mundo. Em 1778 começou a se infiltrar nas lojas maçônicas,

passando a ser Munique a central da organização. Foi apoiada pelo Duque Ernst Von Sachsen-Gotha (ancestral da Rainha Elisabeth II da Inglaterra). Este provavelmente também herdou os registros, desaparecidos, que poderiam talvez comprovar até que ponto os Iluminados teriam estado envolvidos na Revolução Francesa. Em 1792 a sede da ordem passa a ser Frankfurt. Afirma-se que Weishaupt fora agente dos Rothschilds, donos do que depois passou a ser o império bancário internacional.

Em 1784 a Ordem dos Iluminados é proibida na Bavária. Em 1787 já existiam dezesseis lojas na costa leste dos Estados Unidos. Da primeira era membro Clinton Roosevelt, ancestral direto de Franklin Delano Roosevelt. Este último, ao lado de Winston Churchill, foi o maior incitador à 2ª. Guerra Mundial.

59 - Herrenvolk (Povo soberano) 11/10/2008

Constantemente se é confrontado com a afirmação de que o alemão acreditava pertencer a uma raça, casta ou etnia superior. Pura lenda. Já abordei aqui este assunto há quase dois anos atrás. Mostrei ali o que o próprio Hitler

pensava da (im)pureza racial da nação da qual ele então ainda era um simples político. Sem dúvida foi este seu pensamento a origem para uma série de medidas que adotou após assumir o governo, destinadas a preventivar justamente a miscigenação que estava temendo ou que estaria ocorrendo. Parece que estas medidas incomodavam demais a Franklin D. Roosevelt, que então era presidente dos Estados Unidos e, como se confirma hoje, estava em plena atividade para criar o império mundial americano. Daí a intensa e duradoura campanha de desinformação que deixou o alemão estigmatizado como soberbo, pretensamente superior aos outros povos.

Impõe-se aqui também mencionar o reverso da medalha. Se um queria apurar a genética do seu povo, havia o outro que queria destruí-la.

Wendell Wilkie, encarregado especial de Roosevelt, diz em sem livro "One World" que Roosevelt e Josef Stalin combinaram ter como objetivo primordial da guerra a "Abolição da exclusividade racial" (Abolition of racial exclusiveness) dos alemães, através sua mistura forçada com povos de raças e culturas estranhas. Diz ainda que durante a ocupação pelos aliados deverá ser incentivada a imigração e assentamento de não-germânicos, especialmente de homens. Pois no que restou da Alemanha a população de estrangeiros ou de origem estrangeira hoje já soma 20%.

Se genocídio é extermínio ou desintegração de grupos humanos, o que esses dois chefes de estado projetaram é exatamente isto.

Vivi na Alemanha, sendo três anos sob o regime nacional-socialista. Nunca deparei com qualquer afirmação oficial que buscasse fazer o povo crer ser um "povo eleito" ou ser de raça superior, como a desinformação insiste em divulgar. Mesmo porque teria sido ridicularizada no próprio meio.

Ainda para confirmar este meu modo de ver a questão consultei o texto do programa do NSDAP, Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães, a fim de ver se ali haveria alguma indicação de presunção de superioridade. Entre os seus 25 Pontos, estabelecidos em 24/2/1920 e que não sofreram alteração até o final, nada encontrei. Ao contrário, em seu Ponto 2 reivindica IGUALDADE do povo alemão em relação às outras nações. Este programa (os nossos partidos têm Programa?) pode ser acessado na internet em traduções não exatamente fiéis. O endereço onde encontrei um no idioma original não existe mais.

Para confundir ainda mais, a desinformação insiste em interligar termos como raça superior e arianos. Estes podem tanto designar castas nobres na antiga Índia e Ásia Menor como agrupamento indo-iraniano da família linguística indo-germânica. Portanto, quando empregada corretamente, a designação deve se referir à segunda interpretação e envolve grande número de povos. Acredite: *Herrenvolk* é mais uma das mentiras dos marqueteiros de Roosevelt.

Em tempo: Acaba de ser lançado pela Juruá Editora o livro "Os Soldados Alemães de Vargas". É de autoria do Prof.

Dennison de Oliveira, catedrático de História da Universidade Federal do Paraná. Mestre em Ciências Políticas e Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp, o Professor Dennison de Oliveira aborda com competência e objetividade o envolvimento do Brasil com a Segunda Guerra Mundial, como já o fizera em sua obra anterior "Os Soldados Brasileiros de Hitler". Trata-se de uma contribuição de peso para o entendimento daquele passado histórico.

60 – Enganaram o mundo

28.10.2008

Experimente, faça seu Ibope particular, pergunte a dez pessoas o que elas sabem da Segunda Guerra Mundial. Pergunte quem a começou, quem foi o grande vilão da história? Sete, pelo menos, responderão que era a Alemanha que queria dominar o mundo e que foi ela a grande culpada. Lembremos de que se trata de culpabilidade por um morticínio de 40 a 50 milhões de seres humanos, destruições imensuráveis, torrentes de dor e lágrimas.

Os verdadeiros autores - autores também desta monumental mentira que envolveu e enganou o mundo todo -

hoje parece que estão no papel do aprendiz de feiticeiro. Será que vão ter que desencadear mais uma guerra ou teriam chegado ao fim de linha?

Quem realmente quis e conseguiu dominar o mundo e formar um império, foram os Estados Unidos da América do Norte. A guerra fez parte do projeto econômico que viria a tornar este país o mais rico do mundo. Quanto maior o poder econômico, maior o poder militar. Este necessário para exigir e cobrar tributos das outras nações. Assim fez o império romano, o grego, o otomano, o britânico e assim fez ou faz o americano. O Império Americano inovou, cobrando seus tributos de forma indireta. A economia americana começou a florescer no início do século passado. Sua moeda, o dólar, era vinculada ao ouro. A inflação dos anos 1921 a 1929 aumentou de modo significativo a quantidade de dólares em circulação, tornando a paridade ilusória. Roosevelt (Presidente dos EEUU) acabou com ela em 1932. Apesar de sua posição de destaque como força econômica os Estados Unidos ainda não eram um Império, a ligação ao ouro não permitira até então que enriquecessem a custa dos outros. O império nasceu mesmo em 1944 com o acordo de Bretton-Woods. Ali se criou o FMI e o Banco Mundial e ali se instituiu o dólar como reserva monetária internacional e unidade de pagamento no comércio mundial. Ninguém mais vivia sem dólar. Começou uma política imperial inclemente. Aumentava-se permanentemente a quantidade de dólares em circulação. Seus orçamentos sempre foram deficitários e os saldos cambiais negativos. Assim grande parte do seu papel moeda fluiu para o exterior onde a polí-

tica inflacionária americana reduzia o seu valor. Assim como a inflação de um país representa um imposto velado sobre os seus cidadãos, a inflação do dólar representa um imposto com o qual os outros países sustentam o Tio Sam. Em 1972/73 mais um grande golpe. O Império fez um acordo com a casa real da Arábia Saudita (íntima dos Bin Laden) garantindo-lhe apoio militar, pelo que esta passou a aceitar somente dólar em pagamento do seu petróleo. Os colegas da OPEC acompanharam o rei saudita. Quem quisesse petróleo tinha que ter dólar através do qual o Império cobrava seus tributos inflacionários do mundo. Aparecesse alguém aceitando outro meio de pagamento este teria que ser "convencido" a mudar de ideia. Apareceu Saddam Hussein pretendendo aceitar Euro. Deu no que deu. Agora o Iran quer estabelecer uma Bolsa de Petróleo em Teheran. Só existem duas, uma em Londres e outra em Nova Iorque, ambas sob controle imperial, ambas só aceitam dólar.

Fica mais do que evidente que em 1939 o império em formação tinha que impedir Hitler, não de conquistar o mundo, mas, isto sim, de prosseguir com a sua política comercial do escambo. Alemanha, exaurida e empobrecida por Versailles, não tinha DÓLAR para o seu comércio internacional. Passou a TROCAR mercadorias com os demais países. Estava dando certo, mas não podia. Se amanhã tivermos uma guerra contra o Iran por causa da "Iranian Oil Bourse", ontem o escambo pode ter sido causa da guerra mundial. Mas, podemos ter uma certeza: Sempre o mundo será enganado.

61 – Obaobamania 10.11.2008

Quando vejo a festa, verdadeiro carnaval, que a mídia amestrada mundial faz em torno de um nome, de uma figura e de um cargo, não posso deixar de me lembrar de Taylor Caldwell. No seu livro "Os Capitães e os Reis" esta grande escritora anglo-americana descreve uma eleição presidencial nos Estados Unidos, no fim da qual o candidato favorito é assassinado por não compactuar com os verdadeiros donos do poder. E ela diz: "Eles (os donos do poder) estão acima do bem e do mal. Os Césares que eles levam ao poder são - conscientemente ou inconscientemente - suas criaturas e, tanto faz se na Europa, Rússia, China, África ou América do Sul, sem forças."

Por isso não consigo me engajar neste movimento eufórico. Seja Osama, seja Obama, há que fazer o que ELES querem. Certamente nada vai acontecer que justifique as esperanças que fizeram brotar na mente da senhora diarista que cuida da minha casa e até agora nunca se interessou por política, muito menos internacional. Não, não é um novo messias que chegou aí. Vai continuar tudo como está, algumas mudanças nos enfeites, na perfumaria, só que tudo mais controlado e nós todos um pouco mais acabrestados. Quem se opor é eliminado, nem que para tanto seja necessária uma nova GUERRA MUNDIAL.

De fato os donos do poder encontraram nos Estados Unidos um eficiente executor de ordens, cuja tradição de violência garante a força necessária para alcançar seus objetivos. Veja aqui um pouco da sua História bélica.

A colonização da América do Norte começou por volta de 1607 e até o fim daquele século os colonizadores ingleses e holandeses viviam se enfrentando entre si. Depois vieram as batalhas entre os Novos Ingleses e os Novos Franceses. Derrotados os últimos, em 1763 os colonizadores ingleses, com ajuda da França e da Espanha, tiveram que enfrentar em cruentas batalhas os Velhos Ingleses, que não queriam abdicar da condição de donos da colônia. Independente em 1776, com Constituição em 1789, oito anos depois, a nova nação inicia guerra marítima contra a França e acaba perdendo 300 navios. O terceiro presidente, Thomas Jefferson, faz uma guerra de quatro anos contra o Pachá de Trípolis. Seu sucessor, James Madison, ocupa militarmente a Flórida em 1810 e em 1812 declara guerra à Grã-Bretanha, porque quer incorporar o Canadá. Do chefe seguinte data a "Doutrina Monroe" através da qual começam a se arvorar de Donos das Américas. De 1846 a 1848 registramos a guerra com o México, na qual este perde metade de suas terras: Texas, Califórnia, Arizona, Nevada, Utah, parte do Novo México, Kansas, Colorado e Wyoming. Seguiu-se a Guerra da Secessão, americanos contra americanos, em 1861 até 1865.

Durante todo o tempo não se descuidam da guerra de extermínio contra os índios. Em 1898 anexaram a República do Havaí e iniciam a guerra contra a Espanha, através

da qual anexam mais Porto Rico, Guam e a base naval de Guantánamo em Cuba. A Espanha perde ainda as Philipinas, que passam a território ocupado por 47 anos. Na guerrilha que segue estima-se que tenham sido exterminados 200.000 filipinos. Aí já temos um Roosevelt, o Theodore, como grande "incentivador". Era o da política do *BIG STICK*. É ele também que complementa a Doutrina Monroe avocando aos americanos o direito à intervenção armada na América Latina. Direito este ao qual abusaram, conquistando até mesmo o Canal do Panamá.

Poucos anos depois a I Guerra Mundial quando seu Presidente Wilson diz que *governos autocráticos* (Alemanha era uma monarquia) *são uma ameaça à paz e à liberdade dos povos.*

Eis que "com Deus e pela Liberdade" chegam à II Guerra Mundial, à Coréia, Vietnam, Grenada, Iraque I, Afeganistão, Iraque II – opa! esqueci o Cosovo da Sérvia.

Como diria Gore Vidal: *Perpetual War for Perpetual Peace*. Mas é a Alemanha que leva a fama e paga a conta.

62 – Campos de concentração 25.11.2008

Como publicitário que fui na minha vida profissional, eu não deveria me surpreender com os formidáveis efeitos produzidos pela propaganda. É uma arma muito mais forte do que mil bombas atômicas, bastando que você tenha os recursos ou os meios na mão. O título deste ensaio de hoje é um exemplo. Falou em "campo de concentração" a primeira, senão a única, associação que ocorre a qualquer pessoa é: alemão – judeu – genocídio, sempre ligada à última guerra mundial.

De pronto todos se lembrarão de um nome, Auschwitz, o mais divulgado. Os mais bem informados ainda se lembrarão de Dachau e Buchenwald. Na realidade eram vinte e dois na Alemanha e nos territórios ocupados. Em território ocupado se situava Auschwitz. Era, portanto, um dos que menos tempo teria estado disponível para servir como campo de extermínio. Auschwitz também abrigou Elie Wiesel, judeu que se tornou famoso, publicou em 1968 o seu livro *Legends of our Time*, no qual conclama o mundo a manter um ódio permanente contra os alemães. No mesmo ano ganhou o Prêmio Nobel da Paz! Detalhe interessante é que quando os alemães não tinham mais como segurar a ofensiva das tropas soviéticas e estas se aproximavam de Auschwitz, foi dada aos internos a opção de, ou acompanhar os alemães em seu recuo, ou aguardar a "libertação"

pelos russos. Pois Elie Wiesel e seu pai preferiram acompanhar seus "algozes" alemães.

Campos de concentração sempre existiram. Historicamente o conceito deve ter surgido na guerra que os ingleses travaram contra os *Boers* ou *Buren*, colonizadores teuto-holandeses da África meridional. Quando os comandantes das forças britânicas, lordes Roberts e Kitchener, cansaram de enfrentar a brava resistência dos camponeses, resolveram tomar os seus parentes, mulheres e crianças, como reféns. Cerca de 100.000 foram confinados em *concentration camps*. Consta que até o fim das hostilidades em maio de 1902, foram vinte mil os que morreram devido à má alimentação e falta de assistência médica. Encontrei a foto abaixo na internet.

No caso exposto tivemos a criação de campo de concentração com o fim de abrigar reféns. O que se tem visto, entretanto, da década de 30 para cá, é o campo de concen-

tração servindo para aprisionar pessoas por motivos políticos, ou, também, para aumentar a capacidade prisional propriamente dita. Esta segunda variante certamente seria uma boa opção para o nosso país, que não está conseguindo ampliar o seu sistema carcerário na medida das reais necessidades. É uma alternativa de baixo custo e que permitiria oferecer condições bem mais humanas e decentes do que as que atualmente aqui imperam.

Volto ao objetivo deste ensaio de hoje, para contradizer a doutrinação feita através da propaganda e que sugere ser esta forma de cercear a liberdade de grande número de pessoas uma invenção e exclusividade dos alemães. Outros países, como os próprios Estados Unidos, prenderam e internaram civis, súditos de países com os quais estavam em guerra. O Brasil mostrou até uma dedicação especial, pois já começou prendendo alemães muito antes de declarar guerra. No meu livro "...e a guerra continua" descrevo com mais detalhes o que aconteceu com o meu pai alemão naquela ocasião. Há cerca de seis anos atrás foi editado aqui um livro de uma autora brasileira que fez uma pesquisa a respeito dos "campos de concentração brasileiros" durante a 2ª.Guerra Mundial. Não consigo mais encontrá-lo.

Agora, a mídia amestrada que me perdoe, como pode esquecer os campos soviéticos? Os *GULAG*, certamente campeões absolutos em números de qualquer natureza. Em número de vítimas fatais, fala-se, superam o que se propala dos campos alemães na proporção de dez a um. Mas é mui-

to rara qualquer menção a respeito nos meios de divulgação mais populares.

Concluo com uma notícia que acaba de ser divulgada por F.William Engdahl na internet e que também não será encontrada, presumo, nos jornais diários. Diz ela que a *FEMA – Federal Management Agency* do *U.S. Department of Homeland Security* tem prontos e preparados 800 campos de concentração nos Estados Unidos como prevenção para poder enfrentar possíveis perturbações da ordem pública naquele país.

63 – Comentários e respostas 2/12/2008

Já afirmei aqui que comentários aos ensaios publicados neste blog são muito bem-vindos. Todo autor quer que seus escritos tenham vida e esta vida se traduz pela motivação que conseguem despertar no leitor. Por outro lado deve ser compreensível que num trabalho de fundo polêmico como este não se pode estimular um esquema que promova a discussão. O que se pretende é acrescentar ao

mundo de informações sobre a 2ª.Guerra Mundial, que o leitor já tem, outras, possivelmente inéditas, facilitando-lhe chegar a um conceito próprio sobre o que realmente aconteceu. A ideia não é catequizar. Cada um absorve e trabalha o que leu à sua maneira.

Quem escreve sobre História geralmente depende de fontes. *Tacitus*, o grande cronista do Império Romano, não viveu ele próprio a História que relata. Os Evangelhos não foram escritos por quem viveu à época de Cristo. Consta que datam dos anos 70 a 120 d.C. – Assim o autor deste modesto portal da internet também depende de pesquisa e de fontes, apesar de ter a grande vantagem de ter vivido à época sobre a qual refere. Nunca é demais lembrar que eu convivi com soldados "nazistas" e com membros e até pequenos dirigentes (um tio meu era *Ortsgruppenleiter*, dirigente do departamento do bairro) do partido nacional-socialista e lembro que eram todos seres perfeitamente normais e humanos, como esperamos encontrar em qualquer sociedade civilizada.

Dito isto quero inicialmente responder ao senhor Leo Gott, que em comentário anexo ao ensaio 53 (Uma princesa em Buchenwald) pergunta: *"Eu gostaria de saber quais as fontes que o autor desta matéria se baseou."* Com certeza este leitor ficou em dúvida por talvez só conhecer a versão propagada pelo jornalista e escritor americano William L.Shirer. Este realmente diz em dois dos seus livros que Hitler mandou matar a Princesa Mafalda pela SS em Buchenwald. Agora, como já falei naquela matéria, apesar da fama, não se pode considerar que Shirer seja um escritor desapaixo-

nado e isento. A versão que publiquei, eu a obtive de *"Der grosse Wendig"- Grabert Verlag – Tübingen 2006* pg.141 e pode ser confirmada por várias páginas encontradas na web.

Aproveitei para responder ao Sr.Gott aqui no corpo do blog por achar que é uma forma de prestar contas aos leitores em geral que me honram com sua atenção. E, não querendo ser injusto, respondo aqui também ao Sr.FÁBIO, que no mesmo dia deixou um comentário junto ao ensaio 62 com o seguinte teor: *"Muito boa sua abordagem. Mas o que realmente estaria por trás desta difamação e propagação do ódio aos nazistas, que segundo o Sr. é propagada pela mídia e propagandas populares??? Quem teria interesse nisso???"* Digo a este leitor que o que nós aqui podemos fazer é publicar e chamar atenção para os indícios e esperar que sejam interpretados. O importante é que mantenhamos viva a capacidade de formar conceitos próprios. Mas uma resposta clara à pergunta talvez possa ser encontrada no ensaio 15 – (Discurso de 10 de dezembro de 1940) que publiquei aqui em 12/02/2007 resumindo um discurso de Hitler. Ao final ele diz: *"Estamos lutando contra dinastias financeiras, lutamos contra a plutocracia. O mundo pode escolher: Ou todo o poder ao capital, ou a vitória do trabalho."*

64 – Buchanan inocenta a Alemanha 19.12.2008

Patrick J.Buchanan, conhecido também por Pat Buchanan, já é um nome emblemático na constelação política americana. Foi várias vezes candidato à presidência dos Estados Unidos. É jornalista e comentarista de TV sempre em alta atividade. Mantém um *blog*. Para quem quiser conferir: >http://buchanan.org/blog/<. Escreveu muitos livros, tendo lançado o último agora em 25 de maio de 2008 com o título *"Churchill, Hitler and The Unnecessary War"* e com o subtítulo *"How Britain Lost its Empire and the West Lost the World"*. Ali ele diz que não só a guerra entre Churchill e Hitler, portanto a Segunda, como também a de 1914, foram guerras evitáveis e desnecessárias. Sua tese central: "Os britânicos chutaram fora o seu império. Através de dois erros colossais a Grã-Bretanha declarou guerra por duas vezes à Alemanha, que não a atacou e que não queria guerra com ela, lutou por dez sangrentos anos e perdeu tudo".

A revista Newsweek arrasou o livro. Usou até como argumento o velho mito de que em 1914 era preciso parar o militarismo prussiano e que a política do Kaiser demonstrava que a Alemanha buscava uma chance de estender a guerra sobre todo o globo. Ao que Buchanan responde: "Bobagem. Se o Kaiser procurasse uma guerra ele poderia

ter achado. Em 1914 ele já detinha o poder há 25 anos, estava na meia idade avançada, nunca havia lutado uma guerra, nem visto uma batalha. Isto mostra desejo de conquistar o mundo?" E conclui: "Mesmo Churchill, que antes de 1914 acusava o Kaiser de querer dominar o mundo, concedeu: *A História deveria (...) absolver Guilherme II de ter iniciado e planejado a Guerra Mundial.*"

Quanto à II Guerra Buchanan diz ainda na resposta publicada no seu blog de 20/6/2008, que, antes de a Grã-Bretanha lhe ter declarado a guerra, Hitler nunca cobrou a devolução das terras perdidas por Versailles para o Ocidente. Não cobrou porque buscava uma aliança, ou ao menos amizade com a Grã-Bretanha e também sabia que qualquer medida contra a França provocaria a guerra com os ingleses – uma guerra que ele nunca quis. Se quisesse, porque não construiu uma grande frota marítima? Porque não ficou com a frota francesa, quando a França se entregou? Porque construiu a *Siegfried Linie*, uma linha de defesa, se sua intenção era invadir a França? Se quisesse guerra com o Ocidente, porque ofereceu paz depois da Polônia e ofereceu paz de novo depois de Dunquerque?

Buchanan conclui que o Império Britânico batalhou, sangrou e morreu preparando a Europa Oriental e Central para o stalinismo, que em setembro de 1939 já tinha feito 1.000 vezes mais vítimas do que Hitler.

O livro de Buchanan acaba de ser editado também na Alemanha e ele concedeu à revista *DMZ-Deutsche Militärzeitschrift* da editora Lesen&Schenken GmbH de Kiel uma entrevista da qual destaco o seguinte trecho:

Buchanan: Não tivessem os britânicos declarado Guerra à Alemanha em 1914, Canadá, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia e Índia não teriam seguido à nação-mãe. Também os Estados Unidos provavelmente teriam permanecidos neutros. Alemanha teria vencido em poucos meses e não haveria Lênin, Stalin, Versailles e, conseqüentemente, nenhum Hitler. E não tivesse a Grã-Bretanha, em março de 1939, dado garantias militares à Polônia – também com a consequência de ser seguida por África do Sul, Canadá, Austrália, Índia, Nova Zelândia e Estados Unidos – a guerra alemã/polonesa nunca teria se tornado uma guerra mundial de seis anos, que acabou custando 50 milhões de vidas humanas.

Quem afirmou tudo isto não é alguém com perfil de revisionista, é um cidadão americano que já poderia até ter presidido os Estados Unidos. Está mais do que na hora de todo mundo rever conceitos e preconceitos sobre as origens das duas Guerras Mundiais e sobre uma pretensão da Alemanha de invadir o Brasil.

65 – UNANIMIDADE É BURRA 30/12/2008

Deve ter sido Sérgio Porto, ou seu personagem Stanislaw Ponte Preta, quem disse que toda unanimidade é burra. É uma frase que revela a genialidade do autor. Simples, mas acerta na mosca. Não entendo como o mundo se deixou levar a uma quase unanimidade com tudo que se relaciona à II Guerra Mundial. Ainda hoje li um comentário na internet de um sujeito que acusa Israel de ser um "Estado Nazista" por sua agressão à Faixa de Gaza. Mas o maior espaço do seu artigo ele dedica à descrição da maldade e dos atos genocidas dos alemães. Quer dizer que nem mesmo um defensor dos palestinos é capaz de se livrar do preconceito. Também não é de admirar. Só neste ano Hollywood lançou seis filmes relacionados ao Holocausto. Estamos no ano de 2008, sessenta e três anos após o término da guerra.

Na verdade criou-se através de uma propaganda constante, contínua e persistente um fundamentalismo político, que, tal qual o religioso, faz com que as pessoas não pensem e apenas repitam aquilo que através de uma espécie de lavagem cerebral lhes fora incutido a vida toda. Prova clara do que estou afirmando é que quando se fala em

genocídio ninguém lembra do número assombroso de vítimas do regime soviético, pelo menos dez vezes maior que aquele do qual o regime nacional-socialista alemão costuma ser acusado. Não se questiona o fato de o símbolo soviético da foice e do martelo poder ser usado livremente, enquanto a suástica é proibida. No democratissíssimo país da Alemanha de hoje está se propondo novamente a proibição do partido político NPD, acusado de tendências direitistas (não acredito que os proponentes saibam definir o que é isto), tendo como motivo o ataque a arma branca sofrido pelo chefe de polícia de Passau por parte de uma pessoa não identificada, "presumivelmente" de extrema direita, segundo os locutores da *Deutsche Welle TV*.

O partido que defende a ideologia de Marx (Mardochai), Engels, Lênin, Stalin, Trotzky, Kamenjew, Sinowjew, Sokolnikow, Ehrenburg etc., o partido comunista, pode ser promovido em qualquer parte do mundo. Já o "nazista"... pensou, vai p'ra cadeia.

No Brasil convivemos com judeus que emigraram legalmente da Alemanha nos anos 30 e estes são constantemente lembrados. Convivemos também com milhares de representantes e descendentes de um povo que teve que fugir do jugo atroz dos bolchevistas e ninguém mais fala disto. Refiro-me aos russo-alemães. Chamados pela czarina Catarina, eles trabalharam a terra e prosperaram. Em 1929/30 perderam tudo, muitos até a vida, na violenta reforma agrária do partido comunista. Os que tiveram a sorte de escapar refizeram a vida no Canadá e, quando este suspendeu a imigração, no Brasil e Paraguai. Conheci a histó-

ria de um deles, cujos sete irmãos conseguiram ir para o Canadá. Ele procurou aguentar. Quando soube que era o primeiro de uma lista dos extermináveis, abandonou tudo no sul da Ucrânia conseguindo chegar a Moscou com sua mulher e duas filhinhas. Nesta capital já se concentravam milhares de refugiados deste povo que lá buscavam permissão das autoridades para deixar o país. A muito custo tiveram êxito em contatar a embaixada da Alemanha, à qual a polícia soviética tentava impedir o acesso. Com a interferência diplomática uma parte conseguiu embarcar num trem rumo à Alemanha. Segundo o relato, dos 13.000 que lá esperavam pela permissão apenas 6.000 a obtiveram. Dos demais não se teve mais notícia. Aos que seguiram a polícia tirou os últimos *kopekes* (dinheiro) antes de atravessarem a fronteira. Já na Alemanha eram esperados por serviço de enfermagem e cozinhas de campanha. Conduzidos a um antigo aquartelamento militar, onde seriam abrigados, sofreram o despiolhamento. Separados homens e mulheres, tiveram que tirar toda a roupa. Após passarem por chuveiros coletivos, receberam suas roupas de volta, devidamente desinfetadas. Pois o herói desta nossa pequena estória acabou no Brasil, Curitiba, onde reconstruiu sua vida. Teve mais cinco filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

Aí temos uma pequena amostra do que aconteceu atrás da cortina de ferro, no mundo vermelho, da esquerda, do Bem.

São fatos que a unanimidade do fundamentalismo político faz esquecer. Por isso peço licença ao Sérgio Porto: "Toda unanimidade é burra".

O QUE É VERDADE?

Todo o esforço que venho fazendo, todo o trabalho a que venho me dedicando através deste blog, agora sintetizado em livro, bem como o que dediquei à pesquisa e publicação do livro anterior "...e a guerra continua", tem como sentido ajudar a você, caro leitor, a separar o joio do trigo neste dilúvio de informações a que está exposto diariamente.

Reconhecer o que é verdade e o que é mentira. Isto é tarefa cada vez mais difícil. Hoje as fontes de notícia estão concentradas em poucas agências que obedecem a uma orientação concatenada fazendo com que os veículos de informação do mundo inteiro apresentem a mesma coisa, as mesmas imagens, as mesmas palavras. Muda só o idioma. A maior parte das empresas de mídia também já foi aliciada. Jornal que não publica o que a agência manda começa a receber as notícias com atraso, colocando-o em desvantagem em relação aos seus concorrentes.

Esta ditadura da informação naturalmente tem seus objetivos e não é aqui o lugar para entrar nesta seara. Mas entre estes objetivos está um alvo permanente: A degradação da imagem do povo alemão. Não o de hoje, suficientemente domesticado e que parece viver no 51° estado dos Estados Unidos da América, mas o dos pais e avôs deste de hoje. Difamação daquele povo, por exemplo, que viveu, ou

morreu a exatos 64 anos atrás, quando do maior morticínio, maior que o de Hiroshima, praticado pelos anglo-americanos em apenas 24 horas. Refiro-me ao bombardeio aéreo de Dresden nos dias 13 e 14 de fevereiro de 1945, poucos dias antes do final da guerra e sem qualquer motivo estratégico, senão o de matar o maior número de civis de uma vez só. A renomada enciclopédia alemã BROCKHAUS, edição de 1958 (!), diz que houve 300.000 mortos. A televisão estatal alemã, rememorando a data em seu jornal agora, dia 13, reduz o número de vítimas para vinte e cinco mil. Relativando os números isto quer dizer que os inimigos dos alemães até que não foram tão maus assim? Acreditar no que...

Para o futuro da humanidade será cada vez mais importante analisar, pensar, discernir e não aceitar a informação como verdade, mas, isto sim, buscar a verdade atrás da informação.

15.01.2009

CRONOLOGIA

Ordenar os acontecimentos no tempo e no espaço sempre é útil quando se busca a sua melhor compreensão. Assim o século passado praticamente começou com o fim da guerra hispano-americana. Acontece ligeira trégua, durante a qual a Rússia começa a desenvolver uma política expansionista nos Bálcãs. Isto provoca o desagrado do Império Austro-Húngaro, que, por sua vez, contava com o apoio da Alemanha. Em 28.6.1914 é assassinado em Sarajevo o príncipe herdeiro por conspiradores sérvios, em virtude do que o Império declara guerra à Sérvia em 28.7 daquele ano. A Rússia mobiliza suas forças armadas em defesa da Sérvia e é afrontada pela Alemanha, o que envolve a França e a Inglaterra. No dia 4.8.1914 a Europa está na I Guerra Mundial, que acaba envolvendo outros países, como Turquia, Bulgária, Itália, Romênia e, como não podia deixar de ser, os Estados Unidos. Em 5.11.1916 é dada, por obra e graça da Alemanha, a autonomia à Polônia, até então província da Rússia. Logo depois em 21.11 morre o imperador austríaco Francisco José. Proposta de paz feita pelas nações do centro não são aceitas pelos aliados da *Entente*. Durante todo este tempo os britânicos exercem forte bloqueio naval, causando sensível carência de suprimentos nas hostes dos países centrais. Mas em março de 1917 irrompe uma revolta na Rússia e o czar Nicolau II abdica. Segue em outubro a revolução bolchevista, em dezembro o armistício e em 3.3.1918 o tratado de paz de Brest-Litovsk com a Alemanha. Romênia e Finlândia assinam a paz em seguida. Já nas ou-

tras frentes a coisa vai piorando para a Alemanha e seus companheiros. A Bulgária entregou as armas em 29.9.1918 e a Turquia em 31.10. O governo em Viena assinou armistício em 3.11.1918. Seis dias depois o Kaiser Guilherme II da Alemanha e seu príncipe herdeiro abdicaram ao trono, instalando-se a república naquele país. Na data de 11.11.1918 a Alemanha assinou com os aliados o armistício em Compiégne. O tratado de paz propriamente dito com a Alemanha foi assinado em Versailles no dia 28.6.1919, com a Áustria em Saint-Germain dia 10.9.1919 e com a Hungria em Trianon dia 4.6.1920; ainda Neuilly em 27.11.1919 com Bulgária e Sévres em 10.8.1920 com a Turquia.

Datas e acontecimentos que precedem à 2ª.Guerra Mundial

24.10.29 - QUEDA DA BOLSA DE NOVA IORQUE – Inicio da crise econômica mundial.

1931/32 - JAPÃO subjuga a província chinesa da Manchu ria, sendo condenado, mas não punido pela Liga das Nações. Japão se retira da Liga.

30.01.33 - ADOLF HITLER é nomeado Primeiro Ministro da Alemanha pelo Presidente Hindenburg. O NSDAP (Partido Nacional Socialista Alemão dos Trabalhadores) havia feito maioria no Reichstag (Parlamento).

02.08.34 - Com a morte de Hindenburg Hitler consegue do parlamento a outorga de plenos poderes e se declara "FÜHRER" da nação alemã.

1935 – Alemanha restabelece o serviço militar obrigatório. Na Checo-Eslováquia, país constituído após a 1ª Guerra Mundial e no qual viviam 42% de tchecos, 23% de alemães, 22% de eslovacos, 4% de judeus, o Partido dos Alemães Su-

detos conquista a maioria nas eleições parlamentares.
No Brasil Vargas vence a Intentona COMUNISTA.
03.10.35 - ITALIA invade a Etiópia, completando a conquista em 1936.
Julho 36 - Começa a guerra civil na ESPANHA.
07.07.37 - Começa a guerra SINO-JAPONESA.
1937/38 – No BrasilVargas reprime movimento integralista e decreta ESTADO NOVO com constituição autoritária. Segue a NACIONALIZAÇÃO que proíbe escolas, clubes, associações etc. estrangeiras; nomes públicos, como de cidades, localidades, ruas etc. tiveram que ser abrasileirados.
12.03.38 - Tropas alemãs ocupam a ÁUSTRIA.
14.04.38 - Em plebiscito a população austríaca decide pelo ANSCHLUSS, pela união do país à Alemanha. Isto foi reconhecido pela Sociedade das Nações.
29.09.38 - "Acordo de Munique" entre Hitler, Chamberlain (pela Grã-Bretanha), Daladier (pela França) e Mussolini(pela Itália), segundo o qual a região dos SUDETOS (parte da Boêmia e da Morávia de população alemã) é incorporada à Alemanha.

1939

14.03 – A ESLOVÁQUIA declara sua independência e a República Checa restante se coloca sob "protetorado" da Alemanha.
21.03 – Hitler propõe acordo à Polônia: Pede a volta de DANZIG/GDANSK (4% de população polonesa, desde 1919 cidade independente) ao Reich e a concessão de um

corredor exterritorial de ligação com a Prússia Oriental. Em troca reconheceria as fronteiras existentes. Polônia não aceita e adverte que insistência alemã levará à guerra.

II GUERRA MUNDIAL

01.09 - Tropas alemãs atravessam a fronteira contra a POLÔNIA.
04.09 - Aviões Wellington ingleses bombardeiam a cidade de Brunsbüttel no norte da Alemanha.
05.09 - ESLOVÁQUIA alia-se a Alemanha contra a Polônia.
09.09 - Atentado a bomba em Munique contra Hitler.
17.09 - Tropas SOVIÉTICAS penetram pelo leste na Polônia e avançam até um limite acordado com a Alemanha.
28.09 – Assinatura do Tratado de Fronteiras e Amizade entre Alemanha e União Soviética.
01.10 – Cessa a resistência polonesa.
06.10 – Em discurso perante o Reichstag Hitler propõe paz aos aliados.
30.11 – União Soviética inicia guerra contra a FINLÂNDIA.
13.12 – Batalha naval no Atlântico Sul entre vasos de guerra britânicos e o encouraçado alemão "Admiral Graf Spee" que acaba se auto-afundando diante do porto de Montevideo.

1940

09.04 - Alemanha inicia a marcha contra a NORUEGA através da DINAMARCA, cujo governo se colocara sob proteção alemã.
14.04 - Tropas britânicas desembarcam na Noruega.

08.06 - Governo e rei da Noruega fogem para a Inglaterra.
10.05 - Alemanha inicia a ofensiva ocidental invadindo a HOLANDA - que deixa de resistir em 14.05. - e a BÉLGICA.
18.05 – Primeiro bombardeamento da cidade de Hamburgo por aviões britânicos.
04.06 - Queda de DUNQUERQUE e retirada das tropas anglo-francesas.
05.06 - Invasão da FRANÇA.
10.06 - ITÁLIA declara guerra aos aliados e inicia hostilidades com a França.
14.06 - Ocupação pacífica de Paris.
17.06 - Marechal Petain assume o governo francês.
22.06- Capitulação das forças armadas francesas. O país permanece parcialmente ocupado e em parte autônomo, sob governo do Marechal Petain em Vichy.
Junho - União Soviética invade e ocupa os ESTADOS BÁLTICOS e obriga a ROMÊNIA a lhe ceder o território da Bucovina, o que fez com que Hungria e Bulgária também fizessem exigências à Romênia.
03.07 - Forças marítimas britânicas atacam e destroem parte da esquadra francesa ancorada em ORAN na África.
Setembro – Estados Unidos entregam 50 destróieres à Inglaterra em troca de bases militares. - Italia conquista na África do Leste as Somálias britânica e francesa; invade a África do Norte através da fronteira do Egito e da Líbia.
27.09 - Pacto tripartite. Formado o "Eixo Berlim - Roma-Tóquio".
12.10 - Hitler determina a suspensão dos preparativos de invasão da Inglaterra.

28.10 - ITALIA invade, por conta própria, a GRÉCIA através da ALBÂNIA, provocando reação da Grécia com apoio da Inglaterra, que ocupa a ilha de Creta. Isto, por sua vez, é visto pela Alemanha como ameaça ao seu suprimento de petróleo da Romênia

Novembro - HUNGRIA, ROMÊNIA e ESLOVÁQUIA ingressam no pacto do "EIXO".

Estados Unidos passam a entregar 50% da sua produção de aviões à Inglaterra.

Conferência de Berlim União Soviética/Alemanha. União Soviética exige: Liberdade de ação na Finlândia, base militar na Turquia para controle do Mar de Marmara e inclusão da Bulgária na área de interesses soviéticos.

14.11 - Bombardeio do porto de Coventry por aviões de Alemanha.

09.12- Derrota das forças italianas na África do Norte frente à contra-ofensiva britânica.

1941

Fevereiro - Envio do AFRIKAKORPS em socorro à Italia.

01.03 - BULGÁRIA adere ao pacto do "EIXO".

11.03 – Estados Unidos oficializam a condição de fornecedor de armamentos à Inglaterra.

25.03- IUGOSLÁVIA se alia ao "EIXO", porém acontece um golpe militar contrário em Belgrado.

30.03 – Estados Unidos confiscam navios da Alemanha e da Itália em seus portos.

06.04 - Alemanha ataca simultaneamente a IUGOSLÁVIA

e GRÉCIA.
10.05 - Rudolf Hess, substituto de Hitler no partido, faz vôo solitário e secreto à Esc6cia, onde é preso.
20.05 - Capitulação das forças italianas na África Italiana Oriental (Somália Brit. / Eritréa-Abissínia).
01.06 - Fim da Guerra nos BÁLCÃS com a vitória da Alemanha.
Durante o ano - Inglaterra fortifica sua posição no Oriente reprimindo um movimento antibritânico no IRAQUE e ocupando a SÍRIA.
Junho – Estados Unidos fecham consulados de países do Eixo.
22.06 - Início da GUERRA entre Alemanha e UNIÃO SOVIÉTICA. Ao lado da Alemanha participam: Itália, Romênia, Hungria, Eslováquia e Finlândia.
14.08 - Assinatura da "Carta do Atlântico" entre Roosevelt e Churchill.
Agosto - Em operação militar conjunta forças britânicas e soviéticas ocupam o IRÃ, pais neutro, cujo governo, entretanto, simpatizava com a Alemanha. O Xá Phalavi (pai) é forçado a abdicar a favor do seu filho, títere britânico. Estados Unidos oficializam sua condição de fornecedor de armamentos á União Soviética, que no primeiro ano recebeu 4000 tanques e 3000 aviões.
24.11 - As forças alemãs chegam a 50 km de Moscou onde a ofensiva alemã estaciona em função do inverno e das perdas sofridas (só no leste: 162.314 mortos, 33.334 desaparecidos e 571.767 feridos, ou sejam 24% do seu potencial, perdas estas que ate 10.9.42 subiriam para 51%).

07.12 - Ataque japonês à frota americana do Pacífico em Pearl Harbor.
11.12 - Alemanha e Itália declaram guerra aos Estados Unidos.

1942

03.01 – Estados Unidos, Grã Bretanha, Rússia e China e mais 22 países firmam compromisso de combater ate o fim os estados totalitários e de não fazer nenhuma paz em separado.
15.01 - Abertura da Conferência Intercontinental no Rio de Janeiro.
27.01 - Rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo.
28.01 - Polícia de Curitiba inicia a prisão de alemães. Muitos permanecem presos ate o final da guerra.
29.01 - Chefe de Polícia do Estado do Paraná proíbe reunião, "ainda que em casas particulares", de súditos do Eixo, bem como o uso dos idiomas alemão, italiano e japonês em lugares públicos.
Março - Embarque do corpo diplomático alemão no navio "Siqueira Campos" pelo porto do Rio de Janeiro com destino a Lisboa.
20.06- Capitulação das forças britânicas em Tobruk diante do Mal. Rommel.
19.08 - Tentativa frustrada de desembarque dos aliados em Dieppe, França.

22.08 – Brasil declara guerra aos países do eixo.
08.11 - Forças americanas e inglesas desembarcam no MARROCO e na ALGÉRIA. Em Casablanca inicialmente há resistência das forças francesas, mas que em 11.11. mudaram de lado. Isto provocou a ocupação da França autônoma e da Córsega por forças alemãs e italianas.

1943

26.01 - Conferência de Casablanca entre Roosevelt e Churchill na qual resolvem exigir rendição incondicional da Alemanha.
02.02 - Fim da batalha de Stalingrado c/ capitulação dos restos do 6° Exercito alemão.
Março - A batalha no Atlântico atinge o seu auge. Só neste mês os submarinos alemães afundaram um total de 693.000 BRT em navios, declinando rapidamente sua eficiência dali para frente em função da cessão por Portugal de uma base aérea nos Açores aos aliados.
12.05 - Aliados vencem a última resistência das forças do Eixo na África do Norte.
10.07 -Aliados_desembarcam em dois pontos da Sicilia, não encontrando resistência na área defendida por forças italianas.
24.07 - Primeiro dia da HECATOMBE DE HAMBURGO, que até dia 3 do mês seguinte sofreria sete bombardeios em massa das forças aéreas britânica e americana, durante os quais foram mortos mais de 50.000 habitantes.

25.07 - Mussolini é destituído e preso, assumindo o Marechal Badoglio.
03.09 - Assinatura do armistício entre aliados e ITÁLIA, divulgado dia 8, quando o rei foge para Bari.
12.09 - Mussolini é libertado por um comando alemão e constitui novo governo italiano em 23.9.
13.10 - O rei italiano declara guerra à Alemanha.
01.12 - Conferência de TEHERAN

1944

03.01 - Forças soviéticas, reconquistando seu território, chegam à antiga fronteira com a Polônia..
19.03 - A Alemanha ocupa a Hungria em virtude de informações de que esta estaria buscando negociações de paz com os aliados.
18.05 - Fim da batalha de Monte Cassino após quase cinco meses.
06.06 - Desembarque das forças aliadas na NORMANDIA.
22.06 - Intensificação da ofensiva soviética no leste.
20.07 - Hitler sofre um atentado a bomba no seu quartel general.
01.08 - Em Varsóvia 40.000 homens da resistência polonesa atacam as forças de ocupação alemãs e são vencidos em sangrentos combates de rua.
24.08 - Romenos param de combater e destituem Antonescu.
25.08 - Queda de Paris. General de Gaulle assume o governo do estado francês.

04.09 - Finlandeses cessam os combates. Armistício em 19.9
05.09 - Governo búlgaro responde à declaração de guerra soviética com pedido de armistício (Bulgária só havia declarado guerra aos EE.UU e Inglaterra.
11.09 - Aliados chegam à fronteira da Alemanha.
Outubro - Forças alemãs se retiram da Grécia.
18.10 – Hitler cria o "Volkssturm"(a faixa de convocáveis é ampliada para 16 a 60 anos de idade).
23.12 – Hungria assina armistício com os soviéticos e declara guerra à Alemanha.

1945

04.02 - Conferência de Jalta.
13.02 - HECATOMBE DE DRESDEN. Quando em suas ruas se aglomeravam centenas de milhares de civis fugitivos do avanço das tropas soviéticas, a cidade é bombardeada pelas forças aéreas britânicas e americanas.
07.03 - Aliados transpõem o rio Reno.
25.03 - Encontro das forças aliadas ocidentais com os soviéticos.
13.04 - Queda de Viena.
30.04 - Hitler suicida-se em Berlim, após ter nomeado o Almirante Dönitz seu sucessor.
02.05 - Queda de Berlim.
03.05 - Forças britânicas ocupam Hamburgo.
07.05 - Assinatura da capitulação da Alemanha perante as forças ocidentais, confirmada no dia seguinte diante dos soviéticos.

6/9.08- Bombas atômicas americanas sobre Hiroshima e Nagasaki. 132.000 mortes diretas.
02.09 - Capitulação das forças japonesas.

Tratados de paz:
10.02.47 - Aliados com Itália, Hungria, Romênia, Bulgária e Finlândia
08.09.51 – Estados Unidos e 48 países aliados com JAPÃO.
19.10.56 - União Soviética (que só havia declarado guerra em **8.8.45**) com Japão.

Com Alemanha não existe tratado de paz até hoje (2009) e, o que é pouco divulgado, é um país SEM CONSTITUIÇÃO.